Giselle Silva e Faria

COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA FORNECIDAS PELO ACELERÔMETRO ACTIGRAPH GT3X E PELO APLICATIVO DE CELULAR GOOGLE FIT DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2017

Giselle Silva e Faria

COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA FORNECIDAS PELO ACELERÔMETRO ACTIGRAPH GT3X E PELO APLICATIVO DE CELULAR GOOGLE FIT DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Reabilitação, nível mestrado da Escola de Educação Fisica, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação.

Área de concentração: Desempenho Funcional Humano

Linha de Pesquisa: Estudos emReabilitação Neurológica no Adulto

Orientadora: Profª Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, Ph.D., UFMG
Co-Orientadora: Profª Janaine Cunha Polese, Ph.D., Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2017

S935c 2017

Silva e Faria, Giselle

Comparação das variáveis de atividade física fornecidas pelo acelerômetro actigraph gt3x e pelo aplicativo de celular google fit durante a marcha de indivíduos pós-acidente vascular encefálico. [manuscrito] / Giselle Silva e Faria – 2017.
143f., enc. il.

Orientadora: Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela
Coorientadora: Janaine Cunha Polese

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 94-102

1. Acidentes vasculares cerebrais – Teses. 2. Exercícios físicos - Teses. 3. Neurologia - Reabilitação - Teses. 4. Marcha – Teses. I. Teixeira-Salmela, Luci Fuscaldi. II. Polese, Janaine Cunha. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 796.015

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS EM REABILITAÇÃO
DEPARTAMENTOS DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA OCUPACIONAL
SITE: www.eeffto.ufmg.br/mreabE-MAIL: mreab@eeffto.ufmg.br FONE/FAX: (31) 3409-4781/7395

ATA DE NÚMERO 246 (DUZENTOS E QUARENTA E SEIS) DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELA CANDIDATA **GISELLE SILVA E FARIA** DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO. .-

Aos 16(dezesseis) dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete, realizou-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, a sessão pública para apresentação e defesa da dissertação **"COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA FORNECIDA PELO ACELERÔMETRO ACTIGRAPH GT3X E PELO APLICATIVO DE CELULAR GOOGLE FIT DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO".** A banca examinadora foi constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, Aline Alvim Scianni e Raquel de Carvalho Lana, sob a presidência da primeira. Os trabalhos iniciaram-se às 9h00min com apresentação oral da candidata, seguida de arguição dos membros da Comissão Examinadora. **Após avaliação, os examinadores consideraram a candidata aprovada e apta a receber o título de Mestre, após a entrega da versão definitiva da dissertação.** Nada mais havendo a tratar, eu, Marilane Soares, secretária do Colegiado de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação dos Departamentos de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 2017.-

Professora Dra. Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela LSalmela

Professora Dra. Aline Alvim Scianni Aline Alvim Scianni

Professora Dra Raquel de Carvalho Lana Raquel de Carvalho Lana Campelo

Marilane Soares 084190 ____________________

Secretária do Colegiado de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação

UFMG

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA E
TERAPIA OCUPACIONAL

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS EM REABILITAÇÃO
DEPARTAMENTOS DE FISIOTERAPIA E DE TERAPIA OCUPACIONAL
SITE: www.eeffto.ufmg.br/mreabE-MAIL: mreab@eeffto.ufmg.br
FONE/FAX: (31) 3409-4781

PARECER

Considerando que a dissertação de mestrado de **GISELLE SILVA E FARIA** intitulada **"COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA FORNECIDA PELO ACELERÔMETRO ACTIGRAPH GT3X E PELO APLICATIVO DE CELULAR GOOGLE FIT DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO",** defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, nível mestrado, cumpriu sua função didática, atendendo a todos os critérios científicos, a Comissão Examinadora **APROVOU** a defesa de dissertação, conferindo-lhe as seguintes indicações:

Nome dos Professores/Banca	Aprovação	Assinatura
Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela	Aprovada	LSalmela
Aline Alvim Scianni	Aprovada	Aline Alvim Scianni
Raquel de Carvalho Lana	Aprovada	Raquel de Carvalho Lana Campelo

Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 2017.

Colegiado de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação/EEFFTO/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
DA REABILITAÇÃO / EEFFTO
AV. ANTÔNIO CARLOS, Nº 6627 - CAMPUS UNIVERSITÁRIO
CEP 31270-901 - BH / MG

Dedico esse trabalho àqueles que estão sempre ao meu lado, independente das circunstâncias, de maneira incondicional e inquestionável: Claiton Pereira de Faria (Papai) e Nilva Elena Silva Faria (Mamãe), meus amores dessa e de outras vidas.

“(...) É saber sonhar e, então, fazer valer a pena
cada verso daquele poema sobre acreditar.
Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu.
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu (...)”

(Trecho de “Trem Bala” - Ana Vilela)

AGRADECIMENTOS

Foram mais de dois anos intensos. Dores, perdas, quedas, sustos, insônia, desespero... Mas a cada momento superado, a alegria da vitória e a sensação de conquistar mais um degrau eram recompensadoras. Em cada uma dessas dificuldades, pude contar com diversas pessoas que teimam em não desistir de mim e em me levantar.

Agradeço aos meus amigos por entenderem os meus "não posso" e por, mesmo com eles, continuarem torcendo por mim e me incentivarem a sempre correr atrás dos meus sonhos. Em especial aos meus tartarugas que ainda vão chegar muito longe ao meu lado, e por tornarem essa caminhada tão mais leve. Às minhas meninas da república, por entenderem os meus "chás de sumiço", mesmo morando a apenas alguns metros de distância: Gabi, Thai e Nati, obrigada por serem meus abraços quando eu mais precisei. À minha alma em outro corpo que está ao meu lado desde pequenininha e que sempre será o Meu Bebê, por me mostrar que uma amizade é capaz de crescer e se fortalecer independente da distância, religião, crenças políticas ou orientação sexual. Nath, obrigada por me ensinar que o amor se fortalece todos os dias com simples gestos, começando por uma mensagem de "Giselda, cadê vc? Ta tudo bem??? To com saudade!!!" e que sempre termina em algum filme bobo no sofá da sala. À minha Rimã, por ter acendido em mim a luzinha "nerd" que já brilhava nela, e por me incentivar a sempre querer mais. Por realizar o meu sonho de voar longe, por dividir sua felicidade e sua vida comigo, e por me fazer muito feliz com isso. À Géssica por entrar na minha vida durante essa caminhada, por dividir sua família comigo e por ser o meu maior e melhor presente nos últimos anos (e por me dar uma lembrancinha gordinha e sorridente no meio do caminho, meu eterno presente de natal). À Fafá, pelas conversas filosóficas e por me fazer mais humana em meio a tanta racionalidade. À Paulinha, minha princesa do reino sul, por permitir que eu tenha algum contato com a realeza e me sinta um pouquinho mais nobre! Mas acima de tudo, obrigada pelas ligações intermináveis durante a madrugada, obrigada por passar por esse momento comigo, obrigada por me enxergar em um momento de escuridão e por me buscar em meio à esse momento. Obrigada por SEMPRE me acalmar quando ninguém mais parecia estar lá.

Obrigada por me entender como poucos e por ler meus pensamentos antes mesmo do telefone tocar. Passamos e vencemos juntas! E não há força maior do que a que desenvolvemos! Obrigadinha por isso também né, bãe! Obrigada ao meu “casal-carraptinho” por, não só dividir o quarto de hotel, o laboratório, os pacientes e as disciplinas, mas por dividir angústias, medos e inseguranças: Poli, obrigada pela parceria que se formou, pela meiguice e pelos momentos lindos ao longo dos últimos dois anos. Aos queridos, Hugo, Fabi, Léo, Diego e Aline, pelo carinho que foi construído meses depois de passarmos no vestibular e por seguirem comigo desde então. Aos amigos do Neurogroup, em especial à família Teixeira-Salmela, por tornarem a jornada tão divertida, e principalmente ao Patrick pelas lições de vida, superação e pelas “crocodilagens” de cada dia. À Lorena, por se preocupar, por se doar por completo, por sempre fazer o seu melhor, por ouvir e ser ouvinte, e por dividir comigo uma parceria tipicamente atleticana: sofrida até o final, mas forte e inabalável independente da situação. Me orgulho da profissional que você se tornou! Ao Dr. Evaristo por me enxergar e me fazer ter coragem de enfrentar meus monstros. Por me fazer mais forte e permitir que eu dê passos cada vez mais seguros e confiantes. Obrigada por me ensinar que a vida não é sempre cor de rosa e que vai doer muito algumas vezes, mas que, justamente por isso, ela é linda e merece ser vivida em cada momento, principalmente o AGORA! O amanhã? Ele se resolve sozinho... Obrigada por sempre ser a mão que me levanta e me tira de onde ninguém deveria ir.

Aos meus mestres, que tanto me inspiram e me guiam em cada passo da minha caminhada profissional. Obrigada à Giane por toda a paciência em me explicar a mesma coisa um milhão de vezes, até mesmo dentro do banheiro. Quando crescer, me contento em ter 1/10 do seu conhecimento. Obrigada à Aline Scianni por sempre ter uma palavra doce e carinhosa em qualquer momento, e por me orientardando liberdade para criar. Por me ensinar sobre muito mais do que a docência, por me ensinar sobre pessoas. Muitíssimo obrigada à Jana, que já foi “chefa”, parceira, companheira, “co” e hoje é amiga, mãe, irmã mais velha! Obrigada por me “ler” tão bem, por me fazer crescer, pelos “choques de realidade”. Obrigada por me reerguer, por enxugar minhas lágrimas incontáveis vezes e por acreditar em mim quando nem eu mesma acredito. Que nosso “casamento” seja para a vida toda!

Obrigada à Luci, por... Nossa, dessa vez não sei nem por onde começar. À Luci, por simplesmente SER, ser a mão que guia, ser a palavra que repreende e que conforta, ser o abraço que acalma, ser o olhar que ilumina, por SER HUMANA em todos os seus sentidos. Obrigada por nunca desistir de mim, mesmo eu dando todos os motivos para isso. Obrigada por me ensinar tanto sobre a fisioterapia, a docência, a pesquisa e, principalmente, sobre o outro! Obrigada pela oportunidade de trabalhar com você e por poder te acompanhar de pertinho, aprendendo e crescendo sempre mais. Obrigada pela humildade, pelo caráter e por me mostrar que devemos lutar sempre pelo que acreditamos e por quem acreditamos! Obrigada por sempre comprar minhas brigas e por me fazer ir além!

À minha família, meu porto seguro, minha fortaleza, meu tudo! Titio e Tia, obrigado por me mostrarem um novo e lindo caminho de esperança quando todos os outros já não faziam mais sentido. Aos primos Matheus e Ighor por todas as risadas e implicâncias deliciosas. À Quel, por comprar as minhas maluquices e por me defender. À Dani, minha afilhada-comadre-cunhada-irmã mais amada dessa vida! Minha versão loura 4.1. Minha trombada de trem da Índia. Pelos conselhos, pelas risadas, pelas músicas e até mesmo pela carência infinita que me fazem te amar cada dia mais. Aos meus irmãos Bi e Anderson pelas conversas e pelos conselhos. Por sempre tentarem me alertar sobre os males do mundo e por me lembrarem que a “lei da selva” sempre vai existir, mas que eu sou mais forte do que ela! À minha super-irmã por me fazer crescer como irmã, como mulher, e agora como madrinha. Obrigada por me confiar o seu bem mais precioso e por, FINALMENTE, começar a me ouvir (afinal, antes tarde, do que mais tarde!). Às minhas pequenas princesas e razões de viver, por trazerem mais cor e leveza à minha vida: Camilla, Maria Luíza, Lis. Obrigada por me fazerem tia-madrinha, e principalmente, me tornarem criança novamente. Obrigada por me sujarem, por me pintarem, por me arranharem, por dançarem e cantarem comigo. Obrigada ao vovô Oliveira e a vovó Arcina, que passaram a me olhar lá de cima durante essa jornada, por me acompanharem, a partir de agora, em todos os meus passos, sem existir mais distância alguma. Meu time de anjinhos agora conta com mais esses reforços, e tenho a certeza de que os olhares aí de cima sempre me protegerão. Obrigada ao titio Carlos por sempre se fazer presente em minha vida nas maneiras mais sutis, que só a gente entende, e por nunca deixar de me amar e me abraçar, mesmo estando com duas asinhas. Obrigada à minha mimadinha que tem o maior carinho do mundo apesar dos 1,51m: Joubs. Minha mulherzinha guerreira, exemplo de vida e superação, que soube criar uma família linda com o suor do trabalho e muita fibra. Que você continue com toda essa saúde, coragem, força, vitalidade e implicância que eu tanto amo! Seus quase 90 anos me inspiram! Ao Guilherme, minha metade branquinha, por ter o melhor coração (e o mais valioso, em todos os sentidos, diga-se de passagem) que Deus já colocou em um ser humano. Por toda a paciência comigo e por sempre apoiar as minhas decisões (mesmo não concordando, às vezes). Obrigada por ser sempre a voz que me acalma e os braços que me confortam. Obrigada por me permitir conviver com sua simplicidade e honestidade. Obrigada por me encantar! Obrigada aos meus maiores ícones de renúncia e amor: Papai e Mamãe. Obrigada pela vida, por todas as vezes que vocês abriram mão dos seus sonhos pelos meus, por todas as broncas e por todos os colos. Obrigada por me proporcionarem todas as oportunidades pessoais e profissionais que me permitiram chegar até aqui e crescer como cresci. Obrigada por me darem essa família de loucos que me completa em todos os sentidos. Obrigada por serem meus melhores amigos e por me fazerem a mulher que sou.

Acima de tudo, agradeço de todo o meu coração a Deus, que me permite, todas as manhãs, recomeçar e seguir em frente. A Ele que nunca me desampara, que me permite superar todo e qualquer obstáculo, e que me conhece melhor do que eu mesma. A Ele que permitiu que eu chegasse até aqui, e que fez com que meu caminho cruzasse com o de todos vocês: minha eterna gratidão! O meu muito obrigado nunca será suficiente!

PREFÁCIO

O presente estudo foi desenvolvido como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação, de acordo com as normas do colegiado de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) referentes ao formato opcional, que segue as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Desta forma, a fim de atender as exigências da instituição de ensino, a presente dissertação é compreendida por cinco capítulos.

O **primeiro** capítulo se refere à introdução, onde são abordados os problemas até então existentes com relação ao tema estudado, a justificativa para a realização do estudo e os objetivos do trabalho.

O **segundo** capítulo se refere à metodologia desenvolvida, onde se detalha os caminhos percorridos para o desenvolvimento do presente estudo como a definição do local de realização do trabalho e da amostra populacional estudada, além de discorrer sobre os instrumentos utilizados, as variáveis de desfecho e as análises estatísticas utilizadas.

O **terceiro** capítulo apresenta os resultados, fazendo referência às características da amostra estudada e apresentando os principais achados relacionados às variáveis de desfecho.

O **quarto** capítulo consta de dois artigos elaborados, que serão encaminhados para publicação. O primeiro artigo segue as normas da revista *Disability and Health Journal e o* segundo artigo segue as normas da revista *Disability and Rehabilitation*.

O **quinto** capítulo contém as considerações finais, seguido das referências bibliográficas utilizadas, do mini currículo da autora e dos anexos e apêndices referentes a presente dissertação.

RESUMO

O uso da acelerometria e de aplicativos de celular tem ganhado cada vez mais importância no contexto da reabilitação de indivíduos pós-Acidente Vascular Encefálico (AVE), visto que permite a avaliação objetiva dos níveis de atividade física e o monitoramento de variáveis, como número de passos e gasto energético (GE). No entanto, não se sabe se os dados fornecidos por esses dispositivos representam o real nível de atividade física desses indivíduos. Para atender tais pressupostos, foram desenvolvidos dois estudos respondendo aos seguintes objetivos: **Estudo 1 -** Comparar o número de passos predito pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e pelo aplicativo de celular Google Fit, com o número de passos observados pelo pesquisador durante a marcha rápida no solo de indivíduos pós-AVE crônicos; **Estudo 2 -** Comparar o GE estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e pelo aplicativo de celular Google Fit com o GE obtido através do ergoespirômetroMetamax 3B durante a marcha rápida em solo de indivíduos pós-AVE crônicos. Foi realizado um estudo transversal, onde indivíduos pós-AVE crônicos caminharam em um corredor reto e plano de 10 metros, em velocidade máxima, por cinco minutos. Durante o teste, os indivíduos utilizaram o acelerômetro *ActiGraph* GT3X, um celular contendo o aplicativo Google Fit e o ergoespirômetro portátil Córtex Metamax 3B, simultaneamente. A medida de critério para o número de passos foi o observado por um pesquisador previamente treinado. Para a análise estatística, foram realizados testes de normalidade (*Shapiro-Wilk*), seguido do cálculo de coeficientes de Pearson e Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI[2,1]) para todas as variáveis de desfecho. Nível de significância: 5%. Participaram do estudo 37 indivíduos com média de idade de 62 (±11,2) anos, e tempo pós-lesão de 91,3 (±90,4) meses. Foram encontradas associações positivas e estatisticamente significativas entre o número de passos determinado pelo pesquisador e o estimado pelo aplicativo de celular Google Fit (r=0,89; p<0,001), e pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X (r=0,56; p<0,001). A análise do CCI (2,1), por sua vez, demonstrou existir uma maior concordância entre os dados obtidos pelo aplicativo de celular Google Fit (CCI=0,93; p<0,001) com menor média de diferença entre o número de passos observado e o estimado (-8,3 passos; p=0,37), enquanto o acelerômetro *ActiGraph* GT3X demonstrou menor concordância (CCI=0,32; $p<0,001$) e média de diferença entre os valores observado e estimado de 191,8 ($p<0,001$) passos. Com relação ao GE, foram observadas associações positivas e estatisticamente significativas de magnitude fraca apenas entre o GE estimado pela fórmula combinada do *ActiGraph* GT3X e o GE convertido do ergoespirômetro ($r=0,37$; $p=0,04$). A análise do CCI (2,1) revelou não existir concordância entre os valores estimados pela fórmula combinada e pelo obtido através do ergoespirômetro. O presente estudo observou que, apesar de ser utilizado em indivíduos pós-AVE, o acelerômetro *ActiGraph* GT3X possivelmente não parece ser o monitor de atividade física mais adequado para essa população. Já o aplicativo de celular Google Fit demonstrou ter potencial para ser utilizado em indivíduos pós-AVE crônicos, visto que o número de passos estimados pelo dispositivo foi associado à medida de critério durante a marcha rápida no solo.

Palavras-chave: Acidente Vascular Cerebral. Atividade Física. Marcha. Estudo de Validação. Acelerometria. Telefones Móveis.

ABSTRACT

The objective evaluation of physical activity levels of individuals with stroke becomes very important for clinicians involved in stroke rehabilitation, once it guides the professionals to set more realistic and objective goals to improve physical conditioning of these individuals. In this scenario, the use of accelerometry and smartphone applications stands out, since theyprovide objective measures of different physical activity variables, such as the number of steps taken and energy expenditure (EE). However, although these devices have been frequently used in recent studies with individuals with stroke, it is not known if their data represent the actual physical activity levels of these individuals. Therefore, in the present dissertation, two studies were carried-out in an attempt to solve these issues. The **first study** aimed at comparing the number of steps predicted by the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application, with the number of steps observed by the researcher during fast overground walking of chronic stroke individuals. The **second study** aimed at comparing the EE estimates from the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application, with the EE obtained from the conversion of the oxygen consumption (VO_2) given by the Metamax 3B ergoespirometer during fast overground walking of chronic stroke individuals. Both studies had a cross-sectional design, in which individuals with chronic stroke were asked to walk on a 10-meter straight hallway over five minutes at their fast speeds, wearing the ActiGraph GT3X accelerometer, a smartphone containing the Google Fit application, and the Cortex Metamax 3B ergoespirometer. The criterion-standard measure for the variable related to the number of steps was thatcounted by a trained examiner. The inclusion criteria were: ages ≥20 years, time since stroke onset >6 six months, ability to walk at least 14m independently, ability to understand and follow verbal instructions, and absence of cognitive deficits, as determined by the cut-off scores on the Mini Mental State Exam. Individuals, who had any other neurological, orthopedic, and/or respiratory diseases, were excluded. Descriptive statistics, normality tests (Shapiro-Wilk) were carried-out for all outcomes, followed by the calculation of Pearson's correlation coefficients and intra-class correlation coefficient (ICC [2.1]). For all analyses, the significance level was established at

$\alpha \leq 0.05$. Thirty-seven individuals were included in the present study, who had a mean age of 62 (±11.2) years, and a mean time since the stroke onset of 91.3 (±90.4) months. Significant and positive associations were found between the number of steps observed by the researcher and the number of steps estimated by the Google Fit smartphone application (r=0.89, p<0.001), and the ActiGraph GT3X accelerometer (r=0.56; p<0.001). The ICC (2,1) analysis revealed that the Google Fit smartphone application showed greater agreement (ICC=0.93; p <0.001) and a lower mean difference between the observed and estimated number of steps (p=0.37), whereas the ActiGraph GT3X accelerometer data showed lower agreement (CCI=0.32, p<0.001) and a mean difference between the observed and estimated number of steps of 191.8 (p < 0.001) steps. Regarding the EE, significant, weak, and positive association was only found between the EE estimated from the combined formula from ActiGraph GT3X and that converted from the ergospirometer (r=0.37; p=0.04). The ICC analyses (2,1) found no agreement between these EE data. Therefore, the results of the present study demonstrated that, despite being frequently used in studies with stroke individuals, the ActiGraph GT3X accelerometer did not provide valid measures, and maynot be the most appropriate physical activity monitor for this population, since its variables did not show any association with the criterion-standard measure. On the other hand, the Google Fit smartphone application showed the potential to be used with individuals with chronic stroke, since the number of steps estimated by the device was associated with the criterion-standard measure during fast overground walking.

Keywords: Stroke. Physical Activity.Walking.Validation Studies.Accelerometry.CellPhones.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Além de ser a principal causa de morte no mundo, o Acidente Vascular Encefálico (AVE) também se destaca por ser a principal causa de incapacidade a longo prazo (LECIÑANA *et al.*, 2014). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 1,9 milhões de pessoas sobreviveram a um episódio de AVE apenas na América Latina em 2004 (LECIÑANA*et al.*, 2014). Além disso, de acordo com a Sociedade Brasileira de Doenças Cerebrovasculares, atualmente o AVE é a doença que mais mata brasileiros e mais incapacita pessoas em todo o mundo (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DOENÇAS CEREBROVASCULARES, 2016).Nesse contexto, um grande número de sobreviventesao AVE apresenta déficits motores residuais (FLYNN; MACWALTER; DONEY, 2008), que ocasionam aumento nas demandas energéticas e favorecem uma redução dos níveis de deambulação (MICHAEL; ALLEN; MACKO, 2005) e limitações em atividadesdiárias (FLYNN; MACWALTER; DONEY, 2008).Assim, indivíduos pós-AVE necessitam de um trabalho constante de uma equipe de reabilitação, visando re-estabelecer o máximo de independência e funcionalidade desses indivíduos dentro dos contextos em que esses se encontram inseridos.

Visandofornecer uma estrutura de trabalho padronizada e de melhor qualidade aos atendimentos oferecidos pelos profissionais envolvidos nos processos de reabilitação,a OMS criou em 2001, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) considerado o principal modelo teórico a ser utilizado por esses profissionais (SAMPAIO *et al.*, 2005;ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2004). Isso porque tal modelo considera que, em um processo de reabilitação, o indivíduo deve ser considerado como um sistema complexo, possuidor de diferentes níveis funcionais que interagem entre si e contribuem da mesma maneira para o quadro apresentado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2004). Ao se avaliar a presença de alterações em estruturas e funções corporais, limitações durante a realização de determinadas atividades e restrições na participação social do indivíduo, a CIF modifica o foco do processo de reabilitação, antes centralizado na doença, e passa a considerar todas as variáveis que podem vir a contribuir para o quadro apresentado (ÜSTÜN*et al.*, 2003). Tal classificação apresenta, ainda, níveis funcionais que podem ser didaticamente divididos em fatores pessoais como história de vida, sentimentos, ideias, expectativas, etc., e fatores ambientais como contexto familiar, círculo de amizades, ambiente doméstico, local de trabalho, dentre outros (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE,2004;DI NUBILA;BUCHALLA, 2008*)*. Cada um desses fatores pode atuar como um facilitador ou como uma barreira para o processo de reabilitação, cabendo ao profissionalclassificá-los (SAMPAIO *et al.* 2005). Assim, a CIF engloba todas as funções do corpo, bem como a capacidade de realização das atividades de vida diária (AVD), sem perder de vista a interferência que as alterações nesses domínios ocasionam na participação social do indivíduo (SAMPAIO *et al.* 2005).

A utilização da CIF no contexto do condicionamento cardiovascular em indivíduos pós-AVE é de extrema importância para a compreensão do impacto da diminuição dos níveis de atividade física na vida dos sobreviventes. Devido aos déficits em estrutura e função remanescentes da lesão, como por exemplo, alterações metabólicas e cardiovasculares (IVEY; HAFER-MACKO; MACKO, 2006; IVEY; HAFER-MACKO; MACKO, 2008; BILLINGUER *et al.*, 2012), além de uma marcha mais assimétrica (STANHOPE *et al.*, 2014),indivíduos pós-AVE geralmente apresentam predisposição a um estilo de vida mais sedentário e ao descondicionamento cardiorrespiratório, o que impacta diretamente no desempenho de AVD e pode contribuir não somente para um maior risco de recorrência de AVE, como também para a presença de demais doenças cardiovasculares (BILLINGER*et al.*, 2014).

Um estudo de 2015 observou que o sedentarismo se instala ainda na fase aguda após o AVE, momento em que esses indivíduos tendem a passar até 94% do tempo do dia inativos (MATTLAGE *et al.*, 2015). Esse perfil tende a se perpetuar para a fase crônica da lesão, como foi identificado em um estudo de base populacional nos Estados Unidos, que observou que os níveis de atividade física de indivíduos pós-AVE comunitários são mais baixos que de idosos ou indivíduos com outras condições crônicas de saúde musculoesqueléticas ou cardiovasculares (ASHE*et al.*, 2009). Nesse sentido, estudos demonstraram que o tempo gasto em atividades sedentárias, por si só, pode contribuir para um risco maior de desenvolvimento de doenças cardiovasculares e de ganho excessivo de peso (MARTINEZ-GOMEZ*et al.*, 2009; WARREN *et al.*, 2010). Nesse contexto, a promoção da prática de atividade física diária tem se tornado um fator imprescindível e apoiado por guias clínicos, inclusive os direcionados ao AVE (BILLINGER *et al.*, 2014, GORDON *et al.*, 2004).

A importância da prática regular de atividade física com o objetivo de se ter uma melhor condição de saúde já é bem estabelecida em indivíduos pós-AVE (BILLINGER*et al.*, 2014; GORDON *et al.*, 2004; SAUNDERS; MPHIL; MEAD, 2014; GALLANAGH*et al.*, 2011). Além disso, tem sido reportados com cada vez mais frequência os benefícios de se manter um estilo de vida ativo, com melhoras no controle de sintomas da depressão (GRAVEN*et al.*, 2011), nos aspectos executivos e funcionais (CUMMING *et al.*, 2012), na memória, qualidade de vida (CHEN; RIMMER, 2011) e na fadiga (FARIA; TEIXEIRA-SALMELA; POLESE, 2015). Evidências apontam ainda para o fato de se recomendar a prática de exercícios aeróbicos regulares com o objetivo de se melhorar a capacidade aeróbica e a eficiência da marcha de indivíduos pós-AVE crônicos (BILLINGER *et al.*, 2014;WENDEL-VOSS *et al.*, 2004). A literatura reporta que indivíduos pós-AVE crônicos deambulando em uma maior cadência tendem a melhorarem o condicionamento cardiovascular mais do que indivíduos pós-AVE deambulando em velocidade habitual (MICHAEL; MACKO, 2007), o que geralmente é o principal objetivo de um programa de condicionamento. Nesse contexto, um estudo prévio observou que indivíduos pós-AVE crônicos aumentam o GE, quando deambulam em velocidade máxima (POLESE *et al.*, 2015). Dessa maneira, acredita-se que o risco de novos eventos cardiovasculares, bem como o risco de quedas e fraturas, seria reduzido através da prática de atividade física regular, além de favorecer a independência funcional desses indivíduos (BILLINGER*et al.*, 2014;WENDEL-VOSS *et al.*, 2004).

Estudos prévios observaram que indivíduos pós-AVE na fase crônica, classificados como moderadamente ativosde acordo com a pontuação obtida no Perfil de Atividade Humana (PAH), reportaram menores níveis de fadiga (FARIA; TEIXEIRA-SALMELA; POLESE, 2015), além de apresentarem menores discrepâncias de força em membros inferiores e funcionalidade (POLESE *et al.*, 2013). Nesse contexto, os benefícios para a saúde associados à prática de atividades físicas, mesmo de intensidade leve, também têm sido reportados como, por exemplo, um melhor controle da glicemia e um melhor controle do ganho de peso(HEALY*et al.*, 2007; LEVINE; EBERHARDT; JENSEN, 1999).

Dessa maneira, a avaliação objetiva da atividade física habitual de indivíduos pós-AVE torna-se importante para a prática clínica, uma vez que fornece informações essenciais sobre a recuperação das limitações de atividade vivenciadas por esses indivíduos (GEBRUERS*et al.*, 2010).Contudo, apesar da avaliação do nível de atividade física ser fundamental para o desenvolvimento de intervenções mais efetivas, tal prática ainda é pouco frequente no ambiente clínico (WANMIN *et al.*, 2012). Questionários de autorrelatopodem ser uma forma interessante de se avaliar tal parâmetro, porém estão sujeitos a viés de memória e erros de compreensão por parte dos pacientes (WANMIN *et al.*, 2012). Tal fato, associado ao desenvolvimento tecnológico, permite que métodos mais objetivos, como o uso de acelerômetros e aplicativos de celular, ganhem uma atenção cada vez maior (WANMIN *et al.*, 2012).

1.1 Acelerometria como método de mensuração dos níveis de atividade física

Acelerômetros são dispositivos capazes de medir a aceleração de um corpo qualquer de forma indireta (FIGUEIREDO *et al.*, 2007). Como a aceleração aplicada em um corpo é proporcional à rede de forças externas atuantes no mesmo, esta pode, portanto, ser usada para se estimar a intensidade e frequência da atividade física praticada pelo usuário do acelerômetro (CHEN; BASSET, 2005). Além disso, são dispositivos pequenos, nãoinvasivos, fáceis de serem utilizados e capazes de fornecer indicadores objetivos dos níveis de atividade física, durante maiores períodos de tempo (LEE; KIM; WELK, 2014).

Acelerômetros comerciais utilizados como monitores de atividade física têm a habilidade de medir objetivamente o número de passos dados e o gasto energético (GE) durante a realização de uma determinada atividade (MOTL; SNOOK; AGIOVLASITIS,2011; SERRA *et al.* 2016). Tais dispositivos geralmente produzem dados de saída (*outputs*) na forma de "*counts* de atividade" por um período de tempo definido (i.e., *counts*/min.$^{-1}$) (BORNSTEIN *et al.*, 2011). De acordo com o fabricante, *counts* são as somas dos valores absolutos da mudança de aceleração medidos durante um período de tempo. Essas unidades representam a estimativa da intensidade da atividade medida durante cada período de tempo (BORNSTEIN *et al.*, 2011). Uma vez gerados, é possível a conversão dos *counts* na unidade de medida padrão referente ao GE, i.e., quilocalorias por minuto (kcal/min), permitindo análise e interpretação coerente e padronizada dos dados fornecidos pelo dispositivo.

De acordo com uma revisão de literatura realizada em 2015, acelerômetros são os dispositivos mais frequentemente utilizados para se avaliar os níveis de atividade física em indivíduos pós-AVE (FINI *et al.*, 2015). Dispositivos como o *StepWatch Activity Monitor*(SAM), *SenseWear Armband Pro*e *ActivPal* foram considerados os mais utilizados, porém o primeiro fornece apenas o número de passos, enquanto os dois últimos fornecem informações referentes ao GE (FINI *et al.*, 2015).

O número de passos fornecido pelo SAM já foi comparado com diversas medidas de critério e em diferentes condições (FULK *et al.*, 2014;MUDGE.; STOTT; WALT, 2007; MACKO *et al.*, 2002).Fulk *et al.* (2014) objetivou comparar o número de passos fornecidos por quatro monitores de atividade física, sendo eles o *Nike Fuel*+, *Fitbit Ultra*, *Yamax Digi-Walker SW-701* (YDWP) e SAM, com o que foi observado através da filmagem de um teste de caminhada de dois minutos de 20 indivíduos com traumatismo crânio-encefálico e 30 indivíduospós-AVE crônicos. Dentre os dispositivos avaliados, o SAM apresentou melhor acurácia com ICC (2,1)=0,97 e média da diferença entre o número de passos real e o estimado de 4,7 (FULK *et al.*, 2014).

Já Mudge, Stott e Walt (2007) compararam o número de passos estimados pelo SAM com os resultados obtidos pelo *ThreeDimensional Gait Analysis* (3-DGA) e por um dispositivo de análise de marcha que funciona como um sensor de pressão (*Footswitch*) fixado na cabeça do primeiro metatarso de cada pé (MUDGE; STOTT; WALT, 2007). A marcha dos participantes foi avaliada tanto em laboratório como em ambiente aberto, em velocidades habitual e máxima, e em atividades, como caminhada em diferentes terrenos e subir e descer escadas (MUDGE.; STOTT; WALT, 2007). Foi observado que os valores estimados pelo SAM apresentaram correlações de magnitude boa a excelente, tanto para o membro inferior parético (3-DGA: r=0,896; *Footswitche*s: r=0,963), como para o não parético (3-DGA: r=0,963; *Footswitche*s: r=0,999), com os limites de confiança de 95% na análise de Bland-Altman variando de ±10 (3-DGA) a ±57 passos (*Footswitches)* para o membro inferior parético (MUDGE.; STOTT; WALT, 2007).

Macko *et al.* (2002) por sua vez, investigaram a acurácia e a confiabilidade do SAM e de um pedômetro mecânico convencional (*Elexis Trainer*, FM-180, *International Microtech*, Miami, FL)durante a marcha em ambiente fechado de indivíduos pós-AVE crônicos, sendo a medida de critério utilizada um contador manual de passos (MACKO *et al.*, 2002). Foram realizados dois testes de caminhada de um minuto cada, sendo, um em velocidade habitual e o outro em velocidade máxima (MACKO *et al.*, 2002). Observou-se que, durante os testes de caminhada, em ambas velocidades, o número de passos estimados pelo SAM foi mais acurado que o estimado pelo pedômetro: 98,7±1,2% e 89,0±11,93%, respectivamente($p<0.01$).

De forma geral, o SAM apresentou resultados promissores para indivíduos pós-AVE crônicos.No entanto, tal dispositivo apresenta elevado custo para ser adquirido e utilizado na prática clínica, além de necessitar de treinamento prévio para sua utilização (FULK *et al.*, 2014). Esses fatores associados podem dificultar a adesão do equipamento por parte dos profissionais clínicos. Além disso, na maioria dos estudos realizados até o presente momento, o SAM foi posicionado no membro inferior não parético, o que pode ter levado a uma possível superestimação do real nível de atividade física desses indivíduos. Isso porque, após o AVE, é comum a presença de alterações biomecânicas durante a marcha, devido, principalmente, aos déficits motores residuais presentes no membro inferior parético (YAVUZER, 2006). Dessa maneira, este possivelmente não seria o posicionamento mais adequado para se estimar o nível de atividade física desses indivíduos. Apesar de Mudge, Stott e Walt (2007) terem avaliado o uso do SAM também no membro inferior parético, sua acurácia foi testada com os indivíduos deambulando sem seuscalçados habituais, o que, muito provavelmente, não condiz com a realidade da prática de atividades físicas e também pode favorecer uma diferença no padrão de marcha observado. Além disso, o intervalo de confiança de 95% da análise de Bland-Altman demonstrou uma variabilidade muito grande no número de passos estimados pelo SAM, quando posicionado no membro inferior não parético, ao ser comparado ao *Footswitch* (MUDGE; STOTT; WALT, 2007). Ademais, por se tratar de um acelerômetro, o SAM possivelmenteteria o potencial para mensurar demais variáveis relacionadas à prática de atividade física,uma vez que já se sabe que tais dispositivos são capazes de fornecer variáveis como, por exemplo, o GE, auxiliando usuários e clínicos a terem acesso a um quadro mais completo do estado de saúde do indivíduo. Porém, tal dispositivo considera apenas o número de passos de usuário (FULK*et al.*, 2014).

Com relação ao GE, dentre os dispositivos que fornecem tal informação, apenas o *SenseWear Armband Pro*teve sua validade de critério testada (FINI *et al.*, 2015), ao ser comparado com água duplamente marcada (MOORE*et al.*, 2012),com o *Oxycon Metabolic Cart* (CareFusion Respiratory, Care, Yorba Linda, CA, USA) (MANNS; HAENNEL 2012) e com a calorimetria indireta (CardioVit CS-200 Ergo-Spiro, Schille) (VANROY*et al.*, 2014).Manns e Haennel (2012) compararam o GE de 12 indivíduos pós-AVE, obtido através do consumo de oxigênio, com o GE estimado pelo *SenseWear Pro Armband* (Body Media, Pittsburgh, PA, EUA), um acelerômetro frequentemente utilizado em indivíduos pós-AVE. Observou-se que, apesar de terem sido encontrados valores de concordância adequados entre os valores reais e preditos (ICC=0,59 braço parético; ICC= 0,70 braço não parético), o percentual médio da diferença absoluta observada entre os braços parético e não parético foi consideravelmente alto (aproximadamente 18%) (MANNS; HAENNEL, 2012). Por outro lado, Moore *et al.* (2012) também compararam o uso do *SenseWear Pro Armband* com a água duplamente marcada para se obter o GE total de nove indivíduos pós-AVE crônicos, com comprometimento motor leve (escore 2±2 em uma escala de 0 a 7 na *National Institute of Health Stroke Scale* – NIHSS), por um período de 10 dias. Foi observado que o acelerômetro não forneceu medidas fidedignas ao se estimar o GE desses indivíduos através de *"counts"*, o que corrobora as evidências prévias, onde o uso domesmo dispositivo não se mostrou válido para se medir o GE em indivíduos pós-AVE (VANROY*et al.*, 2014).

Embora se saiba da importância da mensuração do nível de atividade física pós-AVE, a literatura ainda é escassa em relação à validação e avaliação das propriedades de medidas de diferentes acelerômetros como métodos de mensuração dos níveis de atividade física.

1.1.1 Acelerômetro *ActiGraph* GT3X

Dentre os diversos tipos de acelerômetros existentes no mercado, o *ActiGraph* GT3X tem se destacado, por sercapaz de fornecer medidas da intensidade da atividade física realizada atravésda contagem do número de passos dados durante um determinado período de tempo e através de "*counts* de atividade" (ACTIGRAPH, LLC ENGINEERING/MARKETING, 2008), além de já ter sido utilizado em indivíduos pós-AVE (MATLAGE *et al.*, 2015).

Após a realização de qualquer atividade física em que o indivíduo esteja utilizando o acelerômetro *ActiGraph* GT3X, é possível obter, dentre outras variáveis, o número de passos dados pelo usuário (ACTIGRAPH, LLC ENGINEERING/MARKETING, 2008). Essa informação torna-se relevante para o contexto da reabilitação neurológica, uma vez que a literatura reporta que a utilização da acelerometria em um programa de monitoramento de passos é eficaz para aumentar o nível de deambulação de indivíduos pós-AVE crônicos (DANKS*et al.*, 2014). Contudo, assim como os acelerômetros já mencionados, o*ActiGraph* GT3X, também tem sido posicionadono membro inferior não parético (DANKS*et al.*, 2014).Nesse contexto, até o presente momento, apenas um estudo utilizou o *ActiGraph* GT3X no membro inferior parético, porém de indivíduos pós-AVE na fase aguda da lesão (MATLAGE *et al.*, 2015).Foi observado queesses indivíduos apresentaram um baixo nível de atividade física (MATLAGE *et al.*, 2015).No entanto, não se sabe seas variáveis fornecidas pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X, quando posicionado no membro inferior parético de indivíduos pós-AVE,são medidas válidas de níveis de atividade física.

Outra maneira de se mensurar os níveis de atividade física de usuários do acelerômetro *ActiGraph* GT3Xé através do GE obtido através da conversão dos "*counts* de atividade" fornecidos pelo dispositivoem quilocalorias (kcal), unidades-padrão de GE (EALIGER *et al.*, 2007). Para isso, são utilizadas as seguintes fórmulas previamente estabelecidas (FREEDSON; MELANSON; SIRAD, 1998):

(1) Equação do Teorema de Trabalho-Energia (TTE): $kcal/min_{TTE}$= 0,0000191**counts*/min*massa corporal, em kg.

(2) Equação de Freedson: $kcal/min_{Freedson}$=0,00094**counts*/min+ 0,1346*massa, em kg – 7,37418.

(3) Fórmula Combinada: Utiliza a equação do TTE quando os *counts*/min forem ≤1952 e a equação de Freedson, quando os *counts/*min forem >1952.

As fórmulasde conversão dos "*counts* de atividade" em kcal mencionadas, no entanto, foram inicialmente desenvolvidas para indivíduos saudáveis em atividades de marcha e corrida em esteira (FREEDSON; MELANSON; SIRAD, 1998). Issopossivelmente pode favorecer um erro na estimativa do GE de indivíduos com condições neurológicas durante a realização de uma determinada atividade, devido às diferenças biomecânicas (YAVUZER, 2006) e cardiovasculares (BILLINGUER *et al.* 2014).

O estudo de Agiovlasitis, Motl e Fernhall (2010), por exemplo, comparou os resultados obtidos com duas equações de predição de GE desenvolvidas para indivíduos jovens e saudáveis, com o obtido através do consumo de oxigênio emindivíduos com esclerose múltipla durante a marcha em esteira. Foi observado que ambas as fórmulas subestimaram o consumo de oxigênio para os indivíduos com esclerose múltipla, pelo fato desses indivíduos apresentarem menor economia energética, resultante da presença de déficits motores residuais(AGIOVLASITIS; MOTL; FERNHALL, 2010). Apesar desse aparente problema, devido ao fato de não haver uma equação de conversão específica para indivíduos com condições neurológicas, as fórmulas de predição de GE desenvolvidas para indivíduos saudáveis têm sido utilizadas pela literatura para populações com condições neurológicas, tais como esclerose múltipla, traumatismo crânio-encefálico e AVE (MOTL *et al.*, 2006; TWEEDY; TROST, 2005; MATLAGE *et al.*, 2015).

Dessa maneira, não se sabe se as fórmulas de predição utilizadas pelos acelerômetros estimam de forma acurada o real GE de indivíduos pós-AVE, uma vez que Zamparo *et al.* (1995), Plats, Rafferty e Paul(2006)ePolese *et al.* (2015) demonstraram graficamente que, apesar de indivíduos pós-AVE com velocidade de marcha comunitária (>0,8m/s) apresentarem um GE similar ao de indivíduos saudáveis, indivíduos com velocidade de marcha domiciliar (<0,4m/s) apresentaram um GE pelo menos quatro vezes maior, quando comparados com indivíduos saudáveis (PLATS; RAFFERTY; PAUL, 2006;POLESE *et al.*, 2015;ZAMPARO *et al.*, 1995). Uma possível explicação para tal fato seria a de que indivíduos saudáveis são capazes de selecionar baixas velocidades, enquanto indivíduos pós-AVE com maior comprometimento não o fazem com a mesma frequência, visto que a baixa velocidade apresentada por esses pode ser equivalente à máxima que os mesmos conseguem desenvolver.

1.2 Desenvolvimento da tecnologia móvel e o uso de aplicativos de celular para mensurar níveis de atividade física

O uso de aplicativos de celular tem se destacado uma vez que, devido ao avanço tecnológico, esses dispositivos têm apresentado sensores de alto nível para detecção de movimento, armazenamento e compartilhamento de informações (GOOGLE DEVELOPERS, 2016). Além disso, devido ao fácil acesso a aparelhos celulares e às interfaces de simples compreensão voltadas especialmente ao público em geral, o uso de aplicativos de celular para avaliação e monitoramento dos níveis de atividade física tem se tornado cada vez mais popular (LEE, 2013). Nesse contexto, diversos programas têm sido desenvolvidos exclusivamente para auxiliar na recuperação de indivíduos com comprometimento neurológico (GOODNEY *et al.*, 2010), tais como:aplicativos com a função de educar pacientes e cuidadores a respeito de exercícios domiciliares, posicionamentos adequados e controle da medicação utilizada

(ZHANG; YEO; HO, 2015), e aplicativos capazes de estimular a realização de exercícios com o membro superior parético (LAWSON *et al.*, 2016). Visando a melhoria do condicionamento cardiovascular de indivíduos pós-AVE, recentemente foi desenvolvido um aplicativo de célula, *StarFish* que objetiva aumentar o número de passos/dia dado pelo indivíduo (PAUL; RAFFERTY; PAUL, 2016).No entanto, o *StarFish* fornece apenas o número de passos/dia e não informações referentes ao GE durante uma determinada atividade. O aplicativo Google Fit, por sua vez, fornece variáveis como o número de passos, o GE, a distância percorrida e o tipo de atividade física praticada pelo usuário (GOOGLE DEVELOPERS, 2016). Assim, o Google Fit fornece uma visão mais completa do estado de saúde do usuário e da atividade física praticada, permitindo um melhor monitoramento.

1.2.1 Aplicativo Google Fit

Aplicativos como o Google Fit, por exemplo, fornecem as principais informações referentes ao nível de atividade física de um indivíduo, como o número de passos dados em um determinado período de tempo, o GE obtido após determinada atividade e o tempo em que o indivíduo se manteve ativo (GOOGLEDEVELOPERS 2016).

Porém, assim como acontece com os acelerômetros convencionais, os aplicativos de celular disponíveis atualmente foram desenvolvidos para indivíduos saudáveis em atividades de marcha e corrida na esteira (LEE, 2013; CASE *et al.*, 2015; WU*et al.*, 2012).Dessa maneira, é possível questionar se tais dispositivos seriam válidos para a monitorização do nível de atividade física de indivíduos pós-AVE.

Nesse sentido, uma vez que não se sabe se o acelerômetro*ActiGraph* GT3X e o aplicativo de celular Google Fit fornecem estimativas válidas do número de passos dados por indivíduos pós-AVE crônicos, e as fórmulas utilizadas para se estimar o GE de indivíduos pós-AVE foram desenvolvidas para indivíduos saudáveis, foram desenvolvidos dois estudos na presente dissertação, envolvendo as seguintes questões de pesquisa:

Estudo 1

Existem diferenças entre o número de passos estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e aplicativo de celular Google Fit, com o número de passos observado pelo pesquisador durante a marcha rápida no solo de indivíduos pós-AVE crônicos?

Estudo 2

Existem diferenças entre o GEobtido através do ergoespirômetro Cortex Metamax 3B e o GE predito pelos dispositivos *ActiGraph* GT3X e Google Fit de indivíduos pós-AVE crônicos durante a marcha rápida no solo?

1.3 Objetivos

Estudo 1

Comparar o número de passosestimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e aplicativo de celular Google Fit, com o número de passos observados pelo pesquisador durante a marcha rápida no solo de indivíduos pós-AVEcrônicos.

Estudo 2

Comparar o GE estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e pelo aplicativo de celular Google Fit com o GEobtido através do padrão-ouro (ergoespirometro Cortex Metamax 3B) de indivíduos pós-AVE crônicos durante a marcha rápida no solo.

2 MATERIAIS E MÉTODO

2.1 Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo metodológico, onde os indivíduos foram selecionados através de uma amostra de conveniência.

2.2 Local de realização

O estudo foi realizado no Laboratório de Avaliação e Pesquisa em Desempenho Cardiorrespiratório (LabCare), do Departamento de Fisioterapia na Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

2.3 Amostra

Indivíduos com diagnóstico de AVE foram recrutados na comunidade, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (1) idade ≥20 anos; (2) tempo de lesão >6 meses; (3) habilidade para deambular pelo menos

14 m com ou sem a utilização de dispositivos auxiliares; (4) capacidade para compreender e seguir instruções verbais, além de ausência de déficits cognitivos, determinado pelos pontos de corte no Mini Exame do Estado Mental baseado na escolaridade (para analfabetos: 13 pontos; educação básica: 18 pontos) (BERTOLUCCI *et al.*,1994). Indivíduos diagnosticados com quaisquer outras disfunções neurológicas, ortopédicas e/ou respiratórias foram excluídos.

O cálculo amostral foi realizado *a posteriori* através do *software GPower* 3.1 e indicou que a análise dos dados referentes ao número de 30 indivíduos obteve um poder de 0,98.

2.4 Instrumentação e Medidas

Características dos participantes, como idade, sexo, tempo pós-AVE, lado da hemiparesia, rastreio de alterações cognitivas (MEEM) (BERTOLUCCI*et al.*,1994), tônus muscular dos extensores de joelho (Escala de *Ashworth* Modificada) (BOHANNON; SMITH, 1987), recuperação motora dos membros inferiores (Escala de *Fugl-Meyer* seção para membros inferiores) (MAKI *et al.*, 2006), força muscular de extensores de joelho e flexores dorsais/ plantares do tornozelo obtida através do dinamômetro manual *Hand Held* (DORSH *et al.*, 2012), nível funcional (teste de velocidade de marcha em 10 metros) (NASCIMENTO *et al.*, 2012) e capacidade funcional (*Duke Activity Status Index* – DASI) (COUTINHO-MYRRHA *et al.*, 2014), foram coletadas para caracterização da amostra (ANEXO I).

2.4.1 Medidas de desfecho

As seguintes medidas de desfecho foram obtidas durante a marcha rápida no solo:

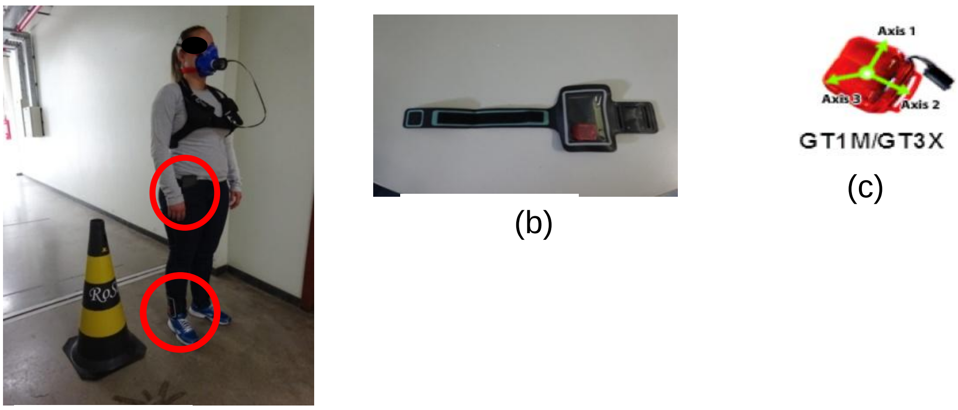
(a)O número de passos estimado através doacelerômetro *ActiGraph* GT3X,do aplicativo de celular Google Fit e o observado pelo pesquisador;

(b) O GE, em kcal, obtido através de um ergoespirômetro Córtex Metamax 3B (padrão-ouro), e o estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GTX3 e aplicativo de celular Google Fit;

2.4.1.1 Número de passos estimado através do acelerômetro *ActiGraph* GT3X, do aplicativo de celular Google Fit e observado pelo pesquisador-observador

O acelerômetro *ActiGraph* GT3X (*ActiGraph*, *Pensacola*, Flórida, EUA), foi utilizado para se avaliar o número de passos dados pelo indivíduo durante a marcha rápida no solo.Trata-se de um acelerômetro triaxial (i.e., mede a aceleração nos eixos ântero-posterior, médio-lateral e vertical) capaz de registrar mudanças de aceleração com magnitudes que englobam aproximadamente 0,05 e 2,5g (g=9,8m/s^2) dentro de uma faixa de frequência de 0,25 a 2,5 Hertz, em uma taxa de 30 vezes por segundo (30 Hertz) (BUONANI *et al.*, 2013). Esse foi posicionado no tornozelo do membro inferior parético, como estabelecido pelo fabricante e utilizado em um estudo prévio com indivíduos pós-AVE (MATTLAGE *et al.*, 2015) (FIGURA 1).

Figura 1: (a) Acelerômetro *ActiGraph* GT3X posicionado no membro inferior parético; (b) *ActiGraph* GT3X, em detalhe, demonstrando a forma como o dispositivo foi acoplado ao membro inferior do participante; (c) Demonstração de como o *ActiGraph* GT3X foi posicionado a fim de padronizar os dados brutos coletados: *axis* 1= eixo y ou vertical (VT), *axis* 2= eixo z ou médio-lateral (ML), *axis* 3=eixo x ou ântero-posterior (AP).

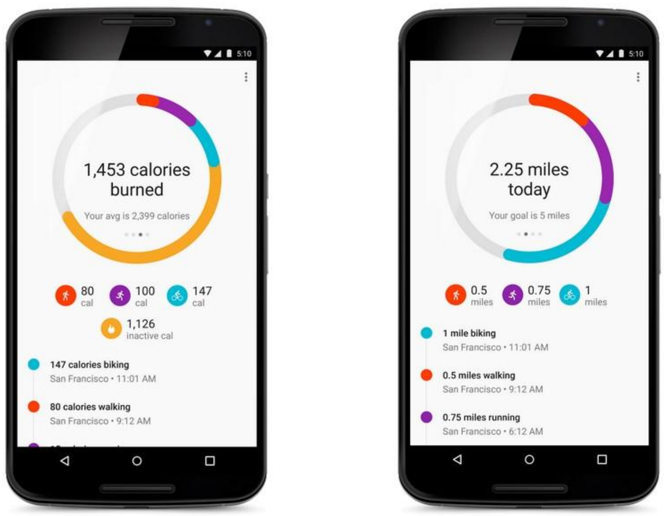


(a) (b) (c)

Já o Google Fit, permite medir, monitorar e armazenar as informações de condicionamento físico de seus usuários. Está disponível gratuitamente para computadores, dispositivos móveis (sistema *Android* versão a partir de 4.0) e dispositivos *AndroidWear*, tornando possível o acesso aos dados em qualquer lugar e por diferentes aplicativos e dispositivos. Além de ser de fácil utilização e leitura por parte do usuário, o aplicativo encontra-se disponível para qualquer celular com tecnologia *Android*, sendo de fácil acesso, tanto por parte de profissionais da saúde, quanto por pacientes.

O Google Fit é formado por um conjunto de sensores de alto nível, como acelerômetro, giroscópio e GPS, capaz de detectar mudanças de posicionamento (i.e. posição sentada para posição de pé, etc), diferentes formas de movimento (ie. caminhada, corrida, andar de bicicleta, etc), diferentes tipos de dados (i.e. contagem de passos, frequência cardíaca, etc) e diferentes sessões de atividade (i.e. intervalo em que a atividade foi realizada) (GOOGLE DEVELOPERS, 2016) (FIGURA 2).

Figura 2: Ilustração da interface do aplicativo de celular Google Fit, após a prática de uma atividade física. É possível discriminar quais atividades foram praticadas, por quanto tempo, além da distância percorrida e o GE de cada uma.



Todas essas informações são armazenadas em um repositório central *online*, ao qual o usuário tem acesso direto e pode utilizar para sincronizar com diferentes aplicativos e dispositivos, tanto para acompanhar a evolução, quanto para incrementar o treinamento (GOOGLE DEVELOPERS, 2016).

Antes de cada utilização do aplicativo, o mesmo foi calibrado através do fornecimento de dados pessoais do usuário, como sexo, massa corporal (em quilogramas - kg) e altura (em centímetros - cm). Além disso, é possível personalizar as unidades de medida em que se deseja coletar os dados: para distância, é possível optar entre quilômetros ou milhas; para altura, centímetros ou pés/polegadas; para massa corporal, pode-se decidir entre kg, libras ou *stones* e para o gasto energético, é possível optar entre calorias (cal) ou quilojoules. Para o presente estudo, foram utilizadas as variáveis referentes ao sistema métrico brasileiro definido pelo Sistema Internacional de Unidades (SI) sendo elas: quilômetros, cm e kg (INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, QUALIDADE E TECNOLOGIA, 2012). Por se tratar de um aplicativo de celular, possui as mesmas dimensões e peso do dispositivo no qual está instalado, no caso, um celular LG Nexus 5 de dimensões 69,17mm (largura) x 137,84mm (comprimento) x 8,59mm (profundidade) e 130 gramas, respectivamente. O mesmo foi posicionado no bolso anterior do membro inferior parético (CAPELA; LEMAIRE; BADDOUR, 2015) (FIGURA 1).

Ainda, o número real de passos foi determinado através da observação de um pesquisador-avaliador, experiente e previamente treinado, durante o teste de marcha rápida em solo. Um segundo pesquisador ficou responsável pela filmagem do teste. A filmagem fez-se necessária para que uma nova contagem fosse feita com uma semana de diferença a fim de se obter a confiabilidade intra-examinador (ICC [3,1]=0,98; $p<0,001$) e de se evitar a possibilidade de viés de memória por parte do pesquisador-avaliador. Dessa maneira, as medidas observadas no momento do teste de caminhada foram utilizadas como medida de critério do número de passos dados pelos participantes.

2.4.1.2 Gasto energético estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GTX3 e aplicativo de celular Google Fit, e o obtido através de um ergoespirômetro Cortex Metamax 3B (padrão-ouro)

O acelerômetro *ActiGraph* GT3X (*ActiGraph*, *Pensacola*, Flórida, EUA), foi utilizado para se avaliar também o GE durante a marcha rápida no solo. Para a análise do GE, foi calculada a média dos *counts* coletados durante todo o período de teste, e este foitransformado em kcal através do software *ActiLife Data AnalysisSoftware* versão 4.1.0. As equações utilizadas para se estimar o GE foram indicadas pelo fabricante (ACTIGRAPH, LLC ENGINEERING/MARKETING, 2008):

(4) Equação do Teorema de Trabalho-Energia (TTE):

$kcals/min_{TTE}$=0,0000191*counts/min*massa corporal, em kg

(5) Equação de Freedson:

$kcals/min_{Freedson}$=0,00094*counts/min+ 0,1346* massa, em kg – 7,37418

(6) Fórmula Combinada: Utiliza a equação do TTE quando os counts/min forem ≤1952 e a de Freedson quando os counts/min forem >1952.

Vale ressaltar que apesar de tais fórmulas terem sido estabelecidas para indivíduos saudáveis durante a marcha e corrida em esteira, as mesmas tem sido utilizadasem estudos em indivíduos com disfunções neurológicas (MATTLAGE*et al.*, 2015; MOTL *et al.*, 2006;TWEEDY; TROST, 2005).

Já para o GE estimado pelo aplicativo de celular Google Fit (Google *Inc., Mountain View*, Califórnia, EUA),optou-se pela utilização de cal como forma de facilitar a conversão dos dados em kcal, com consequente padronização das informações obtidas pelos diferentes instrumentos utilizados no estudo. A transformação dos dados coletados para kcal foi feita através da seguinte fórmula:

(7) $kcal/min_{GoogleFit}$= ($cal_{GoogleFit}$/1000)

A Tabela 1 apresenta as principais características técnicas do*ActiGraph* GT3X e do aplicativo de celular Google Fit.

Tabela 1-Especificações técnicas do acelerômetro *ActiGraph* GT3X e do celular LG Nexus 5 contendo o aplicativo Google Fit.

Especificações	***ActiGraph* GT3X**	**LG Nexus 5 contendo o Google Fit**
Frequência	30Hz	ND
Armazenamento de dados	16MB	16GB
Tempo de duração da bateria	31 dias	De 17 horas a 12,5 dias
Sensor do acelerômetro	acelerômetro triaxial ADXL335 (Analog Devices, USA)	Acelerômetrotriaxial + giroscópio MPU6515 (Invense Inc., USA)
Amplitude de aceleração registrada	±3g	ND
Medidas de desfecho (dados brutos)	Aceleração dos três eixos e a magnitude do vetor	Aceleração dos três eixos
Medidas estimadas	Número de passos, GE (kcal) e duração da atividade física	Tipo de atividade física praticada, distância percorrida (milhas ou km), número de passos e GE (cal ou kJ) e duração da atividade física

ND= Não disponível

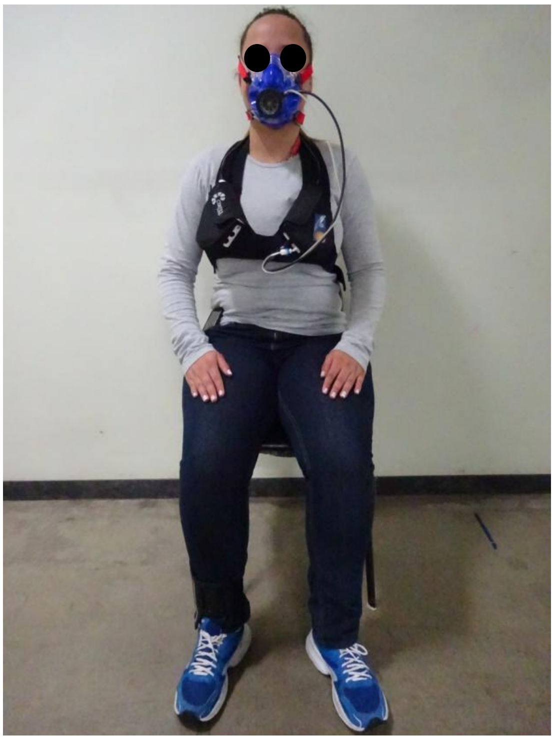
Para a determinação do GE através do consumo de oxigênio, foi utilizado o ergoespirômetro portátil de sistema aberto Córtex MetaMax 3B®, Alemanha (padrão-ouro). O consumo de oxigênio, determinado pelo VO_2 médio e expresso em mL/kg/min foi mensurado durante a marcha rápida, de acordo com os critérios estabelecidos por Polese *et al.* (2015). Os gases foram coletados a cada respiração a partir de uma máscara facial que possui baixo volume de espaço morto e duas válvulas inspiratórias com baixa resistência inspiratória, que permitem a remoção dos gases exalados durante o teste, proporcionando uma melhor qualidade na análise dos gases (CÓRTEX 2010b). O sistema possui 650 gramas e permite a transmissão de dados para a base em uma distância de até 800 metros (CÓRTEX 2010b),permitindo assim, explorar as respostas fisiológicas humanas em atividades funcionais (FIGURA 3).

Figura 3. Cortex Metamax 3B inserido no colete, juntamente com a máscara de silicone.

As medidas são corrigidas em tempo real, de acordo com as condições ambientais do teste, por meio de sensores de temperatura, sensor de pressão interno e barômetro eletrônico. Antes de cada coleta, o equipamento, após ter sido ligado por no mínimo 30 minutos, foi calibrado em três etapas: (1) pressão barométrica, (2) gás e (3) fluxo, de acordo com as instruções do fabricante. A pressão barométrica foi informada ao sistema por meio de um barômetro digital, a qual foi transferida para o *software*. Posteriormente, a calibração do gás foi realizada com a captação do ar ambiente pelo instrumento, seguida do fornecimento de um gás de referência conhecido ao instrumento (12% O_2, 50% CO_2, *balance* N_2: ±0,02% *absolute*, *Micromed Industry*), sendo esta captação do gás de referência utilizada para comparação com o ar ambiente pelo *software*. Finalmente, o fluxo foi calibrado por meio de uma seringa de três litros (Seringa volumétrica 3L, *Hans Rudolph*, Inc., MO, EUA). Isso possibilitou que as medidas durante as coletas fossem corrigidas em tempo real, de acordo com as condições ambientais do teste, por meio de sensores de temperatura, sensor de pressão interno e barômetro eletrônico (POLESE *et al.*, 2015). O equipamento apresenta adequada validade e confiabilidade, quando utilizado para avaliação de diversas atividades em indivíduos pós-AVE crônicos (BRANDES *et al.*, 2012; POLESE *et al.*, 2015).

Após a calibração, o ergoespirômetro foi colocado no tórax do participante, inserido em um colete com ajustes com velcros, a fim de provocar o mínimo desconforto possível ao indivíduo. Os gases foram coletados por no mínimo um minuto antes do início efetivo da coleta de dados, para confirmação que todos os parâmetros fossem captados(FIGURA 4).

Figura 4: Participante com o colete contendo o ergoespirômetro durante a coleta de dados no minuto anterior ao início do teste



Para as análises relativas ao GE, foram consideradas askcal transformadas a partir da média do consumo de oxigênio relativo (mL/kg/min) durante os cinco minutos de coleta através da seguinte equação (POWERS; HOWLEY, 2009):

(8) $kcal/min_{Metamax3B}$= (VO_2 em mL/kg/min*massa corporal, em kg)/1000

Tal medida foi tomada, uma vez que o objetivo do estudo foi avaliar a validade dos instrumentos para se monitorar a prática de atividade física de forma geral, e não apenas o momento em que o GE atingisse a condição de estado estável. Assim, foram captadas informações referentes às alterações metabólicas dos momentos inicial (adequações metabólicas ao início da prática de atividade física), intermediário (onde o metabolismo do indivíduo atinge o estado estável) e final (adequações metabólicas à interrupção da prática).Além disso, o aplicativo de celular Google Fit fornece apenas o GE estimado durante toda a atividade, não sendo possível ter acesso aos dados a cada minuto. Dessa maneira, a comparação dos dados foi possível.

2.5 Procedimentos

As coletas dos dados aconteceram em um único dia. No momento do agendamento, foram repassadas ao participante por telefone as seguintes orientações: comparecer para a coleta com uma roupa confortável, calça ou bermuda que contenha bolsona frente e calçado habitual, continuar tomando os medicamentos rotineiros e não ingerir alimentos ou bebidas que contenham estimulantes, tais como chocolate, café e chá preto.

Inicialmente o participante foi esclarecido com relação aos objetivos do estudo, com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE I). Em seguida, foi realizada uma entrevista previamente estruturada, com o objetivo de se coletar dadosdemográficos e clínicos, comoidade, sexo, massa corporal, altura, tempo pós-lesão, lado parético, número de comorbidades, número de medicamentos em uso e rastreio de possíveis alterações cognitivas (MEEM) (BERTOLUCCI *et al.*, 1994). Posteriormente, foramobtidas as medidas de força muscular dos extensores de joelho, flexores dorsais e flexores plantares bilateralmente(dinamômetro manual) (DORSH *et al.*, 2012), tônus muscular dos extensores de joelho (Escala de *Ashworth* Modificada) (BOHANNON; SMITH, 1987), recuperação motora dos membros inferiores (Escala de *Fugl-Meyer*) (MAKI *et al.*, 2006), nível funcional (velocidade de marcha de 10 metros: velocidade habitual e máxima) (NASCIMENTO *et al.*, 2012) e capacidade funcional (DASI) (COUTINHO-MYRRHA *et al.* 2014) (ANEXO I).

Logo em seguida, foram realizadas as medidas do GE basal, com o indivíduo deitado, em decúbito dorsal, com os braços estendidos ao lado do corpo, coluna cervical em neutro e membros inferiores alinhados. O indivíduo recebeu a seguinte instrução, previamente à coleta: “você deverá permanecer deitado durante cinco minutos nesta posição. Tente realizar o mínimo de movimentos possível. Se você sentir qualquer desconforto, levante o braço que iremos parar o teste. A partir deste momento, você não pode mais falar”. Nesta condição experimental, também não foi permitido que o indivíduo dormisse.

Finalmente, foi realizado o teste de marcha na velocidade máxima, durante cinco minutos, em um corredor reto e plano de 10 metros, de acordo com os critérios estabelecidos por Polese *et al.* (2015). Optou-se pela realização do teste na velocidade máxima, uma vez que um dos objetivos do presente estudo foi comparar o GE estimado por diferentes monitores durante a prática de atividade física, o que, geralmente, implica no aumento do GE por parte do praticante.

Previamente à realização do teste foi dado o seguinte comando padronizado aos participantes:

“Você deverá caminhar até o outro cone e voltar o mais rápido que conseguir, porém sem correr e em segurança. Você ficará indo e voltando durante cinco muntos, sendo que, a cada ida e a cada volta, você deverá caminhar como se fosse pegar o último ônibus do dia que está passando. Caso sinta-se desconfortável, fique marchando no lugar e volte a caminhar quando se sentir melhor. Caso queira interromper, permaneça marchando no lugar e levante a mão que vamos até você.”

Durante a realização do teste, um avaliador previamente treinado forneceuestímulos verbais nos minutos um, três e quatro, seguindo critérios previamente estabelecidos (BRITTO, SOUZA, 2006; BRITTO *et al.*, 2013).

Além disso, o participante utilizou o acelerômetro *ActiGraph* GT3X e o celular contendo o aplicativo Google Fit, bem como o ergoespirômetro portátil Metamax 3B, simultaneamente (FIGURA 5).

Figura 5: Participante preparado para iniciar o teste de caminhada de cinco minutos,portando o ergoespirômetro Cortex Metamax 3B (máscara e colete), o celular contendo o aplicativo Google Fit (círculo do bolso anterior do membro inferior parético) e o acelerômetro *ActiGraph* GT3X (círculo do tornozelo do membro inferior parético).

2.6 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, sob o parecer CAAE–47256815.9.0000.5149 (ANEXO II).

2.7 Análise estatística

Estatísticas descritivas e testes de normalidade (*Shapiro-Wilk*) foram realizados para todas as variáveis, utilizando o pacote estatístico SPSS (versão 19.0). Coeficientes de correlação de Pearson foram calculados para avaliar o grau de associação entre as medidas de GE obtidas com os dispositivos e o ergoespirômetro portátil, bem como entre o número de passos estimado pelos dispositivos e o observado pelo pesquisador,considerando os valores estabelecidos por Portney e Watkins (2009): 0,00 a 0,25 pouca ou nenhuma correlação; 0,26 a 0,50 correlação fraca; 0,51 a 0,75 correlação de moderada a boa; acima de 0,75 correlação de boa a excelente. O Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI [2,1])foi utilizado para se observar a existência de concordâncias entre os instrumentos, tanto para as análises referentes ao GE quanto para as análises referentes ao número de passos, além da análise do grau de concordância entre os mesmos. Os valores considerados foram os mesmos estabelecidos por Portney e Watkins (2009),mencionados anteriormente.O nível de significância para todas as análises foi de 5%.

3 RESULTADOS

3.1 Participantes

Foram recrutados 38 indivíduos pós-AVE crônicos na comunidade. No entanto, um participantefoi excluído devido ao diagnóstico de doença de Parkinson. Dessa maneira, foram incluídos 37 indivíduos que foram avaliados e participaram do presente estudo. Para a análise do GE, uma subamostra de 30 indivíduos foi avaliada,devido à intercorrências com o ergoespirômetro, que impossibilitaram a coleta do GE de todos os participantes (TABELA 2).A média de idade dos 37 indivíduos participantes foi de 62 (±11,2) anos, 91,3 (±90,4)meses pós-lesão e sendo 27 homens. Dezenovepossuíam hemiparesia à esquerda e 31 sofreram AVE isquêmico. A média do índice de massa corporal (IMC) da amostra foi de 27,4 (±5,5)Kg/m^2, com apenas 12 indivíduos (31,6%) relatando serem praticantes de atividade física regular. A atividade físicamais frequentemente praticada reportada por esses, foi a caminhada (15,8%). Todos os participantes relataram fazer uso de medicamentos para outras comorbidades, sendo que a média da presença dessas foi de 4,6 (±2,5). Dez indivíduos relataram fazer uso de beta bloqueador.

Tabela 2 - Características dos participantes

Características	***n*=30**
Idade (anos), média±DP, (min–máx)	62±11,2(24–82)
Tempo pós-lesão (meses), média±DP, (min–máx)	91± 90,4(9–412)
Sexo, homens (n)%	27 (71,1)
Lado parético, esquerdo (n)%	19 (51,4)
Tipo de AVE, isquêmico (n)%	31 (83,8)
IMC (Kg/m^2), média±DP	27,4±5,5
MEEM (0 – 30), média ±DP	26,1± 3,3
Fugl Meyer-membros inferiores (0–34), média ± DP	20,4± 5,9
DASI (0–58,2), média±DP	33,7±15,1
Distância percorrida no teste de caminhada de cinco minutos (m), média ±DP	293,7± 158,9
Velocidade de marcha do teste de caminhada de cinco minutos (m/s), média ±DP, (min–max)	1,0±0,5 (0,3– 2,4)
Velocidade de marcha (m/s), média±DP, (min–max.)	
Habitual	0,8±0,3 (0,3 – 1,4)
Máxima	1,4±0,9 (0,5 –2,4)
Força muscular (Nm), média±DP,membro inferior parético/não parético	
Extensores de joelho	13,9±6,3/15,2±8,2
Flexores dorsais	5,7±2,8/6,6±3,2
Flexores plantares	8,2±4,6/8,9±5,1
Tônus dos extensores de joelho, escala modificada de *Ashworth,* (n)%	
0	18(60,0)
1	8(26,8)
1+	0(0)
2	2(6,6)
3	1(3,3)
4	1(3,3)

DP: desvio-padrão; IMC: índice de massa corporal; MEEM: Mini-Exame do Estado Mental; DASI: *Duke Activity Status Index*

3.2 Número de passos estimado através do acelerômetro *ActiGraph* GT3X, do aplicativo de celular Google Fit e observado pelo pesquisador-observador

As médias do número de passos estimados pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e pelo aplicativo Google Fit foram 276,7±98,8 e 481,0±119,6, respectivamente, enquanto a média observada determinada pelo pesquisador foi de 472,0±93,0.

3.3 Gasto energético estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GTX3 e aplicativo de celular Google Fit, e o obtido através de um ergoespirômetro Cortex Metamax 3B (padrão-ouro)

A média do GE estimado pelo *ActiGraph* GT3X, utilizando a equação de Freedson foi 8,0±4,9 kcal/min, o Teorema de Trabalho e Energia 8,6±6,5kcal/min e a fórmula combinada foi 8,0±4,8 kcal/min. A média do GE estimado pelo aplicativo de celular Google Fit foi de 0,0±0,0 kcal/min.A média do GE obtido com o ergoespirômetro portátil no repouso foi de 3,3±0,5 mL/kg/min, enquanto no teste de marcha foi 3,6±1,2kcal/min. A Tabela 3 apresenta as medidas de GE estimado pelos três instrumentos.

Tabela 3– Gasto energético (Kcal/min e cal/min) estimado pelos três instrumentos utilizados durante o teste de marcha rápida no solo (n=30)

Instrumento	Kcal (média ± DP)	cal (média ± DP)
Metamax 3B	3,6±1,2	3573,5±1193,6
ActiGraph GT3X:		
- Equação de Freedson	8,0±4,9	8001,7±4907,6
- Teorema de Trabalho e Energia	8,6±6,5	8605,4±6509,2
- Fórmula Combinada	8,0±4,8	8048,3±4750,7
Google Fit	0,0±0,0	6,4±3,7

3.4 Associações e concordâncias entre as medidas

Associações positivas e estatisticamente significativas foram observadas entre o número de passos observado pelo pesquisador com o estimado pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X (r=0,56; p<0,001) e pelo aplicativo de celular Google Fit (r=0,89; p<0,001). A análise do CCI (2,1), por sua vez, demonstrou existir uma maior concordância entre os dados obtidos pelo aplicativo de celular Google Fit (CCI=0,93; p<0,001; IC95%=0,86 a 0,96) com menor média de diferença entre o número de passos observado e o estimado (-8,3 passos; p=0,37), enquanto o acelerômetro *ActiGraph* GT3X demonstrou menor concordância (CCI=0,32; p<0,001; IC95%=-0,16 a 0,67) e média de diferença entre o observado e o estimado de 191,8 (p<0,001) passos.

Com relação ao GE, foram observadas associações positivas, significativas e de magnitude fraca apenas entre o estimado pela fórmula combinada do *ActiGraph* GT3X e o obtido pelo ergoespirômetro. A análise do CCI (2,1)revelou não existir concordância entre os valores estimados pelo*ActiGraph* GT3X e ergoespirômetro. A Tabela 4 apresenta os resultados das correlações de Pearson para todas as equações utilizadas para estimativa do GE.

Tabela 4–Coeficientes de correlação de Pearson (r) e valores de p entre as medidas de GE estimadas pelos dispositivos (acelerômetro *ActiGraph* GT3X e aplicativo de celular Google Fit) com o GE obtido através do ergoespirômetro (Cortex Metamax 3B)

Maneira em que o GE foi estimado	**Coeficiente de Correlação (r)**	**Valor de p**
ActiGraph GT3X:		
• Equação de Freedson	0,04	0,06
• Teorema de Trabalho e Energia	0,04	0,06
• Fórmula Combinada	0,37*	0,04
Google Fit	0,0	0,97

*=p<0,05

4 ARTIGOS

4.1 Artigo 1

COVER LETTER

To: The editors of Disability and Health Journal.

Dear Dr. McDermott and Dr. Turk,

You will find attached a submission of a original research, entitled: “Validity of the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application in detecting stepping activity in stroke individuals” for possible publication in the Disability and Health Journal. The authors of the manuscript are Giselle Silva e Faria, Janaine Cunha Polese, Giane Amorim Ribeiro-Samora, Lorena Pereira Lima, Christina Danielle Coelho de Morais Faria, Aline Alvim Scianni e Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela. The area of expertise is on “Evaluative research on new interventions, technologies, and programs”. The present work validates an easy-to-use, free-access smartphone application for monitoring physical activity levels of stroke individuals, by giving objective measures of step count.

We declare that this work is unpublished. It strictly followed all ethical procedures and it has not been submitted to any other journal for publication.

Yours sincerelly,

Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela
Corresponding author

VALIDITY OF THE ACTIGRAPH GT3X ACCELEROMETER AND THE GOOGLE FIT SMARTPHONE APLLICATION IN DETECTING STEPPING ACTIVITY OF STROKEINDIVIDUALS

Giselle Silva e Faria[1], Janaine Cunha Polese[1,2],Giane Amorim Ribeiro-Samora[3], Lorena Pereira Lima[1], Christina Danielle Coelho de Morais Faria[1],Aline Alvim Scianni[1], Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela[1].

[1]*NeuroGroup,* Department of Physical Therapy, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-7403.
E-mails:giselle.sfaria@gmail.com;lorenalima21.llp@gmail.com;chrismoraisf@gmail.com; ascianni@task.com.br; lfts@ufmg.br

[2]Department of Physical Therapy, Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3248-7219.
Email: janainepolese@yahoo.com.br

[3]*LabCare,* Department of Physical Therapy, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-4777.
Email: gribeirosamora@gmail.com

Corresponding author
Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela,Ph.D.
Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal de Minas Gerais
Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil
Telephone: 55-31-3409-7403

Fax: 55-31-3409-4783

E-mail: lfts@ufmg.br; giselle.sfaria@gmail.com

Key words: HEMIPLEGIA, AMBULATION, VALIDATION, CELL PHONE, ACCELEROMETRY.

Abstract word count: 248

Complete manuscript word count: 2,895

Conflicts of interest: none.

Support: Brazilian national grant agencies (CNPQ and FAPEMIG).

Acknowledgment: The authors would like to acknowledge the staff members of the "Laboratório de Avaliação e Pesquisa em Desempenho Cardiorrespiratório" (LabCare) for theirtechnical support.

ABSTRACT

Background: Because devices, such as regular accelerometers, may be relatively expensive, not easily incorporated within clinical settings, and may not provide valid measures of stepping activity for individuals with neurological conditions, the use of smartphone applications may be a better alternative to encourage people to get engaged in more active lifestyles. However, these applications have not been validated for individuals with stroke. **Objective:** To examine the validity of the Google Fit smartphone application and the ActiGraph GT3X accelerometer in estimating stepping activity in people with stroke. **Methods:** Thirty-seven community-dwelling individuals with stroke were asked to walk on a 10-meter straight hallway over five minutes at their fast speeds, wearing the ActiGraph GT3X accelerometer and a smartphone on the paretic lower limb. The criterion-standard measure consisted of the actual number of steps, determined by a trained examiner. **Results:** The mean estimated steps by the ActiGraph GT3X and Google Fit were 276.7±97.6 and 481.0±119.8, respectively, whereas that determined by the examiner was472.0±93.9. Statistically significant associations were found between the actual steps and those estimated by the ActiGraphGT3X ($r=0.56$; $p<0.001$) and Google Fit ($r=0.89$; $p<0.001$).The Google Fit application demonstrated the highest reliability coefficient (ICC[2,1]=0.93; $p<0.001$; mean difference=-8.3 steps; $p=0.37$), compared with the ActigraphGT3X (ICC[2,1]=0.32; $p<0.001$; mean difference=191.8; $p<0.001$). **Conclusions:** The ActiGraphGT3X tended to underestimate the data and may not be appropriate to estimate stepping activity for individuals with stroke. The findings support the validity of a smartphone application in estimating stepping activity of individuals with stroke.

Key words: HEMIPLEGIA, AMBULATION, VALIDATION, CELL PHONE, ACCELEROMETRY.

INTRODUCTION

The adoption of active lifestyles is of paramount importance for individuals with stroke, to prevent additional comorbidities and new stroke episodes[1]. However, the activity levels of individuals with stroke tend to be lower than those observed for sedentary healthy subjects[2]. In this sense, more active behaviors should be encouraged, byassessing and monitoring the patients' levels of daily walking activities. One way to do it is by encouraging the use of stepping activity monitors,to increase the total walking time and the amount of daily medium and long walking bouts[3].

The use of pedometers in step activity monitoring programs was found to be associated with significant increases in physical activity levels of individuals with chronic stroke[4].Previous studies hypothesized the number of steps should be considered the preferred method to assess and monitor the levels of daily activity of individuals with chronic stroke[5,6], since step counts are considered natural units of walking activity[6]. In addition, step counting has been considered the gold-standard measure of mobility and walking activity for these individuals[5]. In this sense, there is a great variety of step monitors available on the market, which allows people to keep track of their amount of achieved daily steps.

Step monitors usually use accelerometry-based technology, which has been frequently employed to measure ambulatory activity after stroke[7-9]. These devices are small, non-invasive, and have small microprocessors, which work continuously[8], allowing the users to have trustworthy information regarding their activity levels. The ActiGraph GT3X is an example of a frequently used tri-axial accelerometer, which can objectively measure the number of steps taken over a period of time and has been used in various neurological conditions[10-12].

However, devices, such as the ActiGraph GT3X,have been mainly usually used for research purposes, since they are relatively expensive and not easily incorporated within clinical settings.

In an attempt to solve these issues, consumer-based activity monitors have been developed to monitor activity parameters, such as the number of steps taken over a period of time, calories burnt, and walked distance[13]. A promising and cost-effective method in this scenario is the use of smartphone applications, since these devices have built-in accelerometers, gyroscopes, and global positioning systems (GPS)[14], which allow the users to have real-time access to their data[13]. In addition, the data provided by smartphone applications may be compared with those of other people in social medias[13].Althoughthe use of smartphone applications was validated for healthy young subjects[13,15], there is no available data for individuals with neurological conditions, including those with stroke. Therefore, the aim of the present study was to examine the validity of a smartphone application (Google Fit) and the ActiGraph GT3X accelerometer in estimating stepping activity in people with stroke. The estimated steps provided by both devices were compared with the actual steps, which were counted from videotapes. This information may be useful to recommend these devices for monitoring stepping activity.

METHODS

Participants

Individuals, who had a single unilateral stroke, were recruited from the general community, from August, 2015 to August, 2016, according to the following criteria: Were older than 20 years; had a time since the onset of the stroke of at least six months; were able to walk independently with or without assistive devices; had residual weakness or increased tonus of the knee extensor and/or ankle plantar flexor muscles; and showed no cognitive impairments, as determined by the following education-adjusted cut-off scores on the Mini Mental State Examination: 13 for the individuals with illiteracy and 18 for those with basic education[16].Participants were excluded if they had any other non-stroke related conditions.

All participants provided written consent, based upon previous approval from the Institutional Ethical Review Board (#CAAE–47256815.9.0000.5149).

Instruments and Procedures

Initially, the participants underwent an interview and physical examination for the collection of their demographic, anthropometric, and clinical data, which included age, sex, body mass, height, time since the onset of the stroke, paretic side, cognitive assessment (Mini Mental State Examination), functional status, which was evaluated by the 10-meter walking test (10MWT), and motor recovery of the lower limb (Fugl-Meyer lower-extremity section scores).

Then, they were asked to walk back and forth on a 10-meter flat and straight hallway over five minutes, at their maximum speeds, following previously recommended procedures[17], wearing the ActiGraph GT3X accelerometer on their paretic ankle[10] and a smartphone in the front pockets of their paretic lower limb, following previously recommended procedures[18]. A research assistant also videotaped the participants, as they walked. The actual steps were determined by a trained researcher, who counted the steps taken by the participants from the video recordings, on two occasions, with at least one week apart. This period of time was chosen, to avoid memory bias. The researcher had five years of research and clinical experience in the area of stroke rehabilitation. Excellent test-retest reliability (ICC [3,1]=0.98; $p<0.001$) was found. Then, the actual number of steps, which was identified by the examiner, was used as a criterion-standard measure.

ActiGraph GT3X accelerometer

The ActiGraph GT3X is a small, commercially available triaxial accelerometer, which captures changes in acceleration in the anteroposterior, lateral, and vertical axes[19] and predicts, amongst other variables, the number of steps taken over a period of time. It can be positioned on different body regions and, on the present study, it was placed distally on the paretic ankle, as recommended by the manufacturer and previously used with individuals with stroke[10]. This positioning was chosen once it was observed that the accelerometer is more reliable when placed on the ankle versus the hip or spine to measure step count in older adults with or without assistive device[20] .The collected data were analyzed by the the ActiLife data analysis software 4.1.0.

Google Fit smartphone application

The Google Fit is an open platform developed by Google Inc., which allows the users to control their fitness data. It is also available as a free application for smartphones, which works with versions above 4.0 in Android systems[14]. The Google Fit consists of a set of high level sensors, such as accelerometer, gyroscope, and GPS, which can detect changes in position (for example, moving from sitting to standing), various types of movement (walking, biking, and others), several kinds of data (number of steps, walked distance, heart rate, and others), and different bouts of activity (time of each bout)[14]. The smartphone with the application used in the present study was the LG Nexus

5,which weighted 130 grams and had the following dimensions: width of 69.17mm, height of 137.84mm, and depth of 8.59mm.

Prior to the test, the smartphone was positioned on the participants' front pocket of their paretic lower limb, as previously used with individuals with stroke[18] and calibrated with the following user data: sex, body mass (Kg), and height (cm).

Statistical analyses

Descriptive statistics and tests for normality (Shapiro-Wilk) were carried-out with the SPSS software (version 19.0) by an independent researcher. Pearson's correlation coefficients were calculated to examine the associations between the criterion-standard measures (actual steps) and those estimated by the Google Fit application and the ActiGraphGT3X accelerometer, considering the following cut-offvalues[21]:0-0.25: little or no relationship; 0.26-0.50: fair; 0.51-0.75: moderate to good; and >0.75: good to excellent relationship. Intra-class correlation coefficients (ICC [2,1]) were calculated to investigate the relative reliability between the actual steps and those estimated by the Google Fit application and the ActiGraph GT3Xaccelerometer. The significance level was set at 5%.

RESULTS

Participant's characteristics

Initially,38 individuals volunteered to participate, but one was excluded, due to the diagnosis of Parkinson's disease. Thus, 37 participants, 28 men, who had a mean age of 62±11years and a mean time since the onset of the stroke of 91±91 months, participated. The participants showed different functional levels, since their walking speed ranged from 0.3 to 1.4m/s. Their characteristics are reported in Table 1.

-------------------------------- INSERT TABLE 1 ABOUT HERE ----------------------------

Concurrent Validity

The mean (SD) number of the steps estimated by the Google Fit application and the ActiGraph GT3X accelerometer was 481.0±119.6 and276.7±98.8, respectively, whereas the mean actual step was 472.0±93.0. Significant and positive associations were found between the actual steps and those estimated by the Google Fit application (r=0.89; p<0.001)and the ActiGraph GT3X accelerometer (r=0.56; p<0.001).

The ICC (2,1) analyses revealed that the Google Fit application showed the highest agreement (ICC=0.93; p<0.001; 95%CI=0.86 to 0.96) and the lowest mean difference between the actual and estimated steps(-8.3steps;p=0.37),whereas the ActiGraph GT3X accelerometer showed the lowest agreement (ICC=0.32; p<0.001; 95%CI=0.16 to 0.67) and a mean difference of 191.8 (p<0.001) (Table 2).

------------------------------- INSERT TABLE2 ABOUT HERE ---------------------------

DISCUSSION

This study aimed at examining the validity of a smartphone application (Google Fit) and the ActiGraph GT3X accelerometer in individuals with chronic stroke, by comparing the data estimated by these devices with those determined by the examiner. The results showed that the measures estimated by the Google Fit application were similar and highly associated with those identified by the examiner. However, the measures estimated by the ActiGraphGT3X tended to be lower and showed moderate associations with those determined by the examiner. The ICC (2,1) revealed that the data estimated by the Google Fit application showed better agreement and lower relative bias than those estimated by the ActiGraph GT3X, when compared with the actual steps.

Corroborating the present findings, a previous study, which examined the accuracy of the ActiGraph AM7164accelerometer for estimating the number of steps in individuals with multiple sclerosis, also found that the accelerometer showed a tendency to underestimate the number of steps during walking, mainly when walking speed was lower than 0.9m/s[22]. Although the version of the ActiGraph accelerometer used in the present study was more recent, the results were similar and could be partially explained by the mean walking speed of the participants (0.9m/s), which was similar to that of Motl *et al.*[22]. A possible reason for this relies on the fact that regular accelerometers usually do not consider gait asymmetries, which are typical features of individual with stroke[23,24]. It is important to notice that the algorithms used to estimate the data from the ActiGraph accelerometers are based upon studies developed with healthy individuals[25], who usually do not have any marked gait asymmetries. However, previous studies found that ActiGraph accelerometers can also underestimate step counts with healthy middle aged adults[22] and community-dwelling elderly[26].Another important point to mention is that, even though there are different triaxial accelerometers available from the ActiGraph, the algorithms used by the manufacturer were developed by taking into account only the vertical axis[25]. The vertical axis would probably not be the best axis to be considered while analyzing the number of steps taken by individuals with stroke, once they usually tend restrict the vertical movement of their paretic lower limb as a compensatory strategy[23,24]. In this scenario, the medio-lateral axis would probably be the best component to explain the gait pattern presented by individuals with stroke, since they usually tend to abduct their paretic lower limb to perform a circumduction[23,24], and the abduction movement happens in the medio-lateral axis.

There are different activity monitors currently commercially available, such as the Fitbit Ultra, Fitbit One and Nike Fuel+, which have been used for estimating stepping activity of individuals with chronic stroke[27,28]. However, all of them have shown some limitations. For instance, although the number of steps estimated by the Fitbit Ultra showed good association with those obtained by video recordings (ICC=0.70)[27], a tendency for underestimation of the data for individuals with gait speeds lower than 0.58m/s was found[27]. The Fitbit One also showed considerably higher mean errors in estimating stepping activity (15.8%) in individuals with chronic stroke, who walked at lower speeds[28]. Finally, the data estimated by the Nike Fuel+ showed the lowest association with those determined by observation in individuals with chronic stroke (r=0.19)[27]. In this scenario, the sample of the present study presented their gait speed ranging from 0.3 – 2.4 m/s during the five minute walking test, which also included individuals with lower gait speeds.

Smartphone applications were found to provide accurate measures of stepping activity in healthy young subjects[13,15] and, to the best of our knowledge, this is the first study which investigated its validity with individuals with chronic stroke. The results supported the use of the Google Fit application as a good alternative to estimate stepping activity, since the data showed higher association with those determined by the examiner, than those estimated by the

ActiGraph GT3X accelerometer. It is important to point-out that it might be difficult to have access to some consumer-based activity monitors, because they could be relatively expensive. On the other hand, the Google Fit application is an open platform, which is freely available for mobile phones[14],making it more accessible to people to keep track of their walking activity. Thus, the findings that the Google Fit application provides valid measures of stepping activity may have important clinical implications. This would allow rehabilitation professionals and patients to monitor the exact amount of step activity over a period of time and stimulate the users to have more active and healthier life styles. In addition, opposite to other consumer-based activity monitors, the Google Fit application does not require a computer to process the information, since it provides instantaneous information using an easy-to-read interface, and therefore, is more practical and less time consuming to be employed within clinical environments.

Even though the participants of the present study had different functional status and presented different gait speeds during the five minutes walking test, it is also important to mention that they were at the chronic stages of stroke and walked in a closed environment, therefore, the results should not be extrapolated for individuals with different characteristics and in different conditions. Future studies should examine other measurement properties of smartphone applications in individuals with other characteristics and in different environments.

CONCLUSIONS

The findings of the present study support the validity of the Google Fit application in estimating stepping activity of individuals with chronic stroke during fast overground walking. In addition, its cost-effectiveness makes it an interesting alternative to be incorporated within clinical contexts. The ActiGraph GT3X accelerometer tended to underestimate the data and did not show to be valid for estimating stepping activity in individuals with chronic stroke.

REFERENCES

1. Billinger SA, Arena R, Bernhardt J, *et al.*Physical Activity and Exercise Recommendations for Stroke Survivors: A Statement forHealthcare Professionals From the American Heart Association/American Stroke Association. Stroke. *Stroke.*2014;45:2532-2553.
2. Tudor-Locke C, Craig CL, Aoyagi Y, *et al.* How many steps/day are enough? For older adults and special populations. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*. 2011; 80(8):1–19.
3. Danks KA, Roos MA, McCoy D, Reisman DS. A step activity monitoring program improves real world walking activity post stroke. *Disabil Rehabil.* 2014;30(26):2233-6.
4. Bravata DM, Smith-Spangler C, Sundaram V, *et al.* Using pedometers to increase physical activity and improve health: a systematic review. *JAMA*. 2007; 298(19):2296–304.
5. Pearson OR, Busse ME, VanDeursen RWM, Wiles CM. Quantification of walking mobility in neurological disorders; *Q J Med.* 2004;97(8):463–75.
6. Tryon WW. Activity Measurement in Psychology and Medicine.1st ed. New York: Plenum Press;1991. p. 209-220.

7. Fini NA, Holland AE, Keating J, Simek J, Bernhardt J. How is physical activity monitored in people following stroke? *DisabilRehabil*. 2015; 37(19):1717–1731.
8. Mudge S, Stott NS, Walt SE. Criterion validity of the Step Watch Activity Monitor as a measure of walking activity in patients after stroke. *Arch Phys Med Rehabil.* 2007;88(12):1710-5.
9. Steins D, Dawes H, Esser P, Collett J. Wearable accelerometry-based technology capable of assessing functional activities in neurological populations in community settings: a systematic review. *Journal of Neuroengineering and Rehabilitation.* 2014;11(36):1-13.
10. Mattlage AE, Redlin SA, Rippee MA, Abraham MG, Rymer MM, Billinger SA.Use of accelerometers to examine sedentary time on an acute stroke unit. *J Neurol PhysTher.* 2015;39(3):166-71.
11. Balantrapu S, Sosnoff JJ, Pula JH, Sandroff BM, Motl RW. Leg Spasticity and Ambulation in Multiple Sclerosis. *Multiple Sclerosis International.* 2014;1-7.
12. Tweedy SM, Trost SG. Validity of accelerometry for measurement of activity in people with brain injury. *Med. Sci. Sports Exerc*. 2005;37(9):1474-80.
13. Lee JM. Validity of consumer-based physical activity monitors and calibration of smartphone for prediction of physical activity energy expenditure [dissertation].Ames (IA): Iowa State University*;* 2013. 13480 p.

14. Google Developers. Google Developers Web site [Internet]. Mountain View (CA): Google Inc.;[cited 2016 fev 01]. Available from: https://developers.google.com/fit/overview.

15. Case MA, Burwick HA, Volpp KG, Patel MS. Accuracy of smartphone applications and wearable devices for tracking physical activity data. *JAMA*. 2015;313(6):625–6.

16. Bertolucci PHF, Brucki SMD, Campacci SR, Juliano Y. O Mini-Exame do Estado Mental em uma população geral impacto da escolaridade. *Arq. Neuropsiquiatr*. 1994,52(1):1-7.

17. Polese JC, Ada L, Parreira VF, Faria GS, Avelino P, Teixeira-Salmela LF.Test-retest reliability of the cardiorespiratory variables measured with the Metamax 3B during the six-minute walking test after stroke. *Physical Medicine and Rehabilitation – International*. 2015;2(1):1028.

18. Capela NA, Lemaire ED, Baddour N. Feature selection for wearable smartphone-based human activity recognition with able bodied, elderly, and stroke patients. *PLoS ONE*. 2015;10(4):1-18.

19. Buonani C, Rosa CSC, Diniz TA, *et al.*Prática de atividade física e composição corporal em mulheres na menopausa. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2013;35(4):153-8.

20. Korpan SM, Schafer JL, Wilson KCS, Webber SC. Effect of ActiGraph GT3X+ Position and Algorithm Choice on Step Count Accuracy in Older Adults. *Journal of Aging and Physical Activity.* 2015;23:377 -382.

21. Portney LG, Watkins MP. Foundations of clinical research: Applications to practice. 3rd ed. Upper Saddle River: Prentice Hall Health; 2009.525 p.

22. Motl RW, Snook EM, Agiovlasitis S. Does an accelerometer accurately measure steps taken under controlled conditions in adults with mild multiple sclerosis? *Disabil Health J*. 2011;4(1):52-57.
23. Stanhope VA, Knarr BA, Reisman DS, *et al.* Frontal plane compensatory strategies associated with self-selected walking speed in individuals post-stroke.Clin Biomech. 2014;29(5):518–522.
24. Kerrigan DC, Frates EP, Rogan S, *et al.* Hip Hiking and Circumduction: Quantitative Definitions. American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation. 2000:79(3) 247-252.
25. Freedson PS, Melanson E, Sirad J. Calibration of the computer science and applications, Inc. accelerometer. *Med. Sci. Sport Exerc*. 1998;30(5):777–81.
26. Paul SS, Tiedemann A, Hassett LM, *et al.* Validity of the Fitbit activity tracker for measuring steps in community-dwelling older adults. *BMJ Open Sport Exerc Med.* 2015;1:e000013.
27. Fulk GD, Combs SA, Danks KA, Nirider CD, Raja B, Reisman DS. Accuracy of 2 activity monitors in detecting steps in people with stroke and traumatic brain injury. *Phys Ther*. 2014;94(2):222-229.
28. Klassen TD, Simpson LA, Lim SB,*et al.*“Stepping up” activity post stroke: ankle positioned accelerometer can accurately record steps during slow walking. *Phys Ther*. 2016;96(3):355–60.

INSTITUTIONAL REVIEW BOARD APPROVAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 47256815.9.0000.5149

Interessado(a): Profa. Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela
Departamento de Fisioterapia
EEFFTO- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 15 de setembro de 2015, o relatório final do projeto de pesquisa anterior à Plataforma Brasil intitulado **"Comparação do gasto energético predito com o gasto energético real obtido durante a marcha de indivíduos pós-acidente vascular encefálico crônicos com diferentes níveis funcionais".**

Telma Campos Medeiros Lorentz

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz
Coordenadora do COEP-UFMG

Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2° andar – Sala 2005 – Cep:31270-901 – BH-MG
Telefax: (031) 3409-4592 - e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Table 1: Participants' characteristics

Characteristic	***n*=37**
Age (years), mean±SD, (range: min–max)	62±11 (24–82)
Sex (men) n	28
Body mass (kg), mean±SD (range:min–max)	74.5±14.9 (50–117)
Height (cm), mean±SD (range:min–max)	164.7±8.6 (142-184)
Time since stroke (months), mean±SD, (range:min–max)	91±91 (9–412)
Side of paresis (left), n	19
MMSE (scores 0–30), mean±SD	25.6±4.9
Gait speed (m/s), mean±SD, (range: min-max)	
Comfortable	0.9±0.3 (0.3-1.4)
Fast	1.3±0.6 (0.5-2.1)
Fugl-Meyer Lower Limbs (scores 0-34), mean±SD	20.3±5.8
Walking distance (m), mean±SD	294.1 ± 156.7
Gait speed during the walking test (m/s), mean±SD, (range: min-max)	1.0±0.5 (0.3-2.4)
Estimated steps by the Actigraph GT3X (number), mean±SD	276.7±98.8
Estimated steps by the Google Fit (number), mean±SD	481.0±119.6
Actual steps determined by the examiner (number), mean±SD	472.0±93.0

MMSE= Mini-mental state examination; SD= Standard deviation.

Table 2: Intra-class correlation coefficients and 95% confidence intervals between the actual steps and those estimated by the Google Fit application and the Actigraph GT3X accelerometer (*n*=37)

Device	ICC [2, 1] (95%CI)	Mean difference (95%CI) between the actual and the estimated steps
Google Fit application	0.93 (0.86 to 0.96)	-8.29 (-26.76 to 10.18)
ActigraphGT3X accelerometer	0.32 (-0.18 to 0.68)	191.82 (160.79 to 222.84)

4.2 Artigo 2

VALIDITY OF THE ACTIGRAPH GT3X ACCELEROMETER AND THE GOOGLE FIT SMARTPHONE APPLICATION INESTIMATING ENERGY EXPENDITURE DURING FAST OVERGROUND WALKING OF INDIVIDUALS WITH CHRONIC STROKE

Giselle S Faria[1], Janaine C Polese[1,2], Giane A Ribeiro-Samora[3], Aline A Scianni[1], Luci F Teixeira-Salmela[1].

[1]*NeuroGroup, Department of Physical Therapy, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil.*

[2]*Department of Physical Therapy, Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil.*

[3]*LabCare, Department of Physical Therapy, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil*

Giselle S Faria. Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha 31270-901 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-7403. giselle.sfaria@gmail.com

Janaine C Polese. Department of Physical Therapy, Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Alameda Ezequiel Dias, 275, Centro. 30130-110 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3248-7219. janainepolese@yahoo.com.br

Giane A Ribeiro-Samora. Department of Physical Therapy, Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha. 31270-901 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-4777. gribeirosamora@gmail.com

Aline A Scianni. Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha 31270-901 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-7403. ascianni@task.com.br

Luci F Teixeira-Salmela. Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha 31270-901 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Telephone: 55-31-3409-7403. lfts@eeffto.ufmg.br

Corresponding author

Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, PhD.

Word count:3,751

Support: Brazilian National Funding Agencies (CNPQ and FAPEMIG).

ABSTRACT

Purpose: To examine the validity of the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application in estimating energy expenditure in people with stroke, during fast overground walking. The energy expenditure, in kilocalories (kcal), estimated by both devices was compared with that obtained with the Cortex Metamax 3B ergoespirometer (gold-standard measure). **Materials and Methods:** Thirty community-dwelling individuals with stroke walked on a 10-meter hallway over five minutes at their fast speeds, wearing the Cortex Metamax 3B ergoespirometer, the ActiGraph GT3X accelerometer, and a smartphone with the Google Fit application. **Results:** A fair relationship was found only between the values estimated from the combined formula of the ActiGraph GT3X and those obtained with the gold-standard measure (*r*=0.37; p=0.04). However, no significant agreement between these measures was observed (ICC[2,1]= 0.18; p=0.17). There were not found any significant associations between the energy expenditure values estimated by the Google Fit application and those provided by the ergoespirometer. **Conclusions:** The findings demonstrated that both the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application did not provide valid energy expenditure measures for chronic stroke individuals during fast overground walking.

Keywords:stroke; energy expenditure; validity; monitoring;

accelerometry; cell phones.

INTRODUCTION

After a stroke, individuals tend to adopt sedentary behaviors, which usually perpetuate during the chronic stages [1,2]. However, the paramount importance of an active lifestyle for individuals with stroke has already been reported [3,4], since it helps, amongst other aspects, to prevent deconditioning and new cardiovascular events [3]. Besides, it is also recommended that stroke individuals should be involved in regular aerobic exercise programs targeted to enhance their aerobic capacity and walking efficiency, in order to improve functional independency [3,5]. The reason for these recommendations relies on the fact that individuals with stroke have metabolic abnormalities [6,7] and cardiovascular adaptations, which are not observed in healthy individuals [8]. Therefore, these abnormalities increase the risk of recurrent cardiovascular events [7]. In this scenario, the objective assessment and monitoring of energy expenditure during physical activity practice becomes of great importance.

Devices, such as regular accelerometers, objectively measure energy expenditure [9,10] and are the most frequently used monitors with stroke individuals, as reported in a recent systematic review 2015[11]. One example of a triaxial accelerometer commonly used in various neurological conditions is the ActiGraph GT3X (ActiGraph, Pensacola, Flórida, USA) [1,12,13]. Nonetheless, its energy expenditure prediction equations were developed based upon data of healthy individuals during walking and running on a treadmill [14]. Considering the constellation of impairments in body functions and structures observed after stroke, it is reasonable to question if accelerometers could be reliable devices to measure energy expenditure in this population. Also, these devices are mainly used for research purposes, once they are relatively expensive and difficult to be used within clinical settings [15].

In this sense, a promising way of assessing and monitoring physical activity of individuals with stroke is by using smartphone applications [16], since they provide real-time information and are freely accessible and easy-to-use [15,17]. One example of this technology is the Google Fit (Google Inc., Mountain View, Califórnia, EUA) application, which is an open platform also available as a smartphone application [17]. It provides information regarding step counts, walked distance, and burnt calories during physical activity practice [17]. However, since the Google Fit is a relatively new application, released on 2014 [17], its validity has not been evaluated in individuals with neurological conditions, including individuals with stroke. Moreover, information regarding the prediction equations for the estimation of energy expenditure is not available. Therefore, it is neither known how they were developed, nor if the smartphone application would be reliable to monitor energy expenditure in chronic stroke individuals.

Therefore, the aim of the present study was to examine the validity of the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application in estimating energy expenditure in people with stroke, during fast overground walking. The estimated energy expenditure, in kilocalories (kcal), provided by both devices was compared with that, obtained with the Cortex Metamax 3B ergoespirometer (gold-standard measure).This information may be useful to recommend these devices for monitoring energy expenditure.

MATERIALS AND METHODS

Participants

Individuals, who had a single unilateral stroke, were recruited from the general community, from August to December 2015. To be included, the participants should be above 20 years of age; had a mean time since the onset of the stroke of at least six months; be able to walk independently with or without assistive devices; had residual weakness of the paretic knee extensor, plantar flexor and/or dorsal flexor muscles (strength deficit >10% compared to the non-paretic side) [18], assessed by a hand-held dynamometer, and/or increased tonus of the paretic knee extensor muscles, determined by scores different from zero on the modified Ashworth scale; and had no cognitive impairments, as determined by the following education-adjusted cut-off scores on the Mini Mental State Examination: 13 for the individuals with illiteracy and 18 for those with basic education [19]. Participants were excluded if they had any other associated neurological, respiratory and/or orthopedic conditions.

The number of at least 30 participants was based upon a previous study with similar objective [20].All participants provided written consent, based upon previous approval from the Institutional Ethical Review Board (CAAE–47256815.9.0000.5149).

Instruments and Procedures

Initially, the participants underwent an interview and physical examination for the collection of their demographic, anthropometric, and clinical data, which included age, sex, body mass, height, time since the onset of the stroke, functional level (10 Meter Walking Test - 10MWT – habitual and fast speeds), functional capacity (Duke Activity Status Index - DASI), motor recovery of the paretic lower limb (Fugl-Meyer lower-extremity section scores), strength and tonus of the knee extensor muscles. Following, they were asked to walk back and forth on a 10-meter, flat, and straight hallway over five minutes, at their maximum speeds, following previously recommended procedures [21]. The reason that maximum speed was chosen was because we wanted to know if these devices would provide reliable measures of energy expenditure during physical activity practice, which usually involves increased energy demands. Besides, it is reported that walking at higher cadences improves cardiovascular health, more than walking at comfortable speeds for chronic stroke individuals [22], which is usually the main goal of a conditioning program.

During the walking test, participants wore the ActiGraph GT3X accelerometer on their paretic ankle, a smartphone with the Google Fit application in the front pocket of their paretic lower limb, and the Cortex Metamax 3B ergoespirometer (gold-standard measure), following previously recommended procedures [1,23].

The ActiGraph GT3X accelerometer

The ActiGraph GT3X accelerometer is a small (3.8cm width x 3.7cm length x 1.8cm depth; 27 grams), commercially available triaxial accelerometer, which captures changes in accelerations ranging in magnitudes from 0.05 to 2.5 G's, with and samplerate of 30Hz in three individual axes: Anterior-posterior (AP) or X axis, medial-lateral (ML) or Z axis, and vertical (VT) or Y axis) [24,25], as well as a composite vector magnitude (VM) of the three axes [25]. The accelerometer gives its outputs as counts per period of time, called epochs, and in the present study, these were set at 60-second epochs, as previously applied with individuals with stroke[1]. The ActiGraph GT3X estimates the energy expenditure by converting its counts/min from the VT axis into kcal, by applying two different previously established equations and one combined formula, as follows [26]:

Work-energy theorem (WET) equation: $kcals/min_{WET}$=0.0000191* counts/minute* body mass, in kg

(1)

Freedson equation: $kcals/min_{Freedson}$=0.00094*counts/minute+ 0.1346*body mass, in kg -7.37418

(2)

Combined formula: It uses the WET equation for counts/min ≤1,952 and the Freedson

equation for counts/min >1,952. (3)

The accelerometer can be positioned on different body regions and, in the present study, it was placed on the paretic ankle, as recommended by the manufacturer and previously used with individuals with stroke[1]. Energy expenditure estimates, in kcal, from the ActiGraph GT3X equations, over the five-minute monitoring test were averaged and used for analyses. The collected data were analyzed by the ActiLife data analysis software 4.1.0.

Google Fit smartphone application

The Google Fit is an open platform developed by Google Inc., that allows the users to control their fitness data. It is also available as a free application for smartphones, which works on versions above 4.0 in Android systems [17]. The Google Fit consists of a set of high level sensors, such as accelerometer, gyroscope, and global positioning system, which can detect changes in position and distinguish amongst various types of movements, several kinds of data, and different bouts of activity [17]. The smartphone with the application used in the present study was the LG Nexus 5, which weighted 130 grams and had the following dimensions: 69.17mm width x 137.84mm length x 8.59mm depth.

The Google Fit application provides energy expenditure estimates in calories (cal) and in the present study, the data were transformed into kcal, to be able to make comparisons, as follows:

$$kcal/min_{GoogleFit}=cal_{GoogleFit}/1000 \quad (4)$$

The data of the five-minute monitoring test were also averaged and used for analyses, because the Google Fit software gives energy expenditure output as total burnt calories, and not on a minute-by-minute basis.

Prior to the walking test, the smartphone was positioned on the participants' front pocket of their paretic lower limb, as previously reported [23] and calibrated, according the following users' data: sex, body mass (kg), and height (cm). Table 1 shows the technical specifications of both devices.

-------------------------- INSERT TABLE 1 ABOUT HERE -------------------------

Gold-standard measure

The Cortex Metamax 3B ergoespirometer gives real-time corrected measures of $VO_{2,}$ in Kg/ml/mint [27]. The VO_2 was measured minute by minute by using an open circuit ergoespirometry, which provide reliable measures during overground walking with individuals with stroke (ICC: 0.76 to 0.97) [21] and was used as gold-standard measure. The gases were collected at each breathing cycle through a silicone mask adapted to the individual's face [27]. For analyses, the VO_2 values of the entire five-minute monitoring test were averaged and converted into kcal, by applying the following formula [28]:

$$kcal/min_{Metamax3B}=(VO_{2,}\text{ in Kg/ml/min*body mass, in kg})/1000 \quad (5)$$

The ergoespirometer was calibrated in three steps, following the manufacturer recommendations: 1) barometric; 2) gas, by using verified gases of known concentration (12% O_2, 5% CO_2,and balance N_2: ±0.02% absolute); and 3) volume, by using a 3L syringe (Hans Rudolph Inc.) [27].

Statistical analyses

Descriptive statistics and tests for normality were carried-out with the SPSS software (version 19.0). Pearson's correlation coefficients were calculated to examine the associations between the energy expenditure values (in kcal) estimated by the equations from the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application, with those provided by the gold-standard measure. Intra-class correlation coefficients (ICC [2,1]) were employed to examine the agreement between the energy expenditure (in kcal) values estimated by the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application, with those obtained from the gold-standard measure. All analyses considered the following cut-off values [29]: 0-0.25: little or no relationship; 0.26-0.50: fair relationship; 0.51-0.75: moderate to good relationship; and >0.75 good to excellent relationship. The significance level was set at 5% for all analyses.

RESULTS

Thirty individuals with stroke (21 men), with a mean age of 62 (±12) years and a mean time since the onset of stroke of 98 (±96) months, were included. Twenty-one participants reported not being engaged in any kind of physical activity, 24 had ischemic stroke, and the mean distance covered during the test was 258.9 (±155.2) meters. Out of the nine individuals who were physically active, five reported walking as the most frequently practiced activity, with bouts of activity ranging from 30 minutes to one hour, three times a week. The characteristics of the participants are given in Table 2.

---------------------------- INSERT TABLE 2 ABOUT HERE --------------------

Validity of the devices for estimating energy expenditure

The ActiGraph GT3X accelerometer

Out of the three equations used to estimate the energy expenditure from the ActiGraph GT3X accelerometer, a fair relationship with the gold-standard measure was found only for the values estimated by the combined formula (r=0.37; p=0.04). However, no agreement between these measures was observed. In addition, there were not found any other statistically significant associations between the values estimated by the other equations (WET and Freedson equations)and those provided by the gold-standard measure(r= 0.04; p=0.06).

Google Fit smartphone application

There were not found any significant associations between the energy expenditure values estimated by the Google Fit application and those provided by the gold-standard measure (Table 3). Therefore, agreement analysis was not performed.

---------------------------- INSERT TABLE 3 ABOUT HERE --------------------

DISCUSSION

This study aimed at examining the validity of the ActiGraph GT3Xaccelerometer and the Google Fit smartphone application in estimating energy expenditure in people with stroke, during fast overground walking. For this, the energy expenditure data estimated by both devices were compared with those provided by the gold-standard measure (Cortex Metamax 3B ergoespirometer).A fair association with the gold-standard measure was found only with the data estimated by the combined formula of the ActiGraph GT3X. However, the ICC (2,1) analyses found no agreement between these measures.

The fair association observed between the energy expenditure data estimated by the ActiGraph GT3X combined formula and those provided by the gold-standard measure, may be due to the fact that the equations used by the ActiGraph GT3X accelerometer to estimate energy expenditure (in kcal) were developed for healthy young individuals, during walking/running on a treadmill [14]. Previous studies reported that individuals with stroke, who had higher functional levels, i.e., walk at speeds >0.8m/s, have energy expenditure values similar to healthy individuals [30-32]. However, the results of the present study with a sample, who had a mean walking speed of 0.8m/s, showed that the energy expenditure values estimated by all of the ActiGraph GT3X equations were about 55% higher, than those provided by the gold-standard measure. Even though the sample of the present study consisted of community-dwelling individuals with few residual deficits, this overestimation suggests that the equations usually used to predict energy expenditure of healthy individuals during treadmill walking, may not be the most appropriate for predicting energy expenditure of stroke individuals during fast overground walking.

A previous study also compared the energy expenditure data estimated by the ActiGraph GT3X equations with those measured by a metabolic cart (Oxycon Pro) with healthy adolescents, young adults, and elderly walking and running on a treadmill in six different conditions [33]. When the data of the elderly were analyzed separately, there was found that out of the three equations from ActiGraph GT3X, the WET one worked the best [33]. However, in the present study, the data estimated by the WET equation showed no association with those provided by the gold-standard measure. These differences may be due to the sample characteristics and walking condition. Besides, it is important to point-out that even though a triaxial accelerometer was used, only the data estimated from the vertical axis (VT) was considered for analysis [33]. The vertical axis would probably not be the best axis to be considered while analyzing the number of steps taken by individuals with stroke, once they usually tend to restrict the vertical movement of their paretic lower limb as a compensatory strategy for their residual weakness [34,35]. The present study corroborates with this hypothesis, once it observed a relatively high percentage of residual weakness in the muscles considered the main contributors to the gait performance of stroke individuals [34,35].

Moreover, the ActiGraph GT3X equations were based on the ActiGraph GT1M previous model [14]. In this scenario, Sasaki *et al.* [34] observed that the raw data measured by the ActiGraph GT1M and the ActiGraph GT3X were not comparable even for healthy young subjects (anteroposterior axis [AP]: mean bias of -515$\pm$640 counts; vector magnitude [VM] for the two axis: mean bias=-231$\pm$28 counts). When both ActiGraph devices were compared, the main difference was that the GT1M model works as uniaxial or biaxial accelerometer and does not take into account the mediolateral axis (ML) [14]. In the present study, however, the raw data from the ML axis were the only ones that showed some association with those provided by the gold-standard measure (VO_2, in mL/kg/min). These findings could be explained by the gait patterns of the individuals with stroke, who show residual motor impairments and gait asymmetries [34]. It is well known that, in order to regain ability to walk, they tend to abduct their paretic lower limb to perform a circumduction [34,35], which is a movement that has a lot of the ML axis component and is not usually adopted by healthy individuals while walking. In this scenario, since energy estimations by the ActiGraph GT3X do not take into account the ML axis, it would be expected that these estimations would also be different from the real energy expenditure values provided by the gold-standard measure. To confirm this hypothesis, the correlation between the raw data provided by both the ActiGraph GT3X and the gold-standard measure was analyzed. Significant associations were found only between the ML axis raw data (0.53; p=0.002) and VM (0.71; p<0.001).

Since the equations given by the ActiGraph GT3X accelerometer were not considered the most appropriate for measuring energy expenditure in the elderly, Santos-Lozano *et al.* [33] suggested the use of age-specific equations for estimating energy expenditure measures. Thus, it is reasonable to argue that the determination of specific equations for the prediction of energy expenditure is also necessary and would be a better alternative for individuals with neurological conditions.

Regarding the data estimated by the Google Fit smartphone application, the energy expenditure measures were not associated with those from the gold-standard measure. The Google Fit smartphone application provided energy expenditure values in calories and, when those values were converted into kilocalories, it gave estimates close to zero. This finding could be explained by the fact that physical activity monitoring from smartphone applications is a relatively new field of technology, meaning that it is still under development, and it is usually used by healthy individuals [37-39]. In this sense, manufacturers tend to take into consideration only the target population, when developing the applications' software. Wu *et al.* [39], for example, reported that the use of smartphones with built-in accelerometer and gyroscope is beneficial for classifying activities of healthy individuals from 19 to 60 years of age. It was also observed that smartphone applications estimate energy expenditure of healthy young individuals during walking and running on a treadmill with better accuracy than the ActiGraph GT3X+ accelerometer (a newer version of GT3X) [37]. However, one of the limiting factors while trying to validate the use of smartphone applications is that not all of the software applications allow users to have access neither to the raw data, nor to the energy expenditure prediction equations, such as the Google Fit. Thus, in the present study, it is impossible to know if there was a probable error in the collected data (raw data) or in the equations used to transform the data into energy expenditure outputs (in kcal).

Generally, several smartphone applications have been developed for different purposes, such as to administer functional tests, by providing audio and visual instructions [40]; help general rehabilitation of individuals with stroke, by educating patients and caregivers regarding home-based exercises, postures, and medicine control [41]; and stimulate the practice of rehabilitation exercises for upper limb recovery [42]. Concerning post-stroke conditioning goal, there was found only one smartphone application, named Starfish, which has been recently developed to monitor and increase the number of daily steps of individuals with chronic stroke[16]. Even though the Starfish demonstrated potential to increase physical activity levels [16], it does not take into account other forms of physical activity, nor the user's energy expenditure (in kcal), while practicing physical activities. Thus, future studies should focus on the development of smartphone applications with the goal of assessing and monitoring energy expenditure, since these devices have shown to be effective for supporting changes in health behaviors and physical activity levels [43,44].

One could argue that the walking test was conducted in a closed environment and activity monitors should also be validated in outdoor environments, in order to try to reproduce community settings. However, both devices, which were assessed in the present study, did not show to provide valid measures of energy expenditure, not even in a closed environment. This suggests that they would also not be valid to monitor outdoor activities. Moreover, other activities with different metabolic demands, such as stair climbing and upper limb activities should also be monitored. Nonetheless, walking is of great importance for individuals with stroke, since decreased walking function is one of the main causes of physical dependency for stroke individuals [45].

In summary, the findings of the present study demonstrated that both the ActiGraph GT3X accelerometer and the Google Fit smartphone application did not provide valid energy expenditure measures (in kilocalories) for chronic stroke individuals during fast overground walking. Future studies should focus on the development physical activity monitors based on group-specific energy expenditure equations, given that they are free or cheap, easy to use, and provides real-time information of physical activity parameters.

Acknowledgment

The authors would like to acknowledge the staff members of the "Laboratório de Avaliação e Pesquisa em Desempenho Cardiorrespiratório" (LabCare) for their technical support.

Declaration of interest: The authors report no conflicts of interest.

REFERENCES

[1] Mattlage AE, Redlin SA, Rippee MA, *et al.*Use of accelerometers to examine sedentary time on an acute stroke unit. Journal of Physical Therapy. 2015;9:166-171.

[2] Ashe MC, Miller W, Eng JJ, *et al.*Physical Activity and Chronic Conditions Research Team. Older adults, chronic disease and leisure-time physical activity. Gerontology. 2009;55:64–72.

[3] Billinger AS, Arena R, Bernhardt J,*et al.*Physical Activity and Exercise Recommendations for Stroke Survivors: A statement forhealthcare professionals from the American Heart Association/American Stroke Association. Stroke. 2014;45:2532-2553.

[4] Gordon, N.F.; Gulanick, M.; Costa, F. *et al.* Physical activity and exercise recommendation for stroke survivors: an American Heart Association scientific statement from the Council on Clinical Cardiology, Subcommittee on Exercise, Cardiac Rehabilitation, and Prevention; the Council on Cardiovascular Nursing; the Council on Nutrition, Physical Activity and Metabolism; and the Stroke Council. Circulation. 2004;109:201-41.

[5] Wendel-Vos GCW, Schuit AJ, Feskens EJ, *et al.* Physical activity and stroke: A meta-analysis of observational data. International Journal of Epidemiology. 2004;33:787–798.

[6] Ivey FM, Hafer-Macko CE, Macko RF. Exercise rehabilitation after stroke. NeuroRx: The Journal of the American Society for Experimental NeuroTherapeutics. 2006;3:439-450.

[7] Ivey FM, Hafer-Macko CE, Macko RF. Exercise training for cardiometabolic adaptation after stroke.J Cardiopulm Rehabil. 2008;28(1):2-11.

[8] Billinger SA, Coughenour E, MacKay-Lyons MJ, *et al.* Reduced Cardiorespiratory Fitness after Stroke: Biological Consequences and Exercise-Induced Adaptations. Stroke Research and Treatment. 2012;1-11.

[9] Motl RW, Snook EM, Agiovlasitis S. Does an accelerometer accurately measure steps taken under controlled conditions in adults with mild multiple sclerosis? Disability Health Journal. 2011;4(1):52-57.

[10] Serra MC, Balraj E, DiSanzo BL, *et al.* Validating accelerometry as a measure of physical activity and energy expenditure in chronic stroke. Top Stroke Rehabil. 2016;20:1-6.

[11] Fini NA, Holland AE, Keating J, *et al.* How is physical activity monitored in people following stroke? Disabil Rehabil. 2015;37(19):1717–1731.

[12] Motl RW, Snook EM, McAuley E, *et al.*Correlates of physical activity among individuals with multiple sclerosis. Ann Behav Med. 2006;32(2):154–161.

[13] Tweedy SM, Trost SG. Validity of accelerometry for measurement of activity in people with brain injury. Medicine and Science in Sports and Exercise. 2005;37(9):1474-80.

[14] Freedson PS, Melanson E, Sirad J. Calibration of the computer science and applications, Inc. accelerometer. Med. Sci. Sport Exerc. 1998;30:777–81.

[15] Lee JM, Kim Y, Welk GJ. Validity of consumer-based physical activity monitors. Med. Sci. Sports Exerc. 2014;46(9):1840-48.

[16] Paul L, Wyke S, Brewster S, *et al.* Increasing physical activity in stroke survivors using STARFISH, an interactive mobile phone application: a pilot study. Top Stroke Rehabil. 2016;23(3):170-7.

[17] Google Developers [Internet]. Mountain View (CA): Google Inc; [cited in: 2015 Jul 01]. Available from: https://developers.google.com/fit/overview

[18] Milot MH, Nadeau S, Gravel D, *et al.* Gait Performance and Lower-Limb Muscle Strength Improved in Both Upper-Limb and Lower-Limb Isokinetic Training Programs in Individuals with Chronic Stroke. ISRN Rehabilitation.2013;10p.

[19] Bertolucci PHF, Brucki SMD, Campacci SR, *et al.*O Mini-Exame do Estado Mental em uma população geral impacto da escolaridade. Arq. Neuropsiquiatr. 1994,52(1):1-7.

[20] Vanroy C, Vissers D, Cras P,*et al.* Physical activity monitoring in stroke: SenseWear Pro2 Activity accelerometer versus Yamax Digi-Walker SW-200 Pedometer. Desabil Rehabil. 2014;36(20):1965-1703.

[21] Polese JC, Ada L, Parreira VF, *et al.*Test-retest reliability of the cardiorespiratory variables measured with the Metamax 3B during the six-minute walking test after stroke. Physical Medicine and Rehabilitation – International. 2015;2(1):1028.

[22] Michael K, Macko RF. Ambulatory activity intensity profiles, fitness, and fatigue in chronic stroke. Top Stroke Rehabil 2007;14(2):5–12.

[23] Capela NA, Lemaire ED, Baddour N. Feature selection for wearable smartphone-based human activity recognition with able bodied, elderly, and stroke patients. PLoS ONE. 2015;10(4):1-18.

[24] Buonani C, Rosa CSC, Diniz TA, *et al.*Prática de atividade física e composição corporal em mulheres na menopausa. Rev Bras Ginecol Obstet. 2013;35(4):153-8.

[25] Kelly LA, McMillan DGE, Anderson A, *et al.* Validity of actigraphs uniaxial and triaxial accelerometers for assessment of physical activity in adults in laboratory conditions. BMC Medical Physics 2013,13:5.

[26] ActiGraph Inc. ActiLife Users Manual. Pensacola(FL), 2008.

[27] Córtex Metamax 3B. Installation Manual - MetaSoft® Software. Alemanha, 2010.

[28] Powers SK, Howley ET. Fisiologia do Exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 6th ed. Barueri (SP): Manole; 2009.

[29] Portney LG, Watkins MP. Foundations of clinical research: Applications to practice. 3rd ed. Upper Saddle River (NJ): Prentice Hall Health; 2009.

[30] Platts MM, Rafferty D, Paul L. Metabolic cost of overground gait in younger stroke patients and healthy controls. Med. Sci. Sports Exerc.2006;38(6):1041-46.

[31] Polese JC. Fatores relacionados à atividade física pós Acidente Vascular Encefálico [dissertation]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2015.

[32] Zamparo P, Francescato MP, De Luca G, *et al.*The energy cost of level walking in patients with hemiplegia. Scand J Med Sci Sports. 1995;5:348 –352.

[33] Santos-Lozano A, Satin-Medeiros F, Cardon G,*et al.*Actigraph GT3X: Validation and Determination of Physical Activity Intensity Cut Points. Int J Sports Med. 2013;34: 975–982.

[34] Stanhope VA, Knarr BA, Reisman DS, *et al.* Frontal plane compensatory strategies associated with self-selected walking speed in individuals post-stroke.Clin Biomech. 2014;29(5):518–522.

[35] Kerrigan DC, Frates EP, Rogan S, *et al.* Hip Hiking and Circumduction: Quantitative Definitions. American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation. 2000:79(3) 247-252.

[36] Sasaki JE, John D, Freedson PS. Validation and comparison of ActiGraph activity monitors. Journal of Science and Medicine in Sport. 2011;411–416.

[37] Lee JM. Validity of consumer-based physical activity monitors and calibration of smartphone for prediction of physical activity energy expenditure [dissertation]. Ames (IA): Iowa State University; 2013.

[38] Case BA, Burwick HA, Volpp KG, *et al.* Accuracy of smartphone applications and wearable devices for tracking physical activity data. JAMA. 2015,313(6):625-626.

[39] Wu W, Dasgupta S, Ramirez EE, *et al.* Classification accuracies of physical activities using smartphone motion sensors. J Med Internet Res. 2012;14(5):e130.

[40] Goodney A, Jung J, Needdham S, *et al.* Mobile Computing, Applications, and Services.1st ed. Berlin (Germany):Springer; 2012.

[41] Zhang MW, Yeo LL, Ho RC. Harnessing smartphone technologies for stroke care, rehabilitation and beyond. BMJ Innov. 2015;1:145–150.

[42] RESN/NCART 2016 [Internet]. Arlington: RESN/NCART; 2016 [cited 18 dec 2016]. Available from: https://www.resna.org/sites/default/files/conference/2016/pdf_versions/emerging_tech/lawson.pdf

[43] Fanning J, Mullen SP, McAuley E. Increaing physical activity with mobile devices: a meta-analysis. J Med Internet Res. 2012;14(6):e161.

[44] [Klasnja P, Consolvo S, Pratt W] [Conference of the Human Factors of the Computing Systems]; [2011] [may] [7-12]; [Vancouver], [Canada].

[45] Masiero S, Avesani R, Armani M, *et al.*Predictive factors for ambulation in stroke patients in the rehabilitation setting: A multivariate analysis. Clinical Neurology and Neurosurgery. 2007;109:763–769.

Table 1.Technical specifications of the Actigraph GT3X accelerometer and the smartphone LG Nexus 5

Specification	Actigraph GT3X	LG Nexus 5 with Google Fit
Sample rate	30Hz	NA
Data storage	16MB	16GB
Battery life	31 days	17 hours to 12.5 days
Accelerometer sensor	ADXL 335 triaxial accelerometer (Analog Devices, USA)	MPU6515 triaxial accelerometer+gyroscope (Invense Inc., USA)
Registered range of acceleration	±3g	NA
Measured outcomes	Acceleration around the three axes and vector magnitude	Acceleration around the three axes
Estimated outcomes	Number of steps taken Energy expenditure (kcal) Duration of physical activity (min)	Number of steps taken Type of activity Travelled distance (miles or km) Energy expenditure (cal or kJ) Duration of physical activity (min)

NA= Not Available

Table 2.Participants' characteristics

Characteristics	n=30
Age (yrs), mean±SD, (range: min–max)	62±12 (24–82)
Sex (men/women), n	21/9
Body mass (kg), mean±SD (range:min–max)	75.0±12.2 (50–99)
Height (cm), mean±SD (range:min–max)	164.7±8.6 (142-184)
Time since stroke (months), mean±SD (range:min–max)	98.5.0±96.1 (9–412)
Side of paresis (L/R)	17/13
MMES (scores 0–30), mean±SD	26.1±3.3
Gait speed (m/s), mean±SD, (range: min-max)	
– Comfortable	0.8±0.3 (0.3-1.4)
– Fast	1.3±1.0 (0.5-2.3)
DASI (score 0-58.2), mean±SD	31.0±14.8
Fugl-Meyer lower-limb section (score 0-34), mean±SD	19.1±5.3
Tonus of the knee extensor muscles (MAS score:0-4), n	
– 0	18
– 1	8
– 2	2
– 3	1
– 4	1
Residual Weakness (%±SD)	
- Knee extensors	8.3±4.8
- Ankle plantarflexors	20.0±3.3
- Ankle dorsiflexors	19.4±3.9

SD=Standard Deviation, min=minimum, max=maximum, yrs=years, DASI=Duke Activity Status Index

Table 3.Pearson's correlation coefficients and p values between the energy expenditure measures (in kcal) from the Actigraph GT3X and Google Fit estimations, and the gold-standard measure.

Instruments		**Energy expenditure measures (mean±SD)**	**Correlation coefficients**	**P value**
Cortex Metamax 3B		3.6±1.2	-	-
ActiGraph GT3X				
	WET equation	8.6±6.5	0.04	0.06
	Freedson equation	8.0±4.9	0.04	0.06
	Combined formula	8.0±4.8	0.37*	0.04
Google Fit		0.0±0.0	0.02	0.97
Instruments and it's raw data		**Raw data measured (mean±SD)**	**Correlation coefficients**	**P value**
Cortex Metamax 3B				
(mL/kg/min)	VO_2	9.5±3.0	-	-
ActiGraph GT3X				
axes (counts)	VT	5975.9±4317.3	0.28	0.14
	AP	3693.9±2242.5	0.12	0.51
	ML	3525.4±2374.9	0.53*	0.00
	VM	8412.5±4568.9	0.71*	0.00

WET= Work-Energy Theorem; VT= vertical axis; AP= antero-posterior axis; ML= medio-lateral axis; VM= vector magnitude.
*p<0.01

Implications for rehabilitation

- Individuals with stroke should be encouraged to practice safe physical activity, to prevent deconditioning and recurrence of stroke.
- Objective measures are necessary to monitor energy expenditure of stroke individuals during their physical activity practice.
- Although it has been frequently used, the ActiGraph GT3X accelerometer does not provide valid measures of energy expenditure for individuals with chronic stroke.
- The Google Fit smartphone application also does not provide valid measures of energy expenditure for individuals with stroke.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Limitações dos estudos

Os resultados apresentados no presente estudo devem ser interpretados com cautela devido à presença de algumas limitações. Dentre elas destaca-se o fato das avaliações terem ocorrido em um ambiente controlado de laboratório. Dispositivos desenvolvidos com o objetivo de monitorar os níveis de atividade física devem ser validados inclusive em ambientes externos e variados, na tentativa de se reproduzir os ambientes reais da vida comunitária. No entanto, se considerarmos apenas o GE fornecido pelo acelerômetro *ActiGraph* GT3X e pelo aplicativo de celular Google Fit, os monitores avaliados no presente estudo não apresentaram validade aceitável mesmo no ambiente controlado. Isso nos leva a hipotetizar que eles possivelmente também podem não ser adequados para monitorar níveis de atividade física de indivíduos pós-AVE crônicos em ambientes externos.

Além disso, esforços foram feitos na tentativa de se recrutar indivíduos com diferentes níveis funcionais classificados pela velocidade de marcha habitual.No entanto, uma vez que o presente estudo foi realizado em um ambiente de pesquisa, a participação de indivíduos pós-AVE crônicos com melhores níveis funcionais foi mais frequente, já que esses são capazes de se transportarem ao local da coleta de dados com maior facilidade.Todavia, o presente estudo incluiu uma variedade considerável de indivíduos com diferentes níveis funcionais (velocidade de marcha variando entre 0,3 a 1,4m/s).

Ademais, o fato de terem sido considerados apenas indivíduos na fase crônica após o AVE impede que os resultados observados sejam extrapolados para indivíduos nas fases aguda ou subaguda da lesão, ou ainda para indivíduos com diferentes características.

Finalmente, demais atividades com diferentes demandas metabólicas, como subir e descer escadas e atividades utilizando os membros superiores poderiam ter sido consideradas no presente estudo, por também serem consideradas atividades físicas. Porém optou-se por priorizar a atividade de marcha uma vez que, mudanças na deambulação estão entre as principais causas de dependência física para essa população (MASIERO *et al.*, 2007), sendo considerada uma atividade de extrema importância para indivíduos pós-AVE.

5.2 Conclusão

Os resultados observados no presente estudo permitem concluir que as variáveis de atividade física fornecidas pelo acelerômetro convencional *ActiGraph* GT3X não se mostraram ser adequadas para se avaliar e/ou monitorar a atividade física de indivíduos pós-AVE crônicos durante a marcha rápida no solo. Isso porque as variáveis fornecidas pelo acelerômetro, como o número de passos, o GE e seus dados brutos mensurados nos eixos AP e VT, não apresentaram associações ou concordância com as medidas de critérios estabelecidas.

Já o aplicativo de celular Google Fit apresentou resultados promissores, uma vez que uma das variáveis de atividade física fornecidas pelo dispositivo demonstrou boa associação e excelente concordância com a medida de critério. O número de passos estimado pelo aplicativo demonstrou ser uma medida válida para se avaliar e monitorar o nível de atividade física de indivíduos pós-AVE crônicos, enquanto o GE, por sua vez, teve resultados similares ao observado no *ActiGraph* GT3X.

Tais resultados demonstram a necessidade do desenvolvimento de equações de predição do GE específicas para indivíduos pós-AVE crônicos.

REFERÊNCIAS

ACTIGRAPH, LLC ENGINEERING/MARKETING. *ActiLife Users Manual*. Pensacola: 2008.

AGIOVLASITIS, S.; MOTL, R.W.; FERNHALL, B. Prediction of oxygen uptake during level treadmill walking in people with multiple sclerosis. *J Rehabil Med*. n. 42, p. 650-655, 2010.

ASHE, M.C.; MILLER, W.; ENG, J.J.; NOREAU, L.; PHYSICAL ACTIVITY AND CHRONIC CONDITIONS RESEARCH TEAM. Older adults, chronic disease and leisure-time physical activity. *Gerontology*. v . 55, n. 1, p. 64-72, 2009.

BERTOLUCCI, P.H.F.; BRUCKI, S.M.D.; CAMPACCI, S.R.; JULIANO,Y. O Mini-Exame do Estado Mental em uma população geral impacto da escolaridade. *Arq. Neuropsiquiatr*. v. 52, n. 1, p. 1-7, 1994.

BILLINGER,S.; ARENA, R.; BERNHARDT, J.; ENG, J.J.; FRANKLIN, B.A.; JOHNSON, C.M.; *et al.* Physical Activity and Exercise Recommendations for Stroke Survivors: A statement for healthcare professionals from the American Heart Association/American Stroke Association. *Stroke*. v. 45, n. 8, p. 2532-2553, 2014.

BOHANNON, R.W.; SMITH, M.B. Inter-rater reliability of a Modified Ashworth Scale muscle spasticity. *Phys Ther.* v. 67, n. 2, p. 206-207, 1987.

BORNSTEIN, D.B.; BEETS, M.W.; BYUN, W.; WELK, G.; BOTTAI, M.; DOWDA, M.; *et al.* Equating accelerometer estimates of moderate-to-vigorous physical activity: In search of the Rosetta Stone. *Journal of Science and Medicine in Sport*. v. 14, n. 5, p. 404-410, 2011.

BRANDES, M.; VAN HEES, V.T.; HANNÖVER, V.; BRAGE, S. Estimating energy expenditure from raw accelerometry in three types of locomotion. *Medicine & Science in Sports & Exercise*. v. 44, n. 11, p. 2235-2242, 2012.

BRITTO, R.R.; SOUZA, L.A.P. Six minute walk test: A Brazilian Standardization. *Fisioterapia em Movimento*. v. 18, n. 4, p. 49-54, 2006.

BRITTO, R.R.; PROBST, V.S.; DORNELAS DE ANDRADE, A.F.; SAMORA, G.A.R;HERNANDES, N.A.;MARINHO, P.E.M.; *et al.* Reference equations for the six-minute walk distance based on a Brazilian multicenter study. *Brazilian Journal of Physical Therapy.* v. 17, n. 6, p. 556-563, 2013.

BUONANI, C.; ROSA, C.S.C.; DINIZ, T.A.; CHRISTOFARO, D.G.D.; MONTEIRO, H.L.; ROSSI, F.E.; *et al.*Prática de atividade física e composição corporal em mulheres na menopausa. *Rev Bras Ginecol Obstet*. v. 35, n. 4, p. 153-158, 2013.

CAPELA, N.A.; LEMAIRE, E.D.; BADDOUR, N. Feature selection for wearable smartphone-based human activity recognition with able bodied, elderly, and stroke patients.*PLoS ONE*. v. 10, n. 4, p. 1-18, 2015.

CASE, B.A.; BURWICK, H.A.; VOLPP, K.G.; PATEL, M.S. Accuracy of Smartphone Applications and Wearable Devices for Tracking Physical Activity Data. *JAMA*. v. 313, n. 6, p. 625-626, 2015.

CHEN, K.Y.; BASSETT JR, D.R. The technology of accelerometry-based activity monitors: Current and future. *Med. Sci. Sports Exerc.* v. 37, n. 11, p. S490-S500, 2005.

CHEN, M.D.; RIMMER, J.H. Effects of exercise on quality of life in stroke survivors: a meta-analysis. *Stroke.* v. 42, n. 3, p. 832-837, 2011.

COUTINHO-MYRRHA, M.A.; DIAS, R.C.; FERNANDES, A.A.; ARAÚJO, C.G.; HLATKY, M.A.; PEREIRA, D.G.;*et al.* Duke Activity Status Index em Doenças Cardiovasculares: Validação de Tradução em Português. *Arq Bras Cardiol*. v. 102, n. 4, p. 383-390, 2014.

CUMMING, T.B.; TYEDIN, K.; CHURILOV, L.; MORRIS, M.E.; BERNHARDT, J. The effect of physical activity on cognitive function after stroke: a systematic review. *Int Psychogeriatr*. v. 24, n. 4, p. 557-567, 2012.

CORTEX. Installation Manual - MetaSoft® Software.Alemanha, 2010b.

DANKS, K.A.; ROOS, M.A.; MCCOY, D.; REISMAN, D.S. A step activity monitoring program improves real world walking activity post stroke. *Disabil Rehabil*. v. 30, n. 26, p. 2233-2236, 2014.

DI NUBILA, H.B.V.; BUCHALLA, C.M. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. *Rev Bras Epidemiol*. v. 11, n. 2, p. 324-335, 2008.

DORSCH, S.; ADA, L.; CANNING, C.G.; AL-ZHARANI, M.; DEAN, C. The strength of the ankle dorsiflexors has a significant contribution to walking speed in people who can walk independently after stroke: an observational study. *Archives of Physical* Medicine *and Rehabilitation*. v. 93, n. 6, p. 1072-1076, 2012.

ESLIGER, D.W.; PROBERT, A.; GORBER C.S.; LAVIOLETTE M.; TREMBLAY, M.S. Validity of the Actical accelerometer step-count function. *Med Sci Sports Exerc.* v. 39, n. 7, p. 1200-1204, 2007.

FARIA, G.S.; TEIXEIRA-SALMELA, L.F.; POLESE, J.C.Stroke subjects with higher levels of physical activity report lower levels of fatigue. *Phys Med Rehabil Int.* v. 2, n. 3, p. 1036-1041, 2015.

FIGUEIREDO, L.J.; GAFANIZ, A.R.; LOPES, G.; PEREIRA, R. Aplicações de Acelerómetros. 2007. Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2007.

FINESTONE, H.M.; GREENE-FINESTONE, L.S.; FOLEY, N.C.; WOODBURY, M.G. Measuring longitudinally the metabolic demands of stroke patients: resting energy expenditure is not elevated. *Stroke.* v. 34, n. 2, p. 502-507, 2003.

FINI, N.A.; HOLLAND, A.E.; KEATING, J.; SIMEK, J.; BERNHARDT, J. How is physical activity monitored in people following stroke? *Disabil Rehabil*. v. 37, n. 19, p. 1717-1731, 2015.

FLYNN, R.W.; MACWALTER, R.S.; DONEY, A.S. The cost of cerebral ischaemia. *Neuropharmacology*. v. 55, n. 3, p. 250-256, 2008.

FREEDSON, P.S.; MELANSON, E.; SIRAD, J. Calibration of the computer science and applications, Inc. accelerometer. *Med.Sci. Sport Exerc*. v. 30, n. 5, p. 777-781, 1998.

FULK, G.D.; COMBS, S.A.; DANKS, K.A.; NIRIDER, C.D.; RAJA, B.; REISMAN, D.S. Accuracy of 2 activity monitors in detecting steps in people with stroke and traumatic brain injury. *Phys Ther*. v. 94, n. 2, p. 222-229, 2014.

GALLANAGH, S.; QUINN, T.J.; ALEXANDER, J.; WALTERS, M.R. Physical Activity in the Prevention and Treatment of Stroke. *International Scholarly Research Network -ISRN Neurology.* v. 2011, p. 1-10, 2011.

GOODNEY, A.; JUNG. J.; NEEDDHAM, S.; PODURI, S. Dr. Droid: Assisting Stroke Rehabilitation Using Mobile Phones. Mobile Computing, Applications, and Services.1a Ed. Berlim: Springer; 2012. 242p.

POWERS, S.K.; HOWLEY, E.T. Fisiologia do Exercício: Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho. 6a Ed. Barueri: Manole; 2009. 672p.

GORDON, N.F.; GULANICK, M.; COSTA, F.;FLETCHER, G.; FRANKLIN, B.A.; ROTH,E.J.; *et al.* Physical activity and exercise recommendation for stroke survivors: an American Heart Association scientific statement from the Council on Clinical Cardiology, Subcommittee on Exercise, Cardiac Rehabilitation, and Prevention; the Council on Cardiovascular Nursing; the Council on Nutrition, Physical Activity and Metabolism; and the Stroke Council. *Circulation*. v. 109, n. 16, p. 201-241, 2004.

GEBRUERS, N.; VANROY, C.; TRUIJEN, S.; ENGELBORGHS, S.; DE DEYN, P.P. Monitoring of physical activity after stroke: A systematic review of accelerometry-based measures. *Arch Psy Med rehabil.* v. 91, n. 2, p. 288-297, 2010.

GRAVEN, C.; BROCK, K.; HILL, K.; JOUBERT, L. Are rehabilitation and/or care coordination interventions delivered in the community effective in reducing depression, facilitating participation and improving quality of life after stroke? *Disabil Rehabil*. v. 33, n. 17-18, p. 1501-1520, 2011.

HEALY, G.N.; DUNSTAN, D.W.; SALMON, J.; CERIN, E.; SHAW, J.E.; ZIMMET, P.Z.; *et al.* Objective measured light-intensity physical activity is independently associated with 2-h plasma glucose. *Diabetes Care*. v. 30, n. 6, p. 1384-4389, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, QUALIDADEE TECNOLOGIA (INMETRO). Sistema Internacional de Unidades. Primeira edição brasileira da oitava edição do BIPM. Brasília, DF, 2012.

LAWSON, S.; GUO, J.; SMITH, T.; TANG, Z.; FENG, J. Preliminary evaluation of a mobile app for everyday stroke rehabilitation. In.: RESNA/NCART Conference - Townson University, 2012.

LECIÑANA, M.A.;GUTIÉRREZ-FERNÁNDEZ, M.; ROMANO, M.; CANTÚ-BRITO, C.; ARAUZ, A.; OLMOS, L.E.; *et al.* Strategies to improve recovery in acute ischemic stroke patients: Iberoamerican Stroke Group Consensus. *International Journal of Stroke*. v. 9, n. 4, p. 503-513, 2014.

LEE, J.M. Validity of consumer-based physical activity monitors and calibration of smartphone for prediction of physical activity energy expenditure. 2013. Tese (Doutorado) - Iowa State University, 2013.

LEE, J.M.; KIM, Y.; WELK, G.J. Validity of consumer-based physical activity monitors. *Med. Sci. Sports Exerc*. v. 46, n. 9, p. 1840-1848, 2014.

LEVINE, J.A.; EBERHARDT, N.L.; JENSEN, M.D. Role of nonexcercise activity thermogenesis in resistance to fat gain in humans. *Science*. v. 283, n. 5399, p. 212-214, 1999.

MACKO, R.F.; HAEUBER, E.; SHAUGNESSY, M.; COLEMAN, K.L.; BOONE D.A.; SMITH, G.V.; *et al.* Microprocessor-based ambulatory activity monitoring in stroke patients. *Med. Sci. Sports Exerc*. v. 34, n. 3, p. 394-399, 2002.

MAKI, T.; QUAGLIATO, E.M.A.B.; CACHO, E.W.A.; PAZ, L.P.S.; NASCIMENTO, N.H.; INOUE, M.M.E.A.; *et al.* Reliability study on the application of the Fugl-Meyer scale in Brazil. *Braz J Phys Ther*. v. 10, n. 2, p. 177-183, 2006.

MANNS, P.J.; HAENNEL, R.G. SenseWear armband and stroke: Validity of energy expenditure and step count measurement during walking. *Stroke Research and Treatment.* v. 2012, n. 2012, p. 1-8, 2012.

MARTINEZ-GOMEZ, D.; TUCKER, J.; HEELAN, K.A.; WELK, G.J.; EISENMANN, J.C. Associations between sedentary behavior and blood pressure in young children. *Arch Pediatr Adolesc Med.* v. 163, n. 8, p. 724-730, 2009.

MASIERO, S.; AVESANI, R.; ARMANI, M.; VERENA, P.; ERMANI, M. Predictive factors for ambulation in stroke patients in the rehabilitation setting: A multivariate analysis. *Clinical Neurology and Neurosurgery*. v. 109, n. 9, p. 763-769, 2007.

MATTLAGE, A.E.; REDLIN, S.A.; RIPPEE, M.A.; ABRAHAM, M.G.; RYMER, M.M.; BILLINGER, S.A. Use of accelerometers to examine sedentary time on an acute stroke unit. *Journal of Phyisical Therapy*. v. 39, n. 3, p. 166-171, 2015.

MICHAEL, K.M.; ALLEN, J.K.; MACKO, R.F. Reduced ambulatory activity after stroke: the role of balance, gait, and cardiovascular fitness. *Arch Phys Med Rehabil*. v. 86, n. 8, p. 1552-1556, 2005.

MICHAEL, K..; MACKO, R.F. Ambulatory Activity Intensity Profiles, Fitness, and Fatigue in Chronic Stroke. *Top Stroke Rehabil.* v. 14, n. 2, p. 5-12, 2007.

MOORE, A.S.; HALLSWORTH, K.; PLÖTZ, T.; FORD, G.A.; ROCHESTER, L.; TRENELL, M.I. Measuring energy expenditure after stroke: Validation of a portable device. *Stroke*. v. 43, n. 6, p. 1660-1662, 2012.

MOTL, R.W.; SNOOK, E.M.; AGIOVLASITIS, S. Does an accelerometer accurately measure steps taken under controlled conditions in adults with mild multiple sclerosis? *Disabil Health J.* v. 4, n. 1, p. 52-57, 2011.

MOTL, R.W.; SNOOK, E.M.; MCAULEY, E.; SCOTT, J.A.; DOUGLASS, M.L. Correlates of physical activity among individuals with multiple sclerosis. *Ann Behav Med.* v. 32, n. 2, p. 154-161, 2006.

MUDGE, S.; STOTT, N.S.; WALT, S.E. Criterion validity of the StepWatch Activity Monitor as a measure of walkingactivity in patients after stroke. *Arch Phys Med Rehabil*. v. 88, n. 12, p. 1710-1715, 2007.

NASCIMENTO, L.; CAETANO, L.C.; FREITAS, D.C.; MORAIS, T.M.; POLESE, J.C.; TEIXEIRA-SALMELA, L.F. Different instructions during the ten-meter walking test determined significant increases in maximum gait speed in individuals with chronic hemiparesis. *Brazilian Journal of Physical Therapy*. v. 16, n. 2, p. 122-127, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Lisboa, 2004.

PAUL, S.S.; TIEDEMANN, A.; HASSETT, L.M.; RAMSAY, E.; KIRKHAM, C.; CHAGPAR, S.; *et al.* Validity of the Fitbit activity tracker for measuring steps in community-dwelling older adults. *BMJ Open Sport Exerc Med.* v. 1, n. 1, p. *1-5,* 2015.

PLATTS, M.M.; RAFFERTY, D.; PAUL, L. Metabolic cost of overground gait in younger stroke patients and healthy controls. *Med. Sci. Sports Exerc.* v. 38, n. 6, p. 1041-1046, 2006.

POLESE, J.C. Fatores relacionados à atividade física pós Acidente Vascular Encefálico. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

POLESE, J.C.; ADA, L.; PARREIRA, V.F.; FARIA, G.S.; AVELINO, P.; TEIXEIRA-SALMELA, L.F.; *et al.* Test-retest reliability of the cardiorespiratory variables measured with the Metamax 3B during the six-minute walking test after stroke. *Physical Medicine and Rehabilitation – International.* v. 2, n. 1, p. 1028-1032, 2015.

POLESE, J.C.; PINHEIRO, M.B.; FARIA, C.D.; BRITTO, R.R.; PARREIRA, V.F.; TEIXEIRA-SALMELA, L.F. Strength of the respiratory and lower limb muscles and functional capacity in chronic stroke survivors with different physical activity levels. *Braz J Phys Ther*. v. 17, n. 5, p. 487-493, 2013.

PORTNEY, L.G.; WATKINS, M.P. Foundations of clinical research: Application to practice. 3rd ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall; 2008. 892p.

POWERS, S.K.; HOWLEY, E.T. Fisiologia do Exercício: Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho. 6a Ed. Barueri: Manole; 2009. 672p.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C.; GONÇALVES, G.G.P.; BITTENCOURT, N.F.N.; MIRANDA, A.D.; FONSECA, S.T.Aplicação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) na prática clínica do fisioterapeuta.*Rev. bras. fisioter*. v. 9, n. 2, p. 129-136, 2005.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DOENÇAS CEREBROVASCULARES. Disponível em: http://www.sbdcv.org.br/publica_avc.asp. Acesso em: 27 dez. 2016.

SAUNDERS, D.H.; MPHIL, G.C.A.; MEAD, G.E. Physical Activity and Exercise After Stroke: Review of Multiple Meaningful Benefits. *Stroke*. v. 45, n. 12, p. 3472-3747, 2014.

SERRA, M.C.; BALRAJ, E.; DISANZO.B.L.; IVEY, F.M.; HAFER-MACKO, C.E.; TREUTH, M.S.; *et al.* Validating accelerometry as a measure of physical activity and energy expenditure in chronic stroke. *Top Stroke Rehabil*. v. 24, n. 1, p. 1-6, 2016.

TWEEDY, S.M.; TROST, S.G. Validity of accelerometry for measurement of activity in people with brain injury.*Medicine and Science in Sports and Exercise.* v. 37, n. 9, p. 1474-1480, 2005.

ÜSTÜN, T.B.; CHATTERJI, S.; BICKENBACH, J.; KOSTANJSEK, N.; SCHNEIDER, M. The International Classification of Functioning, Disability and Health: a new tool for understanding disability and health. *Desabil Rehabil.* v. 25, n. 11-12, p. 565-571, 2003.

VANROY, C.; VISSERS, D.; CRAS, P.; BEYNE, S.; FEYS, H.; VANLANDEWIJCK, Y.; *et al.* Physical activity monitoring in stroke:

SenseWear Pro2 Activity accelerometer versus Yamax Digi-Walker SW-200 Pedometer. *Desabil Rehabil.* v. 36, n. 20, p. 1695- 1703, 2014.

WARREN, T.Y.; BARRY, V.; HOOKER, S.P.; SUI, X.; CHURCH, T.S.; BLAIR, S.N. Sedentary behaviors increase risk of cardiovascular disease mortality in men. *Med Sci Sports Exerc*. v. 42, n. 5, p. 879-885, 2010.

WASSERMAN, K.;HANSEN, J.; SUE, D.; STRINGER, W.; WHIPP, B. *Principles of Exercise Testing and Interpretation* - Including Pathophysiology and Clinical Applications.4a Ed. Nova Iorque: Lippincott Williams and Wilkins; 2005. 612p.

WANMIN, W.; DASGUPTA, S.; RAMIREZ, E.E.; PETERSON, C.; NORMAN, G.J. Classification accuracies of physical activity using smartphone motion sensors. *J Med Internet Res.* v. 14, n. 5, p. e130, 2012.

WENDEL-VOS, G.C.W.; SCHUIT, A.J.; FESKENS, E.J.; BOSHUIZEN, H.C.; VERSCHUREN, W.M.; SARIS, W.H.; *et al.* Physical activity and stroke. A meta-analysis of observational data. *International Journal of Epidemiology*. v. 33, n. 4, p. 787-798, 2004.

WU, W.; DASGUPTA, S.; RAMIREZ, E.E.; PETERSON, C.; NORMAN, G.J. Classification accuracies of physical activities using smartphone motion sensors. *J Med Internet Res.* v. 14, n. 5, p. e130, 2012.

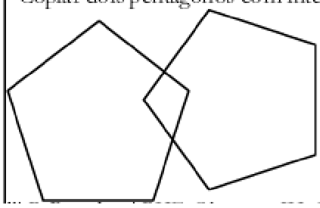
YAVUZER, M.G. Walking after stroke: Interventions to restore normal gait pattern. 2006. Tese (Doutorado) - Erasmus University Rotterdam, 2006.

ZAMPARO, P.; FRANCESCATO, M.P.; DE LUCA, G.; LOVATI, L.; DI PRAMPERO, P.E. The energy cost of level walking in patients with hemiplegia. *Scand J Med Sci Sports*. v. 5, n. 6, p. 348-352, 1995.

ZHANG, M.W.; YEO, L.L.; HO, R.C. Harnessing smartphone technologies for stroke care, rehabilitation and beyond. *BMJ Innov*. v. 1, n. 4, p. 145-150, 2015.

ANEXO I: Escalas e testes utilizados nas avaliações

Mini Exame do Estado Mental

Orientação temporal (5 pontos)	Qual a hora aproximada?
	Em que dia da semana estamos?
	Que dia do mês é hoje?
	Em que mês estamos?
	Em que ano estamos?
Orientação espacial (5 pontos)	Em que local estamos?
	Que local é este aqui?
	Em que bairro nós estamos ou qual é o endereço daqui?
	Em que cidade nós estamos?
	Em que estado nós estamos?
Registro (3 pontos)	Repetir: CARRO, VASO, TIJOLO
Atenção e cálculo (5 pontos)	Subtrair: 100-7 = 93-7 = 86-7 = 79-7 = 72-7 = 65
Memória de evocação (3 pontos)	Quais os três objetos perguntados anteriormente?
Nomear 2 objetos (2 pontos)	Relógio e caneta
REPETIR (1 ponto)	"Nem aqui, nem ali, nem lá"
Comando de estágios (3 pontos)	Apanhe esta folha de papel com a mão direita, dobre-a ao meio e coloque-a no chão
Escrever uma frase completa (1 ponto)	Escrever uma frase que tenha sentido
Ler e executar (1 ponto)	Feche seus olhos
Copiar diagrama (1 ponto)	Copiar dois pentágonos com interseção 

Ashworth Modificada

Grau	Observação clínica
0	Tônus normal.
1	Aumento do tônus no início ou no final do arco de movimento.
1+	Aumento do tônus em menos da metade do arco de movimento, manifestado por tensão abrupta e seguido por resistência mínima.
2	Aumento do tônus em mais da metade do arco de movimento.
3	Partes em flexão ou extensão e movidos com dificuldade.
4	Partes rígidas em flexão ou extensão.

Fugl-Meyer (MMII)

AVALIAÇÃO DA FUNÇÃO MOTORA

TESTE DE FUGL- MEYER

Parte II - Membro Inferior

Identificação
Nome:
Data: Sessão: 1 2 3 4

Lado acometido: Esquerdo O Direito O

I. Atividade Reflexa	0	1	2
Flexores (aquileo)	O		O
Extensores (reflexo rotuliano)	O		O

Total [ ] 4

0: Ausência de reflexos;
2: Presença de reflexos.

II. Sinergias de

Flexão		0	1	2
Coxo-femoral	Flexão	O	O	O
Joelho	Flexão	O	O	O
Tornozelo	Dorsi-flexão	O	O	O

0: Nenhum movimento;
1: Movimento parcialmente realizado;
2: Movimento normal.

Extensão		0	1	2
Coxo-femoral	Extensão	O	O	O
	Adução	O	O	O
Joelho	Extensão	O	O	O
Tornozelo	Flexão Plantar	O	O	O

0: Nenhum movimento;
1: Movimento com pequena resistência;
2: Movimento comparável ao lado bom.

Total [ ] 14

TESTE DE FUGL- MEYER

III. Movimentos combinando a sinergia de flexão e de extensão

	0	1	2
a. Flexão do joelho além de 90°	O	O	O

0: Nenhum movimento
1: Movimento parcial (até 90°)
2: Movimento normal (além de 90°)

b. Dorsi-flexão do tornozelo	O	O	O

0: Nenhum movimento
1: Movimento parcial (amplitude parcial e/ou inversão do tornozelo)
2: Movimento normal (amplitude normal sem inversão do tornozelo)

Total [ ] 4

IV. Movimentos voluntários com pouca ou fora das sinergias

a. Flexão do joelho > 90° sem flexão da coxo-femoral	O	O	O

0: Nenhum movimento
1: Movimento parcial (amplitude parcial e/ou coxo-femoral flexiona)
2: Movimento normal

b. Dorsi-flexão do tornozelo	O	O	O

0: Nenhum movimento
1: Movimento parcial (amplitude parcial e/ou inversão do tornozelo)
2: Movimento normal

Total [ ] 4

TESTE DE FUGL- MEYER

V. Atividade Reflexa Normal

	0	1	2
Aquileo, rotuliano	O	O	O

0: *2 reflexos são hiperativos*
1: *um reflexo hiperativo*
2: *nenhum está hiperativo*

Total [ ] **2**

VI. Coordenação/velocidade (tornozelo-joelho lado oposto, 5 vezes)

a. Tempo para 5 repetições **Esquerda** [ ] **Direita** [ ]

b. Tremor	O	O	O
c. Dismetria	O	O	O

0: *incoordenação marcada*
1: *ligeira incoordenação*
2: *movimento coordenado*

d. Velocidade	O	O	O

0: *6 segundos a mais do que no lado não afetado*
1: *2 _ 5 segundos a mais do que no lado não afetado*
2: *< 2 segundos de diferença*

Total [ ] **6**

Grande total [ ] **34**

Duke Activity Status Index - DASI

Duke Activity Status Index Versão Brasileira Coutinho-Myrrha MA et al			
Você consegue	**Peso (MET)**	**Sim**	**Não**
1. Cuidar de si mesmo, isto é, comer, vestir-se, tomar banho ou ir ao banheiro?	2,75		
2. Andar em ambientes fechados, como em sua casa?	1,75		
3. Andar um quarteirão ou dois em terreno plano?	2,75		
4. Subir um lance de escadas ou subir um morro?	5,50		
5. Correr uma distância curta?	8,00		
6. Fazer tarefas domésticas leves como tirar pó ou lavar a louça?	2,70		
7. Fazer tarefas domésticas moderadas como passar o aspirador de pó, varrer o chão ou carregar as compras de supermercado?	3,50		
8. Fazer tarefas domésticas pesadas como esfregar o chão com as mãos usando uma escova ou deslocar móveis pesados do lugar?	8,00		
9. Fazer trabalhos de jardinagem como recolher folhas, capinar ou usar um cortador elétrico de grama?	4,50		
10. Ter relações sexuais?	5,25		
11. Participar de atividades recreativas moderadas como vôlei, boliche, dança, tênis em dupla, andar de bicicleta ou fazer hidroginástica?	6,00		
12. Participar de esportes extenuantes como natação, tênis individual, futebol, basquetebol ou corrida?	7,50		
Pontuação total: _________			

***Pontuação DASI**: o peso das respostas positivas são somados para se obter uma pontuação total que varia de 0 a 58.2. Quanto maior a pontuação, maior a capacidade funcional.*[1]

ANEXO II – Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 47256815.9.0000.5149

Interessado(a): Profa. Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela
Departamento de Fisioterapia
EEFFTO- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 15 de setembro de 2015, o relatório final do projeto de pesquisa anterior à Plataforma Brasil intitulado **"Comparação do gasto energético predito com o gasto energético real obtido durante a marcha de indivíduos pós-acidente vascular encefálico crônicos com diferentes níveis funcionais".**

Telma Campos Medeiros Lorentz

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz
Coordenadora do COEP-UFMG

Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005 – Cep:31270-901 – BH-MG
Telefax: (031) 3409-4592 - e-mail: coep@prpq.ufmg.br

ANEXO III – Normas de publicação da revista*Disability and Health Journal* (Artigo 1)

Disability and Health Journal

Introduction

Disability and Health Journal is a scientific, scholarly, and multidisciplinary journal for reporting original contributions that advance knowledge in disability and health. Topics may be related to global health, quality of life, and specific health conditions as they relate to disability. Such contributions include reports on:

• Empirical research on the characteristics of persons with disabilities, environment, health outcomes, and determinants of health;
• Systematic or other evidence-based reviews and tightly conceived theoretical interpretations of research literature;
• Evaluative research on new interventions, technologies, and programs;
• Issues or policies affecting the health and/or quality of life for persons with disabilities, using a scientific base.

Disability and Health Journal describes and analyzes health and health related states using conceptual frameworks, including the International Classification of Functioning (ICF), and the social and medical models of disability. The Journal provides a forum for peer reviewed articles that identify, evaluate and promote existing and emerging models of healthcare delivery and/or health promotion that contribute to the improvements of health across the lifespan.

The Journal focuses on individual health, public health, health promotion, health education, wellness, community participation (e.g., employment, recreation, personal relationships and access to services) and tertiary prevention (e.g., rehabilitation, reducing the incidence of secondary conditions).

Types of Articles

Original Research. Original Articles are scientific reports of the results of original epidemiologic (including secondary data analysis) and clinical research. The text is limited to 4000 words (not including abstract, acknowledgments, figure legends, tables, references, and ancillary online-only material), with a structured abstract of 250 words or less (see instructions below for structure), and a maximum of 6 tables and/or figures, and no more than 40 references (unless this is waived by the Editor). Research reports must contain sufficient information to allow readers to understand how a study was designed and conducted, including variable definitions, instruments and other measures, and analytic techniques. We recommend reviewing guidelines and checklists related to specific research at the EQUATOR Network to ensure sufficient detail is provided in the manuscript (http://www.equator-network.org). **NEW**: Submitting a checklist such as that from STROBE is now a requirement for submission (see editorials published in the April 2014 issue). Download the checklist through http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/strobe/, complete it by adding a column that specifies where in the manuscript each component has been followed, and upload it with your submission.

Brief Reports. Brief Reports can provide their results clearly in a shorter format or represent pilot work, small number of subjects (including a case report if it represents a unique circumstance or experience), new methodology, or nonstandardized measurements. The text is limited to 2500 words (not including abstract, acknowledgments, figure legends, tables, references, and ancillary online-only material) and a maximum of 3 tables and/or figures total. A structured abstract of 250 words or less is required (see instructions below for structure).

Evidence-based Review Articles. Review manuscripts are valuable within the relatively new but growing field of Disability and Health, and DHJO welcomes such submissions. DHJO supports the international agenda to advance review research that provides knowledge synthesis about the present state of research, gaps in research or implementation, evidence to support or change practice, and guidance for policy. There are many types of reviews,[1-3] and the body of science and protocols to inform effective reviews is increasing.[4-11] Literature or narrative reviews that cite multiple references found through a library search are not considered evidence-based reviews. Clear definitions and specific criteria for rating articles are important for the users of the review articles, be they researchers, clinicians, policy-makers, or consumers.[7] To provide consistency and to maintain the expectations of our readers, DHJO has developed more specific guidance for authors.

At a minimum, the submission should include the following key components:

- A manuscript title that reflects the review type
- Clear definition of the review aims and the reason the review type was chosen[6]
- Systematized search/selection process description
- Flowchart of search/selection process
- Appraisal of the articles at some level (recognizing inherent difficulties)[4,9-13] and acknowledging the biases within studies with appropriate descriptions
- Table of selected and reviewed articles (including extracted data) with some organization based on study design, condition, utility, or other relevant factor
- Table (may be the same Table as above) that includes a summary of articles' elements: research design, sample size, study method, and statistical approach as appropriate
- Additional tables or graphs may portray reference to unifying concepts and underlying framework; narrative reporting of results should summarize the findings related to study aims or other defined concepts
- Interpretation of results in the Discussion should consider quality, strength of evidence, applicability, relevance to stakeholders, support/refutation in existing literature, and limitations
- Whenever possible a rating system should be used to quantify the importance of each manuscript in the final review
- Conclusions should be carefully derived

A structured abstract of 250 words or less is required (see instructions below). The text is limited to a maximum of 5000 words of text (not including abstract, acknowledgments, figure legends, tables, references, and ancillary online-only material), with no more than a total of 6 tables and/or figures.

Systematic reviews must have PRISMA[4] completed and submitted. If Tables of selected articles are large/long, they may be published as ancillary online-only appendices.

1. Grant MJ & Booth A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Info Libr J*. 26: 91-108.
2. Hartling L, Vandermeer B, Fernandes RM. (2014). Systematic reviews, overviews of reviews and comparative effectiveness reviews: a discussion of approaches to knowledge synthesis. *Evid.-Based Child Health* 9: 486-494.
3. Whittemore R, Chao A, Jang M, Minges KE, Park C. (2014). Methods for knowledge synthesis: an overview. *Heart & Lung*. 43 (2014) 453-461.
4. EQUATOR Network. http://www.equator-network.org/ Last accessed April 28, 2016.
5. stlund U, Kidd L, Wengstrm Y, Rowa-Dewar N. (2011). Combining qualitative and quantitative research within mixed method research designs: A methodological review. *Int J Nurs Stud* 48: 369-383.
6. Gough D, Thomas J, Oliver S. (2012). Clarifying differences between review designs and methods. *Systematic Reviews*. 1:28.
7. Colquhoun HL, Levac D, O'Brien KK, Straus SE, Tricco AC, *et al.* (2014). Scoping reviews: time for clarity in definition, methods, and reporting. *J Clin Epidemiol.* 67:1291-1294.
8. Peters MD, Godfrey CM, Khalil H, McInerney P, Parker D, Soares CB. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *Int J Evid Based Healthc*. 13(3):141-146.
9. Khalil H, Peters M, Godfrey CM, McInerney P, Soares CB *et al.* (2016). An evidence-based approach to scoping reviews.*Worldviews on Evidence-Based Nursing*, 2016; 13:2, 118-123.
10. Tricco AC, Lillie E, Zarin W, O'Brien K, Colquhoun H, *et al.* (2016). A scoping review on the conduct and reporting of scoping reviews. *BMC Med Research Method*. 16:15.
11. Tricco AC, Tetzlaff J, Moher D. (2011). The art and science of knowledge synthesis. *J of Clin Epi*. 64:11-20.
12. Crowe M & Sheppard L. (2011).A review of critical appraisal tools show they lack rigor: alternative tool structure is proposed. *J Clin Epidemiol* 64: 79-89.
13. Tabak RG, Khoong EC, Chambers D, Brownson RC (2012).Bridging research and practice: models for dissemination and implementation research. *Am J Prev Med*. 43(3): 337-350.

Commentary. Manuscripts are editor-solicited or negotiated after correspondence with Editors.

Topics relate to articles within the issue, timely perspectives on emerging issues in the field, or opinions and judgments on trends or new perceptions. Presentations may cover such areas as policy, ethics, current events, or controversies. A point/counterpoint format would also be of interest. The text is limited to a maximum of 3000 words of text (not including abstract and references). It is expected that there will be references to support the manuscript content. An Abstract that is a brief narrative summary without subheadings that does not exceed 150 words is required.

Authors wishing to submit an unsolicited Commentary should send proposals with a brief, 250-word synopsis of the planned Commentary to disabilityandhealthjnl@gmail.com for pre-submission approval by the Editors. Authors of approved proposals will receive instructions for submission from the Editorial Office.

Editorial. Editorials are solicited by the Editors.

Letters to the Editor. Letters discussing a recently published article in the Journal should be received within 4 weeks of the article's publication. The text is limited to a maximum of 500 words of text, one table and/or figure, and 5 references; no abstract is needed. Ensure that the article about which you are writing is included in the list of references. Letters not meeting these specifications are generally not considered.

Before You Begin

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Human and animal rights

If the work involves the use of human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans; Uniform Requirements for manuscripts submitted to Biomedical journals. Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed.

All animal experiments should comply with the ARRIVE guidelines and should be carried out in accordance with the U.K. Animals (Scientific Procedures) Act, 1986 and associated guidelines, EU Directive 2010/63/EU for animal experiments, or the National Institutes of Health guide for the care and use of Laboratory animals (NIH Publications No. 8023, revised 1978) and the authors should clearly indicate in the manuscript that such guidelines have been followed.

Conflict of Interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://service.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/supporthub/publishing.

Disability and Health Journal requires all authors to provide full disclosure of any and all relevant financial interests. Further, we require all authors of all types of articles (including letters) to specify the nature of potential conflicts of interest, financial or otherwise. This disclosure includes direct or indirect financial or personal relationships, interests, and affiliations relevant to the subject matter of the manuscript that have occurred over the last two years, or that are expected in the foreseeable future. This disclosure includes, but is not limited to, grants or funding, employment, affiliations, patents (in preparation, filed, or granted), inventions, honoraria, consultancies, royalties, stock options/ownership, or expert testimony. This policy of full disclosure is similar to the policies of the International Committee of Medical Journal Editors, the *Journal of the American Medical Association*, and other such organizations.

Conflict of interest statements must be included on the Title Page at the time of submission for all article types. If an author has no conflicts of interest to declare, this must be explicitly stated. Authors should err on the side of inclusion when in doubt.

The corresponding author will be required to indicate that this information has been fully included in the manuscript at the time of submission. In addition, corresponding authors are required to acknowledge that the conflict of interest disclosures are complete for both themselves and their co-authors, to the best of their knowledge. Omission of relevant information may lead to rejection of the submission at any stage in the process.

Except where explicitly stated otherwise, *Disability and Health Journal* conforms to the guidelines set forth by the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE). See Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: Writing and Editing for Biomedical Publication (February 2006); available at http://icmje.org

Submission declaration

Manuscripts that are disseminated prior to acceptance by the *Disability and Health Journal* will not be considered for publication. Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere including electronically in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the copyright-holder.

Previous presentation of abstracts at meetings regarding the research is acceptable but should be noted on the title page. For copyrighted and/or previously published material (including figures or tables) that is duplicated in the submission, written, signed permissions from the copyright holder must be uploaded at time of submission.

Authorship

All persons designated as authors should qualify for authorship. Each author should have participated sufficiently in the work to take public responsibility for the content. The corresponding author affirms that he or she had access to all data from the study, both what is reported and what is unreported, and also that he or she had complete freedom to direct its analysis and its reporting, without influence from sponsors. The corresponding author also affirms that there was no editorial direction or censorship from the sponsors. Preparation of drafts of manuscripts by employees of the sponsor who are not listed as authors is expressly prohibited.

Authorship credit should be based on substantial contributions to: (1) conception and design or analysis and interpretation of data; (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content; and (3) final approval of the version to be submitted/published. All three conditions must be met. Participation solely in the acquisition of funding or the collection of data does not justify authorship. General supervision of the research group is also not sufficient. Any part of an article critical to its main conclusions must be the responsibility of at least one author.

Only those with key responsibility for the material in the article should be listed as authors; others contributing to the work should be recognized in the Acknowledgement section. Editors may require authors to justify the assignment of authorship. For more information about considerations related to authorship, please see http://icmje.org/ethical_1author.html.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.
Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights
As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: open access and subscription.

For subscription articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a "Journal Publishing Agreement" (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a "Journal Publishing Agreement" form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier

has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For open access articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an "Exclusive License Agreement" (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights
As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:
Subscription articles please see http://www.elsevier.com/journal-authors/author-rights-and-responsibilities.
Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding Body Agreements and Policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the Open Access Publication Fee. Details of existing agreements are available online.
After acceptance, open access papers will be published under a noncommercial license. For authors requiring a commercial CC BY license, you can apply after your manuscript is accepted for publication.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse.
• An open access publication fee is payable by authors or on their behalf, e.g. by their research funder or institution.
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs.
• No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)

For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is **USD 1350**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: https://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information. Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and it begins from the date the article is formally published online in its final and fully citable form. Find out more.

This journal has an embargo period of 12 months.

Elsevier Publishing Campus

The Elsevier Publishing Campus (www.publishingcampus.com) is an online platform offering free lectures, interactive training and professional advice to support you in publishing your research. The College of Skills training offers modules on how to prepare, write and structure your article and explains how editors will look at your paper when it is submitted for publication. Use these resources, and more, to ensure that your submission will be the best that you can make it.

Language (usage and editing services)

As needed, please have your work reviewed by a colleague for whom English is a first language, or visit http://webshop.elsevier.com/languageservices for other resources. Submissions may be rejected if the grammar and spelling errors are significant enough to detract from the content of the manuscript.

For general guidelines about disability-appropriate language, please see http://www.txddc.state.tx.us/resources/publications/pfanguage.asp.

Permissions

If any material has been published previously (figure, tables, etc), provide written permission from the copyright holder to use such material. Authors are responsible for obtaining permission and payment of any fees associated with reuse. For more information, see the Permissions FAQ for Authors. For assistance, please contact Elsevier's Permissions Helpdesk: +1-800-523-4069 x3808; +1-215-239-3805; permissionshelpdesk@elsevier.com.

Signed written permissions are also needed from persons named in the Acknowledgments and from the patient or legal guardian for publication of recognizable photographs, if any.

Informed consent and patient details

Patients have a right to privacy that should not be infringed without informed consent. Identifying information, including patients' names, initials, or hospital numbers, should not be published in written descriptions, photographs, and pedigrees unless the information is essential for scientific purposes and the patient (or parent or guardian) gives written informed consent for publication. Informed consent for this purpose requires that a patient who is identifiable be shown the manuscript to be published.

Identifying details should be omitted if they are not essential. Complete anonymity is difficult to achieve, however, and informed consent should be obtained if there is any doubt. For example, masking the eye region in photographs of patients is inadequate protection of anonymity. If identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic pedigrees, authors should provide assurance that alterations do not distort scientific meaning and editors should so note. Upload written, signed permissions from the patient or legal guardian for publication of recognizable photographs at the time of submission.

When reporting experiments on human subjects, authors should indicate whether the procedures followed were in accordance with the ethical standards of the responsible committee on human experimentation (institutional and national) and with the Helsinki Declaration of 1975, as revised in 2000. If doubt exists whether the research was conducted in accordance with the Helsinki Declaration, the authors must explain the rationale for their approach, and demonstrate that the institutional review body explicitly approved the doubtful aspects of the study. When reporting experiments on animals, authors should be asked to indicate whether the institutional and national guide for the care and use of laboratory animals was followed.

Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed consent, which should be documented in the paper. Appropriate consents, permissions and releases must be obtained where an author wishes to include case details or other personal information or images of patients and any other individuals in an Elsevier publication. Written consents must be retained by the author and copies of the consents or evidence that such consents have been obtained must be provided to Elsevier on request. For more information, please review the *Elsevier Policy on the Use of Images or Personal Information of Patients or other Individuals*, http://www.elsevier.com/patient-consent-policy. Unless you have written permission from the patient (or, where applicable, the next of kin), the personal details of any patient included in any part of the article and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission.

Submission

All manuscripts should be submitted to *Disability and Health Journal* via our online manuscript submission and peer review system at http://ees.elsevier.com/dhjo. Additional instructions about the electronic submission process are available at the website. If authors experience any difficulty during the submission process or require any assistance, please visit our Support Center.

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts source files to a single PDF file of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF files at submission for the review process, source files are needed for processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail removing the need for a paper trail.

Submit your article

Please submit your article via http://ees.elsevier.com/dhjo.

Referees

Please submit the names, addresses and e-mail addresses of three potential reviewers. Note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.

As a general rule, two independent reviewers evaluate each manuscript. On occasion, the editor will request an additional review for statistical adequacy, methodology evaluation, or for other reasons.

Disability and Health Journal excludes reviewers who work in the same department or unit of an institution as any author, or those who have any other obvious conflict of interest. The identity of individual reviewers remains confidential to all parties except the Editorial Office.

Authors should be aware that manuscripts might be returned without outside review when the Editors deem that the paper is of insufficient general interest for the readership of *Disability and Health Journal* or that the scientific priority is such that is unlikely to receive favorable reviews. Editorial rejection is done to speed up the editorial process and to allow the authors more time to promptly submit manuscripts elsewhere. All other submissions (with the general exceptions of Editorials and Correspondence) will be subject to peer review.

Preparation

Use of Word Processing Software

NEW: At initial submission, the manuscript file (without author identifying information) may be submitted as a single Word or PDF file, including references, figure legends, figures, and tables; the Title Page with author identifying information must be uploaded separately. All manuscript components need to be included to allow for evaluation of your manuscript. If the editors determine that the work is potentially publishable, source files of the manuscript, figures, and tables will be required as well as other submission elements such as permissions as needed (see below). Include a cover letter and a title page with counts as specified below. Authors are urged to use appropriate guidelines when preparing a manuscript (http://www.equator-network.org), and completion of a guideline checklist is now required for original research submissions. Please note that most manuscripts submitted to *Disability and Health Journal* will likely use the STROBE guideline.

For revised manuscripts, it is important that the file be saved in the native format of the wordprocessor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the wordprocessor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the “spell-check” and "grammar-check" functions of your wordprocessor.

Cover Letter

In the cover letter, be sure to state that the manuscript, or any part of it, has not been published and will not be submitted elsewhere for publication while being considered by the journal. If there is *any* overlap between the submission and any other material, published or submitted, detail the nature of and reason for the overlap; as relevant, upload a copy of the other material.

Article Structure

Title page

Please include a separate title page with the full names of authors, degrees, academic or professional affiliation, and complete address, phone number, and e-mail address of the corresponding author. Up to five key words should be indicated on the title page. The title page must include publishable statements of funding or conflicts of interest. Note any previous presentation of abstracts at meetings regarding the research. (See the section on Disclosure of Financial Interests and Potential Conflicts of Interest below for further information.) Acknowledgments (which typically appear before the references) may be placed on the title page to maintain author anonymity.

The title page must include a word count for the abstract, a complete manuscript word count (to include body text and figure legends), number of references, and number of figures/tables. Please see below for the maximum length of submissions by article type.

Essential Title Page Information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• ***Author names and affiliations.*** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a "Present address" (or "Permanent address") may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.
• ***Disclosures.*** Disclosure includes, but is not limited to, grants or funding, employment, affiliations, patents (in preparation, filed, or granted), inventions, honoraria, consultancies, royalties, stock options/ownership, or expert testimony. The conflict of interest statements should be included on the Title Page at the time of submission for all article types. If an author has no conflicts of interest to declare, this must be explicitly stated. Authors should err on the side of inclusion when in doubt. Do not include any conflict of interest statement(s), disclosure(s), and/or financial support information, including donations in the Acknowledgments section.

Abstract

For Original Research, Brief Reports, and Review Articles, abstracts should not exceed 250 words and should be written in the form of:

Background. This is a concise statement of why this research was done, placing it in the context of current knowledge or controversies.

Objective/Hypothesis. This is a clear statement of the precise objective or question addressed in the paper. If a hypothesis was tested, it should be stated.

Methods. The basic design of the study and its duration should be described. The methods used should be stated and the statistical data/methods provided.

Results. The main results of the study should be given in narrative form. Any measurements or other information that may require explanation should be defined. Any important information not included in the presentation of results should be declared. Levels of statistical significance should be indicated, as well as any other factors crucial to the outcome of the study.

Conclusions. Conclusions of the study that are directly supported by the evidence reported should be given along with the clinical application, and speculation about the potential impact on current thinking.

Other article types should have a brief narrative summary without subheadings that does not exceed 150 words.

Subdivision

The manuscript files for Original Research and Brief Reports should be structured with sections entitled and ordered as follows: Abstract, Introduction, Methods, Results, Discussion, Conclusion, Acknowledgements (if not on title page), References, Figure Legends. Please begin sections on separate pages. Acronyms must be spelled out on first use in the text, and where used in tables or figures, in each of their legends/titles/footnotes.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on.

Ancillary Material

Supplementary material, relevant to the work but not critical to support the findings, is made available via links in the online article but not published in print. Ancillary material is not intended for print publication but is available for reviewers and highly interested readers through the Journal's website. Examples include additional lengthy tables, in-depth photographs of scientific methods, or short videos. All such material will be posted exactly as received and should be submitted as intended for viewing.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 5 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, "and", "of"). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Acknowledgments

Although Acknowledgments typically follow the discussion section and precede the reference section, to maintain author anonymity Acknowledgments can be moved to the Title Page. This section should include acknowledgments for personal and technical assistance, individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.). If a research group is listed as an author, then the individual members of the research team should also be named here. Authors should identify individuals who provide writing assistance and disclose the funding source for this assistance.

Acknowledgments must appear in the original submission. If changed during the revision process, the reason must be detailed in the revision notes and point-by-point responses to the reviewers and editors.

Because readers may infer endorsement of the data and conclusions, all persons acknowledged must give written permission for their contribution to be noted in print. It is the corresponding author's responsibility to obtain written permission. Upload written, signed permissions from each person named in the Acknowledgments at the time of submission. (Example available here.)

Source(s) of support, including grants, equipment, drugs, and/or other support that facilitated conduct of the work described in the article or the writing of the article itself, must appear in the disclosures portion on the title page, not in Acknowledgments.

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article, using superscript Arabic numbers. Many wordprocessors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Electronic Artwork

Figures should be numbered in the order of their mention with Arabic numerals (ie, 1, 2, 3); avoid 1a, 1b, 1c numbering; numerical sequence and separate captions are preferred. Figures must be uploaded as separate files in .tif, .eps, or .jpg format. Figure captions must be a separate page within the manuscript file and not included in the figure file(s). Please ensure that the resolution of the figures is sufficient for publication; for example, photographic images should be at least 300 ppi, and line art should be at least 1000 ppi. See below for more information.

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations on a separate page in the manuscript file.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.
• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website: http://www.elsevier.com/artworkinstructions

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color Artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF, JPEG, or EPS and with the correct resolution. If you submit usable color figures, Elsevier will publish these figures in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) at no additional charge regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version.

For color reproduction in print, authors are expected to pay the extra cost associated with reproduction of color illustrations in the print version of the Journal. If the submission is accepted, the publisher will contact you with pricing and instructions for payment.

Illustrations services

Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/illustrationservices) offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image polishing is also available; our illustrators can take your image(s) and work with you to improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure Captions

Ensure that each illustration has a caption. Supply captions on a separate page of the manuscript file, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text with Arabic numerals (ie, 1, 2, 3) and should have brief titles. Do not use 1a, 1b, 1c numbering; numerical sequence and separate captions are preferred. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

Tables must be uploaded as separate files in document format (eg, .doc). Add numbers to each table. Place the title of the table at the top of each table. Footnotes for tables should be indicated by symbols: *, †, ‡, §, ||, ¶, #, **, ††, ‡‡, §§, ||||, ¶¶, etc.

References

References must be listed numerically, corresponding to their order of appearance in the text. Citation in the text is by superscript Arabic numerals. Other than requiring numbered references, there are no strict formatting requirements on the list of references at submission; references can be in any format as long as the format is consistent and the information is correct and complete. If accepted, the reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage.

Citation in Text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either “Unpublished results”or “Personal communication.” Citation of a reference as “in press” indicates that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

A DOI can be used to cite and link to electronic articles where an article is in-press and full citation details are not yet known, but the article is available online. A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela.Journal of Geophysical Research, http://dx.doi.org/10.1029/2001JB000884i. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web References

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given.

References in Special Issue

Please ensure that the words "this issue" are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Data references

This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. This identifier will not appear in your published article. Example: Oguro, M, Imahiro, S, Saito, S, Nakashizuka, T. *Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions*, Mendeley Data, v1; 2015.

Reference management software

Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link:

http://open.mendeley.com/use-citation-style/disability-and-health-journal

When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Supplementary material

Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Submission Checklist

The order of the documents should be as follow:
1. Cover letter, include statements of originality and authorship (see above)
2. Title page, as described above (in .doc format)
3. Manuscript, including abstract, main text, acknowledgements, references, and figure legends (in .doc format)
4. Tables (in .doc format) and/or figures (in .tif, .eps, or .jpg format) in separate files
5.Ancillary information for online only availability
6.Copy of IRB approval and/or permissions, as needed

Authors are required to submit all files in electronic form. Files should be labeled with logically descriptive file names (e.g., "Manuscript.doc." Figure_1.tif). Please note that original source files, not PDF files, are required.

The following list will be useful during the final checking of an article before sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.
Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Phone numbers
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been “spell-checked” and “grammar-checked”
• References are complete and correct
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web), from persons named in the Acknowledgments, and from a patient or legal guardian for publication of recognizable images or descriptions
• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print
• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com/.

After Acceptance

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly "Articles in press" because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*):

http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059

When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Proofs

Authors should carefully check all proofs, as it is their responsibility to see that all errors are corrected and queries answered. The authors have final responsibility for the accuracy of the publication.

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our ProofCentral system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.

If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please upload all of your corrections within 48 hours. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility. Note that Elsevier may proceed with the publication of your article if no response is received.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Corresponding authors who have published their article open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

ANEXO IV – Normas de publicação da revista*Disability and Rehabilitation* (Artigo 2)

Instructions for authors

Thank you for choosing to submit your paper to us. These instructions will ensure we have everything required so your paper can move through peer review, production and publication smoothly. Please take the time to read and follow them as closely as possible, as doing so will ensure your paper matches the journal's requirements. For general guidance on the publication process at Taylor & Francis please visit our Author Services website.

AUTHORSERVICES
Supporting Taylor & Francis authors

SCHOLARONE MANUSCRIPTS™

This journal uses ScholarOne Manuscripts (previously Manuscript Central) to peer review manuscript submissions. Please read the guide for ScholarOne authors before making a submission. Complete guidelines for preparing and submitting your manuscript to this journal are provided below.

Contents list

About the journal

Disability and Rehabilitation is an international, peer reviewed journal, publishing high-quality, original research. Please see the journal's Aims & Scope for information about its focus and peer-review policy.

Please note that this journal only publishes manuscripts in English.

Disability and Rehabilitation accepts the following types of article: Reviews, Research Papers, Case Studies, Perspectives on Rehabilitation, Reports on Rehabilitation in Practice, Education and Training, and Correspondence. Systematic Reviews should be submitted as "Review" and Narrative Reviews should be submitted as "Perspectives in Rehabilitation".

Special Issues and specific sections on contemporary themes of interest to the Journal's readership are published. Please contact the Editor for more information.

Peer review

Taylor & Francis is committed to peer-review integrity and upholding the highest standards of review. For submissions to *Disability and Rehabilitation* authors are given the option to remain anonymous during the peer-review process. Authors will be able to indicate whether their paper is 'Anonymous' or 'Not Anonymous' during submission, and should pay particular attention to the below:

- Authors who wish to remain **anonymous** should prepare a complete text with information identifying the author(s) removed. This should be uploaded as the "Main Document" and will be sent to the referees. A separate title page should be included providing the full affiliations of all authors. Any acknowledgements and the Declaration of Interest statement must be included but should be worded mindful that these sections will be made available to referees.
- Authors who wish to be **identified** should include the name(s) and affiliation(s) of author(s) on the first page of the manuscript. The complete text should be uploaded as the "Main Document".

Once your paper has been assessed for suitability by the editor, it will be peer-reviewed by independent, anonymous expert referees. Find out more about what to expect during peer review and read our guidance on publishing ethics.

Preparing your paper

All authors submitting to medicine, biomedicine, health sciences, allied and public health journals should conform to the Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals, prepared by the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE).

We also refer authors to the community standards explicit in the American Psychological Association's (APA) Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct.

We encourage authors to be aware of standardised reporting guidelines below when preparing their manuscripts:

- Case reports - CARE
- Diagnostic accuracy - STARD
- Observational studies - STROBE
- Randomized controlled trial - CONSORT
- Systematic reviews, meta-analyses - PRISMA

Whilst the use of such guidelines is supported, due to the multi-disciplinary nature of the Journal, it is not compulsory.

Structure

Your paper should be compiled in the following order: title page; abstract; keywords; main text, introduction, materials and methods, results, discussion; acknowledgments; declaration of interest statement; references; appendices (as appropriate); table(s) with caption(s); figures; figure captions (as a list).

In the main text, an introductory section should state the purpose of the paper and give a brief account of previous work. New techniques and modifications should be described concisely but in sufficient detail to permit their evaluation. Standard methods should simply be referenced. Experimental results should be presented in the most appropriate form, with sufficient explanation to assist their interpretation; their discussion should form a distinct section.

Tables and figures should be referred to in text as follows: figure 1, table 1, i.e. lower case. The place at which a table or figure is to be inserted in the printed text should be indicated clearly on a manuscript. Each table and/or figure must have a title that explains its purpose without reference to the text.

The title page should include the full names and affiliations of all authors involved in the preparation of the manuscript. The corresponding author should be clearly designated, with full contact information provided for this person.

Word count

Please include a word count for your paper. There is no word limit for papers submitted to this journal, but succinct and well-constructed papers are preferred.

Style guidelines

Please refer to these style guidelines when preparing your paper, rather than any published articles or a sample copy.

Please use any spelling consistently throughout your manuscript.

Please use double quotation marks, except where "a quotation is 'within' a quotation". Please note that long quotations should be indented without quotation marks.

For tables and figures, the usual statistical conventions should be used.

Drugs should be referred to by generic names. Trade names of substances, their sources, and details of manufacturers of scientific instruments should be given only if the information is important to the evaluation of the experimental data.

Formatting and templates

Papers may be submitted in any standard format, including Word and LaTeX. Figures should be saved separately from the text. To assist you in preparing your paper, we provide formatting template(s).

Word templates are available for this journal. Please save the template to your hard drive, ready for use.

A LaTeX template is available for this journal. Please save the template to your hard drive, ready for use.

If you are not able to use the templates via the links (or if you have any other template queries) please contact authortemplate@tandf.co.uk

References

Please use this reference guide when preparing your paper. An EndNote output style is also available to assist you.

Checklist: what to include

1. **Author details**. Please ensure everyone meeting the International Committee of Medical Journal Editors (ICJME) requirements for authorship is included as an author of your paper. Please include all authors' full names, affiliations, postal addresses, telephone numbers and email addresses on the cover page. Where available, please also include ORCiDs and social media handles (Facebook, Twitter or LinkedIn). One author will need to be identified as the corresponding author, with their email address normally displayed in the article PDF (depending on the journal) and the online article. Authors' affiliations are the affiliations where the research was conducted. If any of the named co-authors moves affiliation during the peer-review process, the new affiliation can be given as a footnote. Please note that no changes to affiliation can be made after your paper is accepted. Read more on authorship.
2. A structured **abstract** of no more than 200 words. A structured abstract should cover (in the following order): the *purpose* of the article, its *materials and methods* (the design and methodological procedures used), the *results* and conclusions (including their

relevance to the study of disability and rehabilitation). Read tips on writing your abstract.

3. You can opt to include a **video abstract** with your article. Find out how these can help your work reach a wider audience, and what to think about when filming.
4. 5-8 **keywords**. Read making your article more discoverable, including information on choosing a title and search engine optimization.
5. A feature of this journal is a boxed insert on **Implications for Rehabilitation**. This should include between two to four main bullet points drawing out the implications for rehabilitation for your paper. This should be uploaded as a separate document. Below are examples:
   Example 1: Leprosy
   - Leprosy is a disabling disease which not only impacts physically but restricts quality of life often through stigmatisation.
   - Reconstructive surgery is a technique available to this group.
   - In a relatively small sample this study shows participation and social functioning improved after surgery.

   Example 2: Multiple Sclerosis

   - Exercise is an effective means of improving health and well-being experienced by people with multiple sclerosis (MS).
   - People with MS have complex reasons for choosing to exercise or not.
   - Individual structured programmes are most likely to be successful in encouraging exercise in this cohort.
6. **Acknowledgement**. Please supply all details required by your funding and grant-awarding bodies as follows: *For single agency grants*: This work was supported by the under Grant . *For multiple agency grants*: This work was supported by the under Grant ; under Grant ; and under Grant .
7. **Declaration of Interest**. This is to acknowledge any financial interest or benefit that has arisen from the direct applications of your research. Further guidance on what is a declaration of interest and how to disclose it.
8. **Supplemental online material.** Supplemental material can be a video, dataset, fileset, sound file or anything which supports (and is pertinent to) your paper. We publish supplemental material online via Figshare. Find out more about supplemental material and how to submit it with your article.
9. **Figures.** Figures should be high quality (1200 dpi for line art, 600 dpi for grayscale and 300 dpi for colour). Figures should be saved as TIFF, PostScript or EPS files.
10. **Tables.** Tables should present new information rather than duplicating what is in the text. Readers should be able to interpret the table without reference to the text. Please supply editable files.
11. **Equations**. If you are submitting your manuscript as a Word document, please ensure that equations are editable. More information about mathematical symbols and equations.
12. **Units.** Please use SI units (non-italicized).

Using third-party material in your paper

You must obtain the necessary permission to reuse third-party material in your article. The use of short extracts of text and some other types of material is usually permitted, on a limited basis, for the purposes of criticism and review without securing formal permission. If you wish to include any material in your paper for which you do not hold copyright, and which is not covered by this informal agreement, you will need to obtain written permission from the copyright owner prior to submission. More information on requesting permission to reproduce work(s) under copyright.

Declaration of Interest Statement

Please include a declaration of interest statement, using the subheading "Declaration of interest." If you have no interests to declare, please state this (suggested wording: *The authors report no conflicts of interest*). For all NIH/Wellcome-funded papers, the grant number(s) must be included in the disclosure of interest statement. Read more on declaring conflicts of interest.

Clinical Trials Registry

In order to be published in a Taylor & Francis journal, all clinical trials must have been registered in a public repository at the beginning of the research process (prior to patient enrolment). Trial registration numbers should be included in the abstract, with full details in the methods section. The registry should be publicly accessible (at no charge), open to all prospective registrants, and managed by a not-for-profit organization. For a list of registries that meet these requirements, please visit the WHO International Clinical Trials Registry Platform (ICTRP). The registration of all clinical trials facilitates the sharing of information among clinicians, researchers, and patients, enhances public confidence in research, and is in accordance with the ICMJE guidelines.

Complying with ethics of experimentation

Please ensure that all research reported in submitted papers has been conducted in an ethical and responsible manner, and is in full compliance with all relevant codes of experimentation and legislation. All papers which report *in vivo* experiments or clinical trials on humans or animals must include a written statement in the Methods section. This should explain that all work was conducted with the formal approval of the local human subject or animal care committees (institutional and national), and that clinical trials have been registered as legislation requires. Authors who do not have formal ethics review committees should include a statement that their study follows the principles of the Declaration of Helsinki.

Consent

All authors are required to follow the ICMJE requirements on privacy and informed consent from patients and study participants. Please confirm that any patient, service user, or participant (or that person’s parent or legal guardian) in any research, experiment, or clinical trial described in your paper has given written consent to the inclusion of material pertaining to themselves, that they acknowledge that they cannot be identified via the paper; and that you have fully anonymized them. Where someone is deceased, please ensure you have written consent from the family or estate. Authors may use this Patient Consent Form, which should be completed, saved, and sent to the journal if requested.

Health and safety

Please confirm that all mandatory laboratory health and safety procedures have been complied with in the course of conducting any experimental work reported in your paper. Please ensure your paper contains all appropriate warnings on any hazards that may be involved in carrying out the experiments or procedures you have described, or that may be involved in instructions, materials, or formulae.

Please include all relevant safety precautions; and cite any accepted standard or code of practice. Authors working in animal science may find it useful to consult the International Association of Veterinary Editors' Consensus Author Guidelines on Animal Ethics and Welfare and Guidelines for the Treatment of Animals in Behavioural Research and Teaching. When a product has not yet been approved by an appropriate regulatory body for the use described in your paper, please specify this, or that the product is still investigational.

Submitting your paper

This journal uses This journal uses ScholarOne to manage the peer-review process. If you haven't submitted a paper to this journal before, you will need to create an account in the submission centre. Please read the guidelines above and then submit your paper in the relevant Author Centre, where you will find user guides and a helpdesk.

If you are submitting in LaTeX, please convert the files to PDF beforehand (you will also need to upload your LaTeX source files with the PDF).

Please note that *Disability and Rehabilitation* uses Crossref™ to screen papers for unoriginal material. By submitting your paper to *Disability and Rehabilitation* you are agreeing to originality checks during the peer-review and production processes.

The Editor of *Disability and Rehabilitation* will respond to appeals from authors relating to papers which have been rejected. The author(s) should email the Editor outlining their concerns and making a case for why their paper should not have been rejected. The Editor may choose to accept the appeal and secure a further review, or to not uphold the appeal. In case of the latter, the Editor of *Disability and Rehabilitation: Assistive Technology* will be consulted.

On acceptance, we recommend that you keep a copy of your Accepted Manuscript. Find out more about sharing your work.

Publication charges

There are no submission fees or page charges for this journal.

Color figures will be reproduced in color in your online article free of charge. If it is necessary for the figures to be reproduced in color in the print version, a charge will apply.

Charges for color figures in print are £250 per figure ($395 US Dollars; $385 Australian Dollars; €315). For more than 4 colour figures, figures 5 and above will be charged at £50 per figure ($80 US Dollars; $75 Australian Dollars; €63). Depending on your location, these charges may be subject to local taxes.

Copyright options

Copyright allows you to protect your original material, and stop others from using your work without your permission. Taylor & Francis offers a number of different license and reuse options, including Creative Commons licenses when publishing open access. Read more on publishing agreements.

Complying with funding agencies

We will deposit all National Institutes of Health or Wellcome Trust-funded papers into PubMedCentral on behalf of authors, meeting the requirements of their respective open access (OA) policies. If this applies to you, please tell our production team when you receive your article proofs, so we can do this for you. Check funders' OA policy mandates here. Find out more about sharing your work.

Open access

This journal gives authors the option to publish open access via our Open Select publishing program, making it free to access online immediately on publication. Many funders mandate publishing your research open access; you can check open access funder policies and mandates here.

Taylor & Francis Open Select gives you, your institution or funder the option of paying an article publishing charge (APC) to make an article open access. Please contact openaccess@tandf.co.uk if you would like to find out more, or go to our Author Services website.

For more information on license options, embargo periods and APCs for this journal please go here.

My Authored Works

On publication, you will be able to view, download and check your article's metrics (downloads, citations and Altmetric data) via My Authored Works on Taylor & Francis Online. This is where you can access every article you have published with us, as well as your free eprints link, so you can quickly and easily share your work with friends and colleagues.

We are committed to promoting and increasing the visibility of your article. Here are some tips and ideas on how you can work with us to promote your research.

Article reprints

For enquiries about reprints, please contact the Taylor & Francis Author Services team at reprints@tandf.co.uk. To order a copy of the issue containing your article, please contact our Customer Services team at Adhoc@tandf.co.uk.

Queries

Should you have any queries, please visit our Author Services website or contact us at authorqueries@tandf.co.uk.

Updated May 2016

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Nº_______

Investigadoras: Profª Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, Ph.D.
Giselle Silva e Faria, Mestranda do Programa de Ciências da Reabilitação

TÍTULO DO PROJETO

COMPARAÇÃO DO GASTO ENERGÉTICO PREDITO COM O GASTO ENERGÉTICO REAL OBTIDO DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO CRÔNICOS COM DIFERENTES NÍVEIS FUNCIONAIS

INFORMAÇÕES

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa a ser desenvolvida no Departamento de Fisioterapia da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.Este projeto de pesquisa tem como objetivo comparar a energia gasta durante a caminhada de indivíduos que sofreram derrame, com o que é esperado para esses indivíduos.

Para participar, você será convidado a responder alguns questionários e a realizar a avaliação do quanto você se moveu durante a sua caminhada e dos gases da sua respiração. Isso será feito por meio do uso de um aparelho pequeno colocado em seu tornozelo, um telefone celular colocado em seu bolso e uma máscara muito confortável, ajustada em seu rosto.

DESCRIÇÃO DOS TESTES A SEREM REALIZADOS

Avaliação

Serão coletadas informações específicas para a sua identificação, além de alguns parâmetros clínicos e físicos. A sua capacidade funcional será avaliada a partir do seu desempenho em testes muito utilizados na prática clínica e em estudos científicos. Todos esses testes são constituídos de tarefas que você realiza corriqueiramente no seu dia a dia.

Você realizará ainda uma análise de gases da sua respiração por meio do uso de uma máscara muito confortável e com monitorização contínua da pressão arterial, da frequência cardíaca, do seu grau de cansaço e da saturação de oxigênio durante uma caminhada de cinco minutos. A sua aceleração será medida por dois aparelhos pequenos, sendo o primeiro preso em seu tornozelo por uma fita elástica com velcro, e o segundo, um aparelho celular que será colocado no bolso de sua calça. Você terá um período de descanso entre todas as atividades até que se sinta descansado, e será monitorado também durante o descanso. O tempo utilizado para a realização de todos os testes será de aproximadamente uma hora.

Riscos

Os testes e procedimentos adotados não apresentam riscos específicos, além daqueles presentes no seu dia-a-dia. Durante o teste, você pode vir a sentir-se fadigado. Poderá também ocorrer durante os testes uma respiração mais rápida, sensação de falta de ar ou cansaço nas pernas e o coração bater mais rápido. Estas alterações são normais durante o exercício. O teste será imediatamente interrompido ao seu pedido ou diante de qualquer sinal e sintoma diferente do normal, sendo tomada às providências necessárias. Sua frequência cardíaca e sua pressão arterial serão monitoradas durante todos os testes, e caso você sinta algum desconforto, a SAMU será chamada para prestar atendimento. Qualquer tipo de desconforto vivenciado durante os testes deve ser revelado para que os pesquisadores tomem as devidas providências com o objetivo de minimizá-lo. Você poderá se desequilibrar enquanto caminha. Portanto, todos os testes serão acompanhados por duas pessoas posicionadas ao seu lado.

Benefícios

Você não obterá benefícios imediatos por participar desta pesquisa. Na realidade, você estará contribuindo para a nossa melhor compreensão dos prováveis benefícios da intervenção com atividades aeróbicas. A partir daí, poderemos indicá-las com maior segurança.

Confidencialidade

Você receberá um código que será utilizado em todos os seus testes e não será reconhecido individualmente.

Natureza voluntária do estudo

A sua participação é voluntária e você tem o direito de se retirar por qualquer razão e qualquer momento.

Pagamento

Você não receberá nenhuma forma de pagamento pela participação no estudo. Custos de transporte para o local dos testes e seu retorno poderão, se necessários, ser arcados pelas pesquisadoras.

Depois de ter lido as informações acima, se for de sua vontade participar, por favor, preencha o consentimento abaixo.

DECLARAÇÃO E ASSINATURA

Eu, ____li e entendi toda a informação repassada sobre o estudo, sendo que os objetivos, procedimentos e linguagem técnica satisfatoriamente explicados. Tive tempo suficiente, para considerar as informações acima e tive a oportunidade de tirar todas as minhas dúvidas. Estou assinando este termo voluntariamente e tenho direito de agora, ou mais tarde, discutir qualquer dúvida que venha a ter com relação à pesquisa com:

Giselle Silva e Faria (31) 3334-264 / (31) 8436-8711
Prof. Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela (31) 3409-7403

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (31) 3409-4592
Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627,
Pampulha, BH/MG Campus – UFMG –
Unidade Administrativa II – 2º andar.

Assinando esse termo de consentimento, estou indicando que concordo em participar deste estudo.

_____________________________ _____________________________
Assinatura do Participante Assinatura da Testemunha
Data: ________________________ Data: ________________________

Responsáveis

_____________________________ _____________________________
Giselle Silva e Faria Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela
Pesquisador **Orientadora**

APÊNDICE B–Ficha de Avaliação

FICHA DE AVALIAÇÃO Código: __________

Data: _____________

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome:____

Sexo:____ Idade: __________ Data de nascimento: ____________

Estado civil:___________ Escolaridade:_______________________________

Endereço:____

____

Cidade:________________________________ CEP:___________________

Tel: ______________________________________

Vive com: ( ) Cônjuge ( ) Filhos ( ) Sozinho(a) ( ) Outros______

Ocupação: _____________________________________

Patologias associadas:

____

____

Medicações em uso (nome, dosagem, horário e duração): _______________

____

____

Número de episódios de AVE:_____________ Data do último AVE:____________

Tempo de evolução da doença (meses): ____________________

Hemicorpo acometido: ( )D ( )E Tipo de AVE:__________________

Utiliza DA? _________ Qual?_________________

Pratica atividade física regularmente? ( )não ( )sim

Se sim, que tipo e qual a frequência?__________________________________

____

Praticava atividade física antes do AVE? ( )não ( )sim

Se sim, que tipo e qual a frequência?__________________________________

____

MEEM: _________ DASI:_________

DADOS ANTROPOMÉTRICOS:

Altura:_______________ Peso:________________ IMC:________________

DADOS REPOUSO:

	INICIAL	FINAL
PA		
$SatO_2$		
FC		
Borg		

DADOS FUNCIONAIS:

Força Muscular:

	D	E
Extensores de Joelho		
Flexores Plantares		
Flexores Dorsais		

Tônus de Extensores de Joelho (Ashworth): _____ Fugl-Meyer: ______

Velocidade da Marcha:

	Uso de DA	Tempo
Habitual		
Máxima		

Capacidade de marcha (caminhada):

	INICIAL	FINAL
PA		
$SatO_2$		
FC		
Borg		

Uso de DA	Distância

Número de passos

MINI CURRÍCULUM VITAE

Dados pessoais

Giselle Silva e Faria
Nascimento: 15/01/1988 – Belo Horizonte/MG - Brasil
CPF: 091.977.286-24
Endereço para acessar CV: http://lattes.cnpq.br/8992573925184882

Formação acadêmica/titulação

2015 Mestrado em Ciências da Reabilitação. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil

2014 – 2015 Especialização em Fisioterapia Neurológica Adulto e Infantil.Faculdade de Ciências Médicas (MG), FCMMG, Brasil.

2008 – 2013 Graduação em Fisioterapia. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.

Atuação Profissional

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil

2015 – atual Vínculo institucional:Bolsista
Enquadramento Funcional: Aluna de mestrado
Carga horária: 20
Regime: Dedicação exclusiva.

2014 – 2015 Vínculo: Colaborador
Enquadramento Funcional: Colaboradora em projetos de pósgraduação
Carga horária: 10
Regime: Parcial

2011 – 2013 Vínculo: Bolsista
Enquadramento Funcional: Aluna de iniciação científica
Carga horária: 20
Regime: Dedicação exclusiva.

2011 – 2012 Vínculo: Estagiária voluntária em projeto de extensão
Enquadramento Funcional: Estagiária
Carga horária: 8
Regime: Parcial

2010 – 2011 Vínculo: Bolsista
Enquadramento Funcional: Monitora em Cinesiologia
Carga horária: 20
Regime: Dedicação exclusiva

2009 – 2010 Vínculo:Voluntário
Enquadramento Funcional: Monitora em Cinesiologia
Carga horária: 20

Regime: Parcial

Centro de Ortopedia e Fraturas do Eldorado

2010 – 2010 Vínculo: Estagiária Bolsista
Enquadramento Funcional: Estagiária
Carga horária: 20
Regime: Parcial

Atividades

2015 – atual Pesquisa e desenvolvimento, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Linhas de pesquisa COMPARAÇÃO DO GASTO ENERGÉTICO PREDITO COM O GASTO ENERGÉTICO REAL OBTIDO DURANTE A MARCHA DE INDIVÍDUOS PÓS-ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO CRÔNICOS COM DIFERENTES NÍVEIS FUNCIONAIS.

2012 – 2015 Pesquisa e desenvolvimento, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Linhas de pesquisa AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS METABÓLICOS E CARDIORRESPIRATÓRIOS DE HEMIPLÉGICOS CRÔNICOS DURANTE A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES FUNCIONAIS.

2011 – 2013 Pesquisa e desenvolvimento, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Linhas de pesquisa EFEITOS DA ADIÇÃO DA RESTRIÇÃO DE TRONCO À TERAPIA POR CONTENSÃO INDUZIDA MODIFICADA EM AMBIENTE DOMICILIAR: um ensaio clínico aleatorizado.

2010 – 2011 Pesquisa e desenvolvimento, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Linhas de pesquisa DESEMPENHO MUSCULAR ISOCINÉTICO DO COMPLEXO DO OMBRO DE INDIVÍDUOS COM HEMIPARESIA CRÔNICA.

2010 – 2011 Pesquisa e desenvolvimento, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Linhas de pesquisa PARÂMETROS BIOMECÂNICOS E PERCEPÇÃO DE HEMIPARÉTICOS CRÔNICOS COM O USO DE DISPOSITIVOS AUXILIARES NA MARCHA.

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

FARIA, GISELLE SILVA E; RIBEIRO, TATIANA MOREIRA DOS SANTOS ; VIEIRA, RENATA ALVARENGA ; SILVA, SÍLVIA LANZIOTTI AZEVEDO DA ; DIAS, ROSÂNGELA CORRÊA . Transição entre níveis de fragilidade em idosos no município de Belo Horizonte, Minas Gerais. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 19, p. 335-341, 2016.

POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; BASILIO, M. L. ; FARIA-FORTINI, I. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. .Recruitment rate and retention of stroke subjects in cross-sectional studies.Ciência & Saúde Coletiva, 22(1):255-260, 2017.

FARIA, G. S.; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. ; POLESE, J.C. . Stroke Subjects with

Higher Levels of Physical Activity Report Lower Levels of Fatigue. Physical Medicine and Rehabilitation International, v. 2, p. 1036, 2015.

PRATES, M. V. ; POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; BRITTO, R. R. ; SCIANNI, A. A. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Consumo de oxigênio no repouso, índice de massa corporal e parâmteros metabólicos de hemiparéticos. Revista de Neurociências (EPM. Impresso), v. 23, p. 23-29, 2015.

POLESE, J.C. ; ADA, L. ; FARIA, G. S. ; AVELINO, P. R. ; SCIANNI, A. A. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Percepção de profissionais da saúde acerca de parâmetros e treinamento cardiorrespiratório utilizados na reabilitação pós Acidente Vascular Encefálico. Terapia Manual, v. 11, p. 373-377, 2013.

Textos em jornais de notícias/revistas

PINTO, R. C. ; FREITAS, P. M. M. ; SERVIO, T. ; POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. . Aplicação e equações preditivas para a população brasileira do Teste de Caminhada de 6 minutos. Revista Fisioterapia SER, Editora SER - Rio de Janeiro, p. 55, 01 jan. 2015.

Resumos publicados em anais de congressos

FARIA, G. S.; NASCIMENTO, L.R. ; ADA, L. ; ROCHA, G. M. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . The provision of a cane provided greater benefits to community-dwelling people with chronic stroke who had baseline walking speeds between 0.4 and 0.8 m/s: A randomized, within-participant, experimental study.In: X Congresso Brasileiro de Doenças Cerebrovasculares, 2015, Belo Horizonte. Arquivos de Neuro-psiquiatria. São Paulo-SP: Academia Brasileira de Neurologia, 2015. v. 73. p. 61.

FARIA, G. S.; POLESE, J.C. ; SERVIO, T. ; LIMA, L. ; SOUZA, L. F. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Associação entre o condicionamento cardiorrespiratório e a capacidade funcional de hemiparéticos crônicos. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

FARIA, G. S.; PRATES, M. V. ; POLESE, J.C. ; BRITTO, R. R. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Consumo de oxigênio no repouso, IMC e parâmetros cardiorrespiratórios de hemiparéticos crônicos. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

LIMA, L. ; POLESE, J.C. ; SCIANNI, A. A. ; FARIA, G. S. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Taxa de recrutamento e adesão de hemiparéticos crônicos para um estudo transversal. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

FARIA, G. S.; POLESE, J.C. ; NUNAN, B. ; LIMA, L. ; SCIANNI, A. A. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Hemiparéticos crônicos ativos possuem maiores níveis de capacidade funcional. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; NUNAN, B. ; LIMA, L. ; SOUZA, L. F. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Condicionamento de hemiparéticos crônicos durante o teste de subir e descer escadas. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

LIMA, L. ; ROCHA, G. M. ; POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; SILVA, M. R. ; TEIXEIRA-

SALMELA, L. F. . Associação entre fadiga autorrelatada e níveis de atividade física em hemiparéticos crônicos. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

LIMA, L. ; ROCHA, G. M. ; POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; SILVA, M. R. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. Associação entre fadiga autorrelatada e depressão em hemiparéticos crônicos. In: III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional, 2014, Belo Horizonte.

FARIA, G. S.; SCIANNI, A. A. ; POLESE, J.C. ; ADA, L. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. A intensidade do treino durante as sessões de fisioterapia é incapaz de produzir efeitos cardiorrespiratórios em indivíduos pós-Acidente Vascular Encefálico. In: XXII Semana de Iniciação Científica - UFMG, 2013, Belo Horizonte.

SILVA, P. C. ; ALVARES, L. C. ; RUGGIO, P. ; FARIA, G. S. ; RIBEIRO, K. F. ; SALMELA, L. T. F. ; GOMES, G. C. Alterações do equilíbrio decorrentes da realização de tarefas duplas em idosos: revisão sistemática. In: XVIII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, 2012, Rio de Janeiro. Revista Eletrônica SBGG, 2012.

FARIA, G. S.; LIMA, R.C.M. ; NASCIMENTO, L.R. ; MICHAELSEN, S. M. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. Effects of home-based Constraint Induced Movement Therapy in individuals with chronic stroke: influence of hand dominance on the maintenance of improvements. In: 8th World Stroke Congress, 2012, Brasília.

TEIXEIRA-SALMELA, L. F. ; PINHEIRO, M. B. ; FARIA, G. S. ; POLESE, J.C. ; FARIA, C. D. C. M. ; MACHADO, G. C. ; BRITTO, R. R. ; PARREIRA, V. F. Stroke survivors demonstrate decreases in respiratory strength regardless of their physical activity levels. In: 8th World Stroke Congress, 2012, Brasília.

TEIXEIRA-SALMELA, L. F. ; POLESE, J.C. ; FARIA, G. S. ; PINHEIRO, M. B. ; MACHADO, G. C. ; BRITTO, R. R. ; PARREIRA, V. F. . Relationships between respiratory and lower limb muscular strength and functional capacity in chronic stroke survivors. In: 8th World Stroke Congress, 2012, Brasília.

FARIA, G. S.; LIMA, R.C.M. ; NASCIMENTO, L.R. ; MICHAELSEN, S. M. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Effects of home-based Constraint-Induced Movement Therapy additioned to trunk restraints on quality of life after stroke: a randomized trial. In: 8th World Stroke Congress, 2012, Brasília.

FARIA, G. S.; LIMA, R.C.M. ; NASCIMENTO, L.R. ; BASILIO, M. L. ; MICHAELSEN, S. M. ; CARVALHO, A. C. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Efeitos da adição de restrição de tronco à Terapia por Contensão Induzida em variáveis cinemáticas e funcionais relacionadas ao membro superior parético: um ensaio clínico aleatorizado. In: Simpósio Internacional de Neurociências, 2012, Belo Horizonte. Revista Médica de Minas Gerais, 2012. v. 22. p. S1-S136.

BASILIO, M. L. ; POLESE, J.C. ; PINHEIRO, M. B. ; FARIA, G. S. ; AVELINO, P. R. ; PARREIRA, V. F. ; BRITTO, R. R. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Follow-up do desempenho motor e funcional em hemiparéticos crônicos. In: XXI Semana de Iniciação Científica - UFMG Conhecimento e Cultura, 2012, Belo Horizonte.

FARIA, G. S.; CARVALHO, A. C. ; NASCIMENTO, L.R. ; LIMA, R.C.M. ; MICHAELSEN, S. M. ; TEIXEIRA-SALMELA, L. F. . Variáveis cinemáticas e funcionais pós-restrição de tronco associada à Terapia de Contensão Induzida em hemiparéticos crônicos: resultados de um ensaio clínico aleatorizado. In: XXI Semana de Iniciação Científica - UFMG Conhecimento e Cultura, 2012, Belo Horizonte.

Participação em eventos

2016 Apresentação de pôster no IV Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional - COBRAFIN.

2015 Apresentação de palestra na I Semana Acadêmica da Faculdade Pitágoras.

2015 Apresentação de Mini-Curso na II Semana Acadêmica da Faculdade Pitágoras

2015 Apresentação de pôster no X Congresso Brasileiro de Doenças Cerebrovasculares.

2014 Apresentação de pôster no III Congresso Brasileiro de Fisioterapia Neurofuncional - COBRAFIN.

2014 Ouvinte no Seminário WILEY: Publication ethics and optimizing yours chances of acceptance in journal.

2013 Apresentação de pôster no VII Simpósio Internacional de Neurociências da UFMG.

2013 Apresentação de pôster no XIV Congresso Mineiro de Neurologia.

2012 Apresentação de pôster no 8th World Stroke Congress.

2012 Apresentação de pôster na XXI Semana de Iniciação Científica – UFMG Conhecimento e Cultura.